

Gildete Rocha Xavier

Português Brasileiro como Segunda Língua:  
*Um Estudo sobre o Sujeito Nulo*

Tese apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Lingüística, na área de Aquisição da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary A. Kato  
Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Perroni

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

X19p

Xavier, Gildete Rocha.

Português brasileiro como segunda língua: um estudo sobre o sujeito nulo / Gildete Rocha Xavier. - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador : Mary Aizawa Kato.

Co-orientador: Maria Cecília Perroni.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição de linguagem. 2. Gramática gerativa. 3. Aquisição da segunda linguagem. 4. Sujeito nulo. 5. Princípios e parâmetros (Linguística). I. Kato, Mary Aizawa. II. Perroni, Maria Cecília. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Título em inglês: Brazilian portuguese as a second language: a null subject study.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Language acquisition; Second language acquisition; Generative grammar; Null subject; Principles and parameters (Linguistics).

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Mary Aizawa Kato (orientadora), Profa. Dra. Maria Eugênia L. Duarte, Profa. Dra. Ilza Ribeiro, Profa. Dra. Ruth Lopes e Profa. Dra. Neide L. Gonzáles. Suplentes: Profa. Dra. Eunice Henriques, Profa. Dra. Raquel Santana e Profa. Dra. Sonia Cyrino.

Data da defesa: 31/08/2006.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós Graduação em Lingüística.

## Banca Examinadora

---

Profª Drª Mary Aizawa Kato (Unicamp)  
(Orientadora)

---

Profª Drª Maria Cecília Perroni (Unicamp)  
(Co-orientadora)

---

Profª Drª Maria Eugenia L. Duarte (UFRJ)

---

Profª Drª Ilza Ribeiro (UFBA)

---

Profª Drª Neide M. González (USP)

---

Profª Drª Ruth Lopes (Unicamp)

---

### Suplentes

---

Profª Drª Eunice Henriques (Unicamp)

---

Profª Drª Sonia Cyrino (Unicamp)

---

Profª Drª Raquel Santana (USP)

LOCAL E DATA DE DEFESA: Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 31 de agosto de 2006.



A

*meus filhos, **Vinicius, Fernanda e Luciana;***

*meus pais, **João e Almira;***

*meus irmãos, **Rilde e Djalma;***

*meu querido irmão a quem eu tanto amava e que,  
recentemente, deixou-nos uma imensa saudade, **João  
Queiroz Filho (in memoriam),***

***Dedico***



## Agradecimentos

**Agradeço** a Deus, em primeiro lugar, pelo milagre da vida.

Em especial, à Profa. Dra. Mary A. Kato, minha orientadora, pela dedicação e disponibilidade que demonstrou em todos os momentos, por todo o incentivo e estímulo, pelos valiosos comentários e sugestões e, principalmente, pela *generosidade*, pela *solidariedade*, pelo *carinho* e *confiança* a mim dispensados, em um dos momentos mais difíceis da minha vida. A sua generosidade, solidariedade e confiança foram fundamentais para que eu conseguisse chegar até o fim. A ela, minha eterna gratidão.

À Profa. Dra. Maria Cecília Perroni, minha co-orientadora, por contribuir, de forma relevante, com discussões, e sugestões à cerca das questões relacionadas à aquisição de língua materna e língua estrangeira.

À Profa. Dra. Eunice R. Henriques que, como membro da banca de qualificação, contribuiu com comentários e sugestões relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos membros titulares da Banca Examinadora, Prof<sup>as</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eugenia L. Duarte, Dr<sup>a</sup> Ilza Ribeiro, Dr<sup>a</sup> Neide M. González, Dr<sup>a</sup> Ruth Lopes; e aos membros suplentes Dr<sup>a</sup> Eunice Henriques, Dr<sup>a</sup> Sonia Cyrino, Dr<sup>a</sup> Raquel Santana, pela colaboração nesse processo.

Ao Prof. Dr. Sírio Possenti, pela orientação do meu trabalho de qualificação na área de Análise do Discurso. E aos Profs. Dr<sup>a</sup> Maria Irma Coudry e Dr. Jonas de Araújo Romualdo pela participação na Banca Examinadora.

Em especial, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ilza Ribeiro, pela leitura, comentários e sugestões durante o processo de elaboração do texto de qualificação em Sociolinguística e pela

participação na banca. E às Prof<sup>as</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Alkmim, Dr<sup>a</sup> Maria Clara Paixão e Dr<sup>a</sup> Ilza Ribeiro, também, pela participação na Banca Examinadora.

Aos Profs. Dr<sup>a</sup> Mary Kato, Dr. Jairo Nunes, Dr<sup>a</sup> Charlotte Galves, Dr. Rodolfo Ilari, Dr. Eduardo Guimarães e Dr. Eduardo Raposo, pelos ensinamentos advindos dos diversos cursos e seminários por eles ministrados, o que contribuiu enormemente para o meu amadurecimento teórico nas questões da linguagem.

Aos informantes da pesquisa, pela gentileza e pela disponibilidade que mostraram para que as gravações das entrevistas que constituíram o *corpus* desse estudo fossem realizadas. Sem eles, seria impossível a realização deste trabalho.

Aos meus pais, João e Almira, por terem me ensinado a caminhar para que eu chegasse até aqui.

Aos meus filhos, Vinicius, Fernanda e Luciana, pelo carinho, compreensão e apoio recebidos ao longo dessa caminhada, e por eles terem apreendido a conviver com a minha presença-ausente. A Vinicius, também, por todas as vezes que, tão carinhosamente, me socorreu nas questões computacionais. A minha querida nora, Karla, pelo apoio, pela generosidade, pelo carinho com que cuidou e tem cuidado de mim nas enfermidades e por ter assumido a minha casa e os meus filhos nos momentos mais difíceis por que passamos recentemente. Ao meu querido genro, Leo, pela torcida e incentivo.

Aos meus irmãos, Rilde e Djalma, que me acompanharam nessa longa trajetória, dando apoio e incentivo, e, principalmente, acreditando que eu fosse chegar até o fim. Em especial ao meu querido irmão Queiroz, que recentemente nos deixou, pelo carinho e pela força, pelo incentivo e por todos os momentos compartilhados.

À colega da Uefs, Hely C. Fonseca, pelo apoio e solidariedade durante essa jornada.

À colega da Uesb e minha amiga-irmã, Conceição Fonseca, pelas discussões, pelas sugestões, pela leitura desse trabalho e, principalmente, pelo incentivo e apoio constantes que nela encontrei.

Ao colega da Uesb, Jorge Viana, pela solidariedade prestada e pela leitura desse trabalho; e às colegas, também da Uesb, Adriana Stella Lessa, Nirvana Ferraz Sampaio e Telma Magalhães, pelo apoio e solidariedade prestados.

A todos os professores e funcionários do IEL - Unicamp que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse trabalho.

À Uefs e ao Departamento de Letras e Artes, pela minha liberação para cursar o Doutorado.

À Capes, pela bolsa de estudos.



*Não parece haver dúvidas, hoje, quanto a língua ser uma propriedade geneticamente programada e parte da arquitetura da mente ser determinada por essa propriedade inata.. Todo o resto é um ponto de interrogação.*

(Mary A. Kato, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 36).



## Resumo

Este estudo objetiva investigar como se dá a aquisição do sujeito nulo do português brasileiro (PB) como segunda língua (L2) por adultos estrangeiros, falantes nativos de Inglês e Italiano em situação de imersão total. A pesquisa desenvolve-se no âmbito da gramática gerativa, dentro do quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981,1986) e do Programa Minimalista (Chomsky, 1993, 1995, 2000). As questões da pesquisa estão relacionadas à questão do acesso à Gramática Universal (GU), por aprendizes de L2. Mais especificamente, procurou-se investigar se os sujeitos aqui analisados têm acesso à GU e, em caso afirmativo, qual seria a forma desse acesso. Os resultados da análise dos dados confirmaram a) a hipótese de **acesso direto à GU**, através do uso do valor *default* do parâmetro *pro-drop* = sujeitos nulos ou preenchidos + a forma verbal uni-pessoal, nas produções dos falantes de inglês e italiano em fase inicial de aquisição e, b) a hipótese do **acesso indireto à GU**, via L1, nas produções dos sujeitos falantes de inglês e italiano em fase não-inicial de aquisição. Além disso, considerando que as línguas *pro-drop* não constituem um único tipo, levantou-se a hipótese de que, com base nos dados do *input*, os aprendizes vão apresentar o *pro-drop* do PB, a partir da aquisição da concordância dessa língua, o que se confirmou. A tese confirma a hipótese do “bilingüismo universal” de Roeper (1999), não apenas para o estágio inicial, mas para os estágios intermediário e final.

## Palavras-chave

1. Aquisição de linguagem. 2. Gramática gerativa. 3. Aquisição da segunda língua. 4. Sujeito nulo. 5. Princípios e parâmetros.



## Abstract

The aim of this study is to investigate the acquisition of the null subject in Brazilian Portuguese (BP) as a second language (L2) by native adult speakers of English and Italian, in a situation of total immersion. The research was developed within the framework of the Principles and Parameters Theory (Chomsky 1981, 1986) and the Minimalist Program (Chomsky, 1993, 1995, 2000). The research attempted to investigate whether the L2 learners have access to Universal Grammar (UG) and what the form of that access would be. The results of the analysis confirmed a) the hypothesis of **direct access to UG**, through the use of the pro-drop parameter's default value = null or overt subjects + the one-person agreement verbal form, in the production of English and Italian speakers in the initial phase of acquisition and, b) the hypothesis of **indirect access to UG** through L1, in the production of the English and Italian speakers in the non-initial phase of acquisition. Considering that pro-drop languages do not constitute a single type, it was hypothesized that, based upon data from the input, the learners would present the pro-drop of BP, starting by the acquisition of the agreement in that language, which was confirmed. The analysis confirms the "universal bilingualism" hypothesis (Roeper, 1999), not only for the initial stage of acquisition, but also for the intermediate and final stages.

## Key-words

1. Language acquisition. 2. Second language acquisition. 3. Generative grammar. 4. Null subject. 5. Principles and parameters.



## Sumário

1 Introdução.....	19
1.1 Considerações Iniciais.....	19
1.2 Perguntas da pesquisa.....	25
1.3 A hipótese empírica.....	27
1.4 Hipóteses teóricas.....	28
1.5 Metodologia.....	30
1.5.1 Os sujeitos da pesquisa.....	30
1.5.1.1 Os falantes nativos de inglês.....	31
1.5.1.2 Os falantes nativos de italiano.....	33
1.5.2 Coleta de Dados.....	36
1.6 Delimitações.....	39
1.7 Organização da tese.....	41
2 O Objeto da Aquisição: <i>o sujeito nulo brasileiro</i> .....	43
2.1 Introdução.....	43
2.2 As propriedades do parâmetro <i>pro-drop</i> .....	44
2.3 Os parâmetros e as categorias funcionais: traços nominais fortes e fracos...	50
2.4 <i>Sujeito nulo no italiano</i> .....	53
2.5 Sujeito nulo no chinês.....	57
2.6 Sujeito nulo no português brasileiro.....	61
2.7 Comparação entre o sujeito nulo do PB e do IT.....	74
2.8 Comparação entre o sujeito nulo do PB e do PE.....	78
2.9 Conclusões.....	83
3. Teoria Gerativa e Aquisição de Linguagem.....	85
3.1 A gramática universal na aquisição de língua materna.....	85
3.1.1 O inatismo.....	87
3.1.2 GU e a TPP.....	88
3.1.3 A marcação de parâmetros.....	93
3.2 Acesso à GU na aquisição de segunda língua (L2).....	100
3.2.1 Hipótese do acesso nulo.....	102
3.2.2 Hipótese do período crítico.....	104
3.2.3 Hipótese do acesso total.....	107
3.2.4 Hipótese do acesso parcial.....	108
3.3 Evidência de GU e/ou da L1 na aquisição de L2.....	110

3.4 A teoria do construcionismo.....	113
3.5 A teoria do bilingüismo universal.....	115
4 Descrição e Análise dos Dados .....	118
4.1 Introdução .....	118
4.2 Construções com sujeitos pronominais lexicais e nulos .....	119
4.2.1 Análise quantitativa .....	123
4.2.2 Análise qualitativa .....	131
4.2.2.1 Fase inicial de aquisição.....	131
4.2.2.2 Fase intermediária.....	143
4.2.2.3 Fase avançada.....	152
4.3 Uso de clíticos.....	161
4.4 Respostas a perguntas sim/não.....	165
4.5 Generalização da análise dos dados.....	174
4.5.1 Estudos sobre a aquisição do sujeito nulo do PB.....	174
4.5.2 Similaridades entre aquisição de L1 e L2.....	178
4.5.3 A influência da L1 no processo de aquisição de L2.....	180
4.5.4 Acesso aos parâmetros da GU.....	185
5. Discussão dos Resultados .....	191
5.1 Introdução .....	191
5.2 Testando a nossa hipótese .....	192
5.2.1 Roeper e a hipótese do bilingüismo universal .....	192
5.2.2 Resumo dos resultados .....	194
5.2.2.1 Variação entre flexão uni-pessoal/flexão com concordância .....	194
5.2.2.2 Comparação de nulos e plenos da gramática atingida em L2 com dados dos falantes do PB .....	194
5.2.2.3 Nulos de 3ª pessoa na fase final .....	196
5.2.3 A fase $S_0$ .....	196
5.2.4 As fases intermediária e avançada .....	198
5.3 Considerações finais .....	199
5.3.1 As teorias sobre o parâmetro <i>pro-drop</i> .....	199
5.3.2 As teorias de aquisição de L2 .....	200
Referências Bibliográficas .....	203

# 1

## Introdução

### 1.1 Considerações iniciais

A aquisição de língua materna (L1) tem sido, desde muito tempo, um assunto de interesse de muitos pesquisadores, mas é nos últimos trinta e cinco anos que os psicolingüistas passaram a fazer um estudo mais sistematizado e mais detalhado desse fenômeno. Tão importante quanto a descrição empírica da aquisição da linguagem é o modelo teórico capaz de explicar tanto a gramática do estado inicial de aquisição quanto a gramática do estado final. A primeira diz respeito ao conhecimento lingüístico presente na mente da criança ao nascer; a segunda refere-se ao que o adulto *sabe* quando é falante pleno de uma língua.

Desde a publicação, em 1959, da resenha, de autoria de Chomsky, do livro *Comportamento Verbal*, de Skinner, a teoria gerativa tem desempenhado um papel crucial nas pesquisas sobre aquisição de língua materna. Ao rejeitar a visão ambientalista de aprendizagem da linguagem<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Na década de 50, as ciências sociais eram dominadas pelo behaviorismo, a escola de pensamento divulgada por John Watson e B. F. Skinner que repudiava o estudo da mente por considerá-lo não-científico. O comportamento era explicado por algumas poucas leis de aprendizagem por estímulo-

Chomsky afirma ser a proposta de Skinner apenas uma vaga descrição do *comportamento verbal* e mera especulação sobre o processo de aquisição. Para Chomsky (1959, p.56), antes de se investigar o comportamento verbal deve-se criar uma “teoria de linguagem que seja capaz de dar conta do estudo das propriedades formais” da gramática.

Para que se possa explicar o comportamento da linguagem, é necessário que se faça, antes de tudo, uma descrição de gramática que contemple um sistema capaz de gerar estruturas sintáticas. Além disso, deve-se explicar a aquisição da linguagem a partir desse conhecimento tão complexo que a criança atinge num espaço de tempo relativamente curto e diante de um *input* considerado fragmentado e imperfeito.

Chomsky argumenta que deve haver, portanto, uma predisposição inata específica para gramática, já que a língua não poderia ser aprendida com base apenas no *input*. Uma predisposição inata para a linguagem explicaria, ao mesmo tempo, por que a criança é capaz de aprender sua língua tão bem e em tão pouco tempo e por que as línguas se parecem em muitos aspectos umas com as outras.

O argumento da “pobreza do estímulo” – num curto espaço de tempo a criança é capaz de dominar a complexa estrutura de sua língua, apesar de estar exposta a um *input* cheio de frases incompletas e truncadas – é considerado como um dos argumentos mais importantes a favor do inatismo e encontra-se ligado ao *Problema de Platão* que pode ser colocado da seguinte maneira: *Como pode o ser humano saber tanto tendo acesso apenas a evidências tão fragmentárias?* (CHOMSKY, 1986).

A teoria que apresenta explicações sobre a aquisição de linguagem deve ser capaz de explicar as características universais presentes em todas as línguas naturais, e, portanto, a habilidade que toda

---

resposta que podiam ser estudadas por meio de ratos e cães. A aprendizagem da linguagem dependeria da exposição ao meio e de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta. Dessa forma, aprender a língua materna não seria diferente da aprendizagem de outras habilidades como, por exemplo, nadar, dançar, etc.

criança tem para aprender uma língua. De acordo com Chomsky, a diversidade e a homogeneidade simultâneas das línguas naturais devem ser entendidas como uma conseqüência de uma faculdade inata, específica da espécie humana que ele chama de “Gramática Universal” (GU):

A teoria da GU tem que satisfazer duas condições óbvias: De um lado, ela tem que ser compatível com a diversidade das gramáticas existentes (de fato e possível). Ao mesmo tempo, a GU tem que ser suficientemente delimitada e restritiva nas opções que ela permite, a fim de explicar o fato de que cada uma dessas gramáticas se desenvolve na mente à base de evidências bastante limitadas. (CHOMSKY, 1981, p.3).

Essa teoria deve também ser capaz de descrever e explicar a aquisição de segunda língua (L2).

De acordo com Flynn (1987), embora a proposta da Gramática Universal (GU) não faça predições explícitas sobre a aquisição de L2, se GU caracteriza uma faculdade de linguagem biologicamente determinada e necessária para a aquisição de uma L1, então parece bastante razoável supor que, de alguma forma, GU também determina a aquisição de L2.

Neste estudo, procuramos examinar essa hipótese para a aquisição do português brasileiro (PB) como L2 por adultos falantes nativos de inglês e de italiano, em situação de imersão. Mobilizamos pressupostos teóricos da Gramática Gerativa, dentro do quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986) e do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995, 2000); e, como objeto de estudo, elegemos o Parâmetro do Sujeito Nulo. Justifica-se a opção pela gramática gerativa, pelo fato de a perspectiva universalista ser capaz de fornecer um forte fundamento teórico, necessário para qualquer estudo sobre a aquisição de linguagem.

A abordagem gerativista que, como sabemos, compreende o trabalho de Chomsky e seus seguidores assume que os falantes de uma língua possuem uma gramática interna, um sistema computacional, que gera, de forma automática, as sentenças dessa língua. A partir dessa perspectiva, a habilidade para a construção dessas gramáticas deriva de uma faculdade inata para a linguagem em cujo núcleo – conhecido como Gramática Universal – encontram-se os princípios responsáveis por determinar a forma que as gramáticas podem tomar.

A teoria gerativa assume a visão inatista de que a linguagem é geneticamente programada e se desenvolve na criança de acordo com um programa rígido e num curto período de tempo, na presença de qualquer língua humana dada como *input*. Sabendo-se que as línguas humanas compartilham muitas características essenciais e que são constrangidas por princípios universais, ficaria explicada a aquisição de L1. Nesse sentido, tem sido assumido que a Gramática Universal é responsável por guiar a aquisição de L1. A GU inclui princípios invariantes, isto é, princípios que são comuns a todas as línguas e, também, parâmetros que são responsáveis pela variação entre as línguas.

A questão do acesso/não-acesso à GU por aprendizes de L2 tem se constituído num assunto de grande interesse para os estudos gerativistas (FLYNN, 1987; WHITE, 1989; EUBANK, 1991; EPSTEIN et al., 1996, entre outros). Por exemplo, explicar o que faz com que falantes de segunda língua sejam capazes de construir gramáticas internas tem se constituído num dos principais tópicos de pesquisa para aqueles estudiosos interessados em compreender como as pessoas adquirem a sintaxe de uma segunda língua, ou seja, quais mecanismos ou dispositivos o cérebro humano disponibiliza para a tarefa de construção das gramáticas de L2.

Muitos pesquisadores na área de aquisição de L2 têm defendido que o conhecimento da gramática de L2 que os falantes desenvolvem vai

além das propriedades presentes tanto no *input* da língua alvo quanto na L1 dos aprendizes, e isso constitui o **problema lógico** da aquisição de segunda língua: como falantes de L2 podem saber o que sabem com base em amostras fragmentadas de linguagem (BLEY-VROMAN, 1990; GREGG, 1996; WHITE, 1989)? Por exemplo, a habilidade que falantes de L2 têm para produzir e compreender sentenças nunca antes encontradas, a habilidade em distinguir sentenças gramaticais de sentenças não-gramaticais e a construção, de forma sistemática, de representações inexistentes tanto na L2 quanto na L1, mas que podem ser encontradas em outras línguas humanas, todas essas habilidades constituem o conhecimento gramatical para o qual o *input* da L2 ou a L1 fornece pouca ou nenhuma evidência.

Através do trabalho de Chomsky (1981, 1986, 1995, 2000) sobre a natureza das gramáticas de falantes nativos adultos, pesquisadores de segunda língua passaram a contar com uma abordagem sofisticada de aquisição de linguagem para entender os mecanismos que estão por trás da habilidade do ser humano de construir gramáticas internas. Nessa abordagem, as gramáticas das línguas humanas são construídas num mesmo padrão, ou seja, existe uma Gramática Universal que subjaz às gramáticas particulares de línguas específicas.

A partir dos anos 80, o modelo conhecido como Teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986) passou a fornecer subsídios a muitos estudiosos interessados em pesquisas sobre primeira e segunda línguas. Com base nessa teoria, vários trabalhos sobre a aquisição de L2 foram desenvolvidos com o objetivo de estabelecer se um adulto adquirindo uma L2 tem acesso à GU ou não, se há “transferência” ou não de valores paramétricos da L1 para a L2 que está sendo adquirida. Vários pesquisadores assumem que a aquisição de L2 é semelhante à aquisição de L1, ou seja, que GU encontra-se disponível para o processo de aquisição de L2 (WHITE 1985a, 1985b; FLYNN, 1987; EPSTEIN et al., 1996).

A partir do postulado de que a aquisição de L2 é semelhante à aquisição de L1, as perguntas que têm sido colocadas são as seguintes: se a criança, quando adquire uma língua marca os parâmetros para essa língua, como seria a marcação de parâmetros para o adulto aprendiz de L2? Essa marcação seria também mediada por GU? Em outras palavras, GU ainda seria acessível ao adulto aprendiz de L2?

As respostas a essas perguntas têm sido abordadas por alguns pesquisadores que assumem a acessibilidade de GU e pesquisam como os parâmetros são fixados (WHITE, 1985; FLYNN, 1987; VAINIKKA & YOUNG-SCHOLTEN, 1996; SCHWARTZ & SPROUSE, 1996; EPSTEIN et al, 1996; entre outros). Outros pesquisadores, no entanto, não aceitam essa possibilidade e argumentam que a aquisição de L1 e L2 são processos completamente diferentes, uma vez que GU não é acessível ao aprendiz de L2, mas apenas ao aprendiz de L1 (CLAHSEN & MUYSKEN, 1986, 1996; CLAHSEN, 1988; BLEY-VROMAN, 1989).

A partir de um estudo que realizamos em Xavier (1999)<sup>2</sup> sobre a aquisição do português brasileiro (PB) por um adulto estrangeiro (Johnny) que tinha como língua materna o chinês, mas que também era falante de inglês, constatamos que, no estágio inicial da aquisição, o sujeito da nossa pesquisa não utilizou a sua experiência do inglês, ou seja, não houve transferência dos parâmetros do inglês para o PB, pelo menos no que diz respeito aos dois parâmetros analisados: o parâmetro do sujeito nulo e o do movimento do verbo.

Quanto ao papel da GU, no processo de aquisição do PB como segunda língua, não foi possível determinar na pesquisa, mencionada acima, com certeza, se Johnny utilizou a GU, através da hipótese do

---

<sup>2</sup> Ver XAVIER, G. R. **Aquisição do Português Brasileiro por um falante chinês**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, São Paulo, 1999.

sujeito nulo como valor *default*<sup>3</sup>, ou a sua L1, que permite sujeito pronominal nulo, já que assumimos, seguindo Kato (1999), a hipótese de que o *pro-drop* chinês<sup>4</sup>, L1 de Johnny, é o próprio *default* e, no caso dele, portanto, GU e L1 se confundem.

O presente estudo, portanto, justifica-se pela necessidade de dar continuidade à pesquisa desenvolvida em Xavier (1999), e se propõe a analisar o desenvolvimento lingüístico de aprendizes de L2 com relação ao parâmetro *pro-drop*. Nosso objetivo será responder à pergunta deixada em aberto em Xavier (1999): aprendizes de L2 têm acesso direto à GU ou o acesso à GU se dá via L1? Objetivando alcançar maior generalização do estudo na área, analisamos, desta vez, falantes adultos nativos de outras línguas diferentes do *default*, como o inglês, uma língua não-*pro-drop*, e o italiano, uma língua de sujeito nulo que o licencia através da flexão.

## 1.2 Perguntas da pesquisa

Na pesquisa que originou este trabalho, o objetivo geral é discutir a questão do acesso à GU por adultos aprendizes de segunda língua. Pretendemos verificar como se dá a aquisição do sujeito nulo do PB por adultos estrangeiros em situação de imersão; fazemos uma descrição das diferenças entre o sujeito nulo do PB e das outras línguas estrangeiras envolvidas; mostramos como o sujeito nulo e os fenômenos a ele

<sup>3</sup> A opção *default* é necessariamente anterior a qualquer experiência lingüística, e é programada já no mecanismo de aquisição para garantir um comportamento que não viole as regras da GU. No caso do parâmetro *pro-drop*, o sujeito nulo foi considerado a opção *default* (HYAMS, 1986).

<sup>4</sup> De acordo com Kato (1999a), línguas como o chinês e o japonês, consideradas como línguas que não apresentam qualquer concordância verbal (cf. HUANG, 1984), apresentam concordância verbal de uma só pessoa gramatical, que é a forma não-marcada de 3ª pessoa do singular. Considerando que em japonês as formas utilizadas para se referir às três pessoas do discurso são formas de tratamento, essa língua pode ser referida como tendo pessoas distintas no discurso, mas apenas uma pessoa gramatical: a 3ª, que é própria dos nomes. Uma vez que não há distinção de pessoa e que há apenas uma forma não-marcada no paradigma, Kato propõe para o japonês e o chinês a existência de *Agr* zero, da mesma forma que acontece para a 3ª pessoa do singular nas línguas românicas. Propõe, finalmente, que: *All languages have Agr somewhere in the grammar. The so-called languages without Agr are the ones that have a one-person Agr which is the unmarked third person singular* (p.36).

relacionados são adquiridos por falantes de outras línguas e, finalmente, mostramos que tipo de acesso à GU têm os sujeitos aqui estudados.

Mais especificamente, objetivamos analisar construções com sujeitos nulos e preenchidos, bem como o surgimento da concordância verbal. Sabendo-se que o português brasileiro, ao contrário das línguas *pro-drop* prototípicas, é uma língua que apresenta sujeitos nulos apenas em contextos bastante específicos, vamos observar seu aparecimento quanto ao tipo de contexto e quanto à frequência com que ocorrem. Com relação à concordância verbal, pretendemos verificar se a presença desta está ou não diretamente relacionada à emergência do sujeito nulo do PB.

Tendo em vista o fato de que são poucos os estudos sobre o português brasileiro, pelo menos no que se refere à aquisição de segunda língua, no âmbito da teoria gerativista, esse estudo, por certo, trará uma contribuição relevante para o campo dos estudos de aquisição do português brasileiro como L2.

Considerando que: (a) o inglês é uma língua não-*pro-drop*; (b) entre os falantes de inglês pesquisados, dois têm o espanhol como segunda língua; (c) italiano e espanhol são línguas *pro-drop*; (d) existem línguas *pro-drop* de vários tipos (cf. o item 2.2), entre as quais encontra-se o PB; (e) italiano e espanhol são línguas de sujeito nulo prototípicas e constituem um tipo de língua *pro-drop* diferente do PB, já que possuem morfologia rica de concordância e o PB não, as questões empíricas e teóricas que procuramos responder são as seguintes:

Nas fases iniciais da aquisição do PB como L2,

a) O desenvolvimento dos sujeitos pode ser comparado ao de crianças quando da aquisição do sujeito nulo no PB como L1? (SIMÕES, 1997, 2000; MAGALHÃES, 2006).

b) Há diferenças no processo de aquisição que são determinadas pela L1 dos sujeitos? Com relação ao parâmetro *pro-drop*, que traços da L1 dos sujeitos estão presentes na interlíngua<sup>5</sup> (IL) dos aprendizes?

c) Os dados dessa pesquisa endossam quais teorias sobre aquisição de L2? Se há acesso à GU, qual é a forma desse acesso usada pelos sujeitos?

### **1.3 A hipótese empírica**

Tomando como ponto de partida os resultados obtidos no estudo de Xavier (1999), apresentamos a hipótese a seguir:

O desenvolvimento lingüístico dos sujeitos da nossa pesquisa deverá ser semelhante àquele apresentado por crianças que estão adquirindo o sujeito nulo do PB como L1, apresentando duas fases distintas de desenvolvimento :

Fase I: Emergência de sujeitos nulos para as três pessoas do discurso e concordância unipessoal (cf.KATO, 1999a).

Fase II: Emergência de sujeitos preenchidos em alternância com sujeitos nulos e de concordância para mais de uma pessoa gramatical.

---

<sup>5</sup> Neste trabalho, o termo “interlíngua” ou “gramáticas da interlíngua” refere-se às gramáticas não-nativas. O conceito de interlíngua foi proposto nos anos 60 e 70 por diversos pesquisadores, entre os quais, Adjémian (1976), Corder (1967), Nemser (1971) e Selinker (1972). Esses pesquisadores apontaram para o fato de que a língua falada por aprendizes de uma L2 é sistemática e que os erros produzidos por esses aprendizes não consistem de qualquer tipo de erro aleatório, mas sugerem um comportamento guiado por regras. Essas observações levaram à proposta de que aprendizes de L2, da mesma forma que os falantes nativos, representam a língua que estão adquirindo através de um sistema lingüístico complexo.

## 1.4 Hipóteses teóricas

Em Xavier (1999), quando comparamos a aquisição do sujeito nulo do PB por crianças brasileiras e por um falante chinês e encontramos a mesma ordem desenvolvimental para a aquisição desse fenômeno sintático, não foi possível decidir se o falante chinês estava utilizando a GU como opção *default* ou sua L1, já que levantamos a hipótese de que o *pro-drop* chinês é o valor *default* da GU. Vimos, também, que a L2 desse sujeito, o inglês, não poderia ser considerada o estado inicial ( $S_0$ ) para a L3, o PB, dada a presença de sujeitos nulos nos dados.

Com base na hipótese de que o *pro-drop* chinês<sup>6</sup> é o valor *default* da GU para a aquisição de L2, em oposição à hipótese, defendida por muitos autores, de que a L1 constitui o estado inicial da aquisição de L2, formulamos duas hipóteses:

- a) Se o falante de italiano, em fase inicial do processo de aquisição de L2, apresentar sujeitos pronominais nulos em orações com tempo finito, e sujeitos pronominais expressos apenas para os casos de ênfase ou contraste e se nos dados do falante de inglês, também em fase inicial, houver predominância de sujeitos pronominais expressos, a nossa hipótese é a de que esses aprendizes estão transferindo para o PB o valor do parâmetro do sujeito nulo de sua L1:  **$S_0 = L1$** .
- b) Se, no entanto, for verificada alternância entre sujeito pronominal nulo e preenchido, com concordância uni-pessoal, nas produções do falante de inglês e do falante de italiano, e supondo que [+*pro-drop*] seja o valor não-marcado do

---

<sup>6</sup> Para Kato (comunicação pessoal), a idéia do nulo chinês como *default* é intuitivamente mais interessante, pois a morfologia marcada do italiano é de aprendizagem mais custosa.

parâmetro, a nossa hipótese é que esses aprendizes estarão utilizando a GU, através da hipótese do sujeito nulo como opção *default*: **S<sub>0</sub> = valor default do parâmetro = sujeito nulo e morfologia verbal uni-pessoal<sup>7</sup>.**

Considerando a hipótese de muitos autores de que os parâmetros da GU continuam disponíveis para a aquisição de uma segunda língua, em oposição à hipótese da não-aquisição de novos valores paramétricos, apresentamos duas hipóteses para os falantes do PB como L2 nas fases intermediária e avançada de desenvolvimento:

- c) Se os falantes de inglês e italiano, em fase não-inicial de aquisição, exibirem sujeito nulo em alternância com sujeito pronominal pleno, e se usarem morfologia verbal distinta para a primeira e terceira pessoas do discurso em suas produções, a nossa hipótese é que os parâmetros da GU continuam acessíveis aos aprendizes de L2.
  
- d) Se, por outro lado, forem verificados apenas sujeitos pronominais preenchidos nas produções dos falantes de inglês e sujeitos predominantemente nulos nas produções dos falantes de italiano, e se houver predominância de morfologia verbal uni-pessoal nas produções de ambos os grupos de aprendizes, a nossa hipótese é que a aquisição de novos valores paramétricos é impossível para o aprendiz de L2.

---

<sup>7</sup> Considerando que a concordância só passa a fazer parte da estrutura da criança ou do aprendiz de uma L2, através do *input*, Kato (1999a) postula que entre uma opção que envolve morfologia forte ou rica e outra que não, o valor *default* seria a que não apresenta morfologia flexional ou que apresenta uma morfologia invariante, uni-pessoal.

Para a análise dos dados, vamos considerar que os sujeitos da presente pesquisa apresentam diferentes tipos de bilingüismo nas três fases de aquisição (inicial, intermediária e avançada). O bilingüismo pode acontecer: a) entre *+pro-drop (default)* e *-pro-drop* para falantes de inglês; entre *+pro-drop (default)* e *+pro-drop (italiano)* para falantes de italiano; entre *+pro-drop (italiano)* e *semi-pro-drop (PB)*.

## 1.5 Metodologia

### 1.5.1 Os sujeitos da pesquisa

Os *corpora* desta pesquisa são constituídos da fala de seis adultos, cada um numa fase do processo de aquisição – inicial, intermediária e avançada – do português brasileiro como segunda língua. Três destes têm o italiano como língua materna e os outros três são falantes nativos de inglês. Essa divisão em fases se baseia no desenvolvimento lingüístico dos sujeitos durante a coleta de dados, segundo parâmetros comparativos entre eles. O fato de os sujeitos italianos serem mais fluentes que os americanos se explica em função da distância tipológica entre as LMs dos sujeitos. O italiano é uma língua próxima do português e o inglês é de distância média. Por isso, como se verá na análise dos dados, existem muitas diferenças entre as fases dos falantes nativos de inglês, e as dos falantes nativos de italiano. Essas diferenças podem ser verificadas tanto no ritmo de aprendizagem/aquisição da língua-alvo, quanto no desenvolvimento lingüístico e no desempenho (“rate, route, success”; ELLIS, 1985)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Agradeço à Professora Eunice Henriques por ter chamado a minha atenção para esse fato, quando da sua participação como membro da Banca de Qualificação da presente tese.

Os sujeitos da presente pesquisa, além da língua materna, declararam falar também outras línguas, o que nos leva a considerar a aquisição do PB como uma L3 ou até mesmo uma L4. Entretanto, nesse trabalho, o PB será referido como L2, independentemente do número de línguas anteriormente dominadas pelos sujeitos.

Começaremos com a descrição dos falantes de inglês – Emily, Monica e Mark – para, em seguida, descrever os falantes de italiano – Sergio, Aldo e Roberto.

#### **1.5.1.1 Os falantes nativos de inglês**

Os falantes de inglês – Emily, Monica, e Mark – são norte-americanos, têm em média 20 anos de idade e são universitários. Chegaram a Salvador através de um programa de intercâmbio. Durante as 6 semanas que permaneceram em Salvador, moraram em casas de famílias brasileiras e estudaram português numa escola especializada para estrangeiros. O Programa oferecia cinco horas de aula por dia, de segunda a sexta. Pela manhã, três horas de aula de língua, e à tarde, duas horas de literatura e cultura brasileiras. A programação cultural consistia de passeios turísticos pela cidade nos finais da tarde, e de viagens para cidades turísticas próximas a Salvador nos finais de semana.

**Emily** tem 19 anos, é filha de pais norte-americanos e nasceu e morou na Suíça até os quatro anos de idade. Aprendeu francês, inglês e alemão quando era criança. Atualmente, só fala inglês e francês. Aos quatro anos de idade, mudou-se com seus pais para o Tennessee, nos Estados Unidos, onde estudou francês durante o ensino fundamental e médio, por 10 anos. No momento, Emily mora na Califórnia e faz Comunicação Internacional na Universidade de Santa Cruz. Em Salvador,

morou com uma família brasileira composta de seis pessoas: pai, mãe, dois irmãos e duas irmãs. Ela dizia ser muito difícil a comunicação com as pessoas da sua família brasileira nos primeiros dias, porque ninguém da família falava inglês. No curso de português para estrangeiros, que compreendia os níveis iniciante, intermediário e avançado, Emily foi matriculada no nível iniciante.

**Monica** tem 22 anos, nasceu em Santa Bárbara, Califórnia e está cursando o último ano de Fisiologia numa universidade em Los Angeles. Seus pais são americanos mas, por terem vivido muitos anos no Texas, falam também espanhol. Monica, que nasceu e sempre viveu na Califórnia, não é totalmente fluente em espanhol. Ela diz que fala melhor a língua quando está no México. Embora não tenha estudado português antes de vir ao Brasil, ela diz que costumava freqüentar restaurantes brasileiros com seus pais e com alguns amigos que falavam português.

Quando chegou a Salvador, Monica foi morar com uma família brasileira. Na verdade, a família se resumia a uma única pessoa, que era a mãe brasileira. Era uma senhora de idade avançada, viúva e morava sozinha. Monica reclamou um pouco do fato de não ter com quem falar quando estava em casa à noite, pois, segundo ela, a senhora ou estava vendo TV ou estava dormindo.

Isso, entretanto, não parece ter se constituído num problema para a aquisição do português já que, depois de uma semana freqüentando o curso de português, foi transferida do nível iniciante para o nível intermediário. Talvez pelo fato de já falar espanhol, uma língua latina bastante próxima do PB, ela tenha sentido mais facilidade em apreender o português.

**Mark** tem 20 anos de idade, nasceu nos Estados Unidos e, atualmente, mora em Nova Jersey onde estuda matemática em nível de graduação. Seus pais são também norte-americanos. Ele fala fluentemente

o espanhol e está no nível avançado do curso de português que está fazendo em Salvador. Mark estudou espanhol durante sete anos quando fazia o ensino fundamental e médio. Além disso, passou seis semanas na Espanha recentemente. Além de espanhol, também fala português.

Antes de vir para o Brasil, estudou português com uma professora brasileira, num curso para alunos falantes de espanhol. Segundo o seu relato, foi muito fácil aprender o português porque a sua gramática é muito semelhante à gramática do espanhol. Ele diz ter aprendido praticamente toda a gramática do português nos quatro meses de curso. Além de ter aprendido português através de instrução formal, Mark pôde colocar em prática o que aprendeu através do contato que teve com outros brasileiros que faziam, junto com ele, um curso de capoeira com um professor brasileiro em Nova Jersey.

Finalmente, durante as seis semanas que passou em Salvador, morando com uma família brasileira, Mark teve a oportunidade de conviver mais de perto com a língua e a cultura brasileiras. Quando estava em casa, falava sempre português, pois além do seu interesse em praticar a língua, sua mãe e irmão brasileiros não falavam inglês.

#### **1.5.1.2 Os falantes nativos de italiano**

Os falantes nativos de italiano – Roberto, Sérgio e Aldo – são adultos, com idades de 55, 49 e 27 anos respectivamente e possuem terceiro grau completo. Nenhum deles falava ou estudou português antes de vir para o Brasil.

**Roberto** é de Florença, centro da Itália. Antes de vir ao Brasil, viajou por vários países da Europa e da América, mas não fala outras línguas, além da sua língua materna, o italiano. Entende um pouco o espanhol o qual aprendeu durante suas viagens pela América Central e

agora, no Brasil, está aprendendo a falar o português. Roberto tem 55 anos, é casado e tem dois filhos. Mora na Itália e trabalha no comércio de confecções.

**Sérgio** é filho de pais italianos. Tem 49 anos, é solteiro e morou em vários países antes de vir para o Brasil. Na Itália, é professor de italiano, latim, história e literatura italiana no ensino fundamental e médio. Trabalhou como professor leitor ensinando italiano e literatura italiana na Austrália, Inglaterra e Israel durante mais ou menos dez anos. A sua segunda língua é o inglês, pois morou na Austrália e na Inglaterra durante sete anos. Embora tenha estudado francês e alemão na Itália e tenha morado três meses na Alemanha, ele diz que fala e compreende francês, mas não fala mais o alemão.

Veio para o Brasil enviado pelo governo da Itália para atuar como professor leitor na Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde dá aulas de italiano e literatura italiana. Perguntado se havia estudado português antes de vir para o Brasil, ele responde que apenas leu um pouco, pois não tinha tempo para estudar e que, por esse motivo, considerava-se “completamente virgem” na língua. Assim que chegou a Salvador, Sergio freqüentou, durante dois meses, um curso de português para estrangeiros, oferecido pela UFBA como curso de extensão. Exceto por esse curso, o seu contato com a língua foi muito restrito nesses dois primeiros meses, pois além de morar sozinho e, portanto, não ter com quem falar a língua, quando estava na universidade falava quase sempre em italiano com os seus colegas de departamento.

**Aldo** tem 27 anos, e além da sua língua materna, o italiano, fala inglês e francês e entende um pouco de espanhol. Filho de pais italianos, Aldo nasceu numa cidade da Itália que fica perto de Milão e a sete quilômetros de distância da fronteira com a Suíça. Ficou pouco tempo na Itália (mais ou menos um ano) e logo se mudou com seus pais para a

Suíça (a Suíça italiana) onde viveu até o ano 2000, época em que terminou a graduação em Ciências Políticas. Em seguida, morou durante seis meses na África do Norte e um ano na Austrália antes de voltar para a Itália. Em 2002, já em Milão, iniciou mestrado em economia política e relações internacionais, e veio ao Brasil para fazer um levantamento sobre cursos profissionalizantes, pois o seu objetivo era fazer um estudo comparado entre as escolas profissionalizantes do Brasil e da Suíça.

Ficou no Brasil durante três meses, tempo suficiente para desenvolver sua pesquisa. Embora não tenha tido nenhum contato com a língua portuguesa, nem mesmo através de instrução formal, antes de vir para o Brasil, ele diz não ter tido muita dificuldade de se comunicar nos primeiros momentos, porque havia feito um curso de espanhol antes da sua viagem para o Brasil. Na verdade, Aldo pretendia desenvolver sua pesquisa em algum país da América Latina, e por esse motivo resolveu estudar espanhol. Nas duas primeiras semanas, ficou morando numa comunidade religiosa com padres jesuítas e depois passou a morar sozinho. Mesmo morando sozinho, ele não ficou privado do contato com a língua portuguesa já que passava a maior parte do tempo fora de casa. Aldo relata que o ambiente onde desenvolvia sua pesquisa – Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica (CEAP) – foi muito importante para o seu desenvolvimento no que se refere à aprendizagem do português, pois no seu local de trabalho, além de se comunicar todo o tempo falando apenas português, as pessoas de lá o ajudavam muito, tirando dúvidas e corrigindo sua fala sempre que ele cometia algum “erro”.

No Quadro 1, mostramos a idade, o *background* lingüístico, a fase de desenvolvimento do português como L2 e a língua materna de cada um dos sujeitos estudados.

**QUADRO 1 - Idade, *background* lingüístico, fase de desenvolvimento e língua materna dos sujeitos estudados**

Sujeitos	Idade	<i>Background</i> lingüístico	Fase de desenvolvimento	Língua Materna
Emily	19	Francês e alemão	Inicial	Inglês
Roberto	55	Espanhol (+ ou -)	Inicial	Italiano
Monica	22	Espanhol	Intermediário	Inglês
Sergio	49	Inglês e francês	Intermediário	Italiano
Mark	20	Espanhol	Avançada	Inglês
Aldo	27	Inglês, francês, espanhol (+ ou -)	Avançada	Italiano

### 1.5.2 Coleta de dados

Os dados que compõem os *corpora* da presente pesquisa, como já demonstramos, são provenientes da fala de três adultos cuja língua materna é o inglês e de três adultos falantes nativos de italiano, aprendendo português brasileiro como segunda língua em situação de imersão total.

Trata-se de uma pesquisa naturalística, observacional, em que os dados foram organizados de forma a refletir uma simulação do processo de aquisição de L2 em 3 fases: inicial, intermediária e avançada. Essas três fases foram estabelecidas como uma forma aproximada e simplificada de caracterizar o nível de conhecimento/domínio da língua alvo pelos sujeitos. O objeto de estudo é, como já mencionado, o uso de sujeitos pronominais plenos e nulos, por dois grupos de sujeitos: (1) falantes de uma língua *pro-drop*; (2) falantes de uma língua *não-pro-drop*. O método selecionado traz as vantagens de permitir que categorias possam emergir mais naturalmente do que ocorre nos experimentos; permitir também dar conta do fato de que o desenvolvimento é contínuo, portanto, tal método é visto como mais adequado quando se pretende chegar a uma análise qualitativa dos dados. Dada a particularidade de nossos dados, não seria

possível um estudo de outra natureza. Lembre-se que os sujeitos americanos ficaram no Brasil por um período de tempo fixo: aproximadamente 6 semanas, como previsto pelo sistema de intercâmbio do qual participaram. Quanto aos italianos, permaneceram no Brasil por diferentes períodos de tempo: 6 semanas, 9 semanas e 48 semanas. Como se pode ver, além do número reduzido de sujeitos, praticamente um para cada fase e para cada língua, o tempo de permanência é bastante irregular.

Os dados foram coletados a partir da produção espontânea dos sujeitos em sessões semanais de gravação realizadas pela própria pesquisadora. As gravações foram realizadas em situações de interação normal, sem planejamento de cunho experimental, para que se pudesse obter uma amostra o mais natural possível. As interações ocorreram através de diálogos que tinham como objetivo estimular a capacidade de narrar dos informantes.

Procuramos fazer as gravações, inicialmente, com sessões de uma hora de gravação semanal para os falantes de italiano. Em primeiro lugar, porque eles se mostraram bastante receptivos para as entrevistas. Em segundo lugar, pelo fato de que dois deles ficariam no Brasil por apenas dois meses e meio mais ou menos. Embora o nosso objetivo fosse fazer gravações semanais, isso não foi possível para dois dos falantes de italiano porque algumas vezes eles não se encontravam em Salvador (cidade onde estavam sendo feitas as entrevistas).

Assim, com Roberto foram realizadas apenas quatro sessões de gravação, num total de quatro horas. A primeira gravação aconteceu no seu quinto dia de estadia no Brasil. Teve a participação de sua esposa e aconteceu na UFBA, a universidade em que ela estava estudando. As demais entrevistas foram realizadas na residência do informante.

Com Aldo, foram realizadas cinco horas de entrevista, em cinco sessões semanais de gravação. A primeira entrevista ocorreu em sua casa, cinco semanas após a sua chegada, e as demais, no CEAP, seu local de trabalho.

Os dados de Sergio, que começaram a ser coletados três semanas depois da sua chegada ao Brasil, compreendem dezenove entrevistas de aproximadamente uma hora de duração cada, totalizando dezesseis horas e trinta e cinco minutos. As duas primeiras gravações foram feitas na UFBA onde Sergio trabalhava como professor leitor de italiano. As dezessete gravações restantes foram realizadas em sua residência.

Em relação aos sujeitos falantes nativos de inglês, as gravações foram realizadas todas no ACBEU (Associação Cultural Brasil-Estados Unidos) durante o intervalo entre as aulas do período da manhã e da tarde. Assim, entre meio-dia e duas horas da tarde, os três informantes eram entrevistados, cada um a seu turno, durante trinta minutos aproximadamente. As gravações foram realizadas ao longo de cinco semanas, sendo que a primeira entrevista ocorreu após uma semana de estadia dos sujeitos em Salvador.

Dado o curto período de tempo de estadia em Salvador dos falantes de inglês, pretendemos, inicialmente, que as gravações tivessem, em vez de trinta minutos, uma hora de duração, para que se pudesse colher uma quantidade maior de dados. Infelizmente, isso não foi possível porque eles tinham uma agenda bastante apertada com aulas pela manhã e à tarde, além das programações culturais quase todos os dias.

Assim, os dados que compõem os *corpora* referentes aos falantes nativos de inglês se constituem de quatro sessões de gravação para Emily,

cinco sessões de gravação para Monica e três sessões de gravação para Mark<sup>9</sup>.

## 1.6 Delimitações

Os dados dos sujeitos refletem sua competência lingüística, até o momento da coleta, ou seja, o conhecimento adquirido parcial ou totalmente.

Fases de aquisição: os dados representam uma fase do processo de cada sujeito (inicial, intermediária e avançada), levando-se em conta, também, fatores facilitadores (como a proximidade tipológica entre a L1, o italiano, e a L2) e dificultadores (como a distância média entre a L1, o inglês, e a L2).

Dependendo da distância entre a L1 do sujeito e a L2, os dados de um falante de italiano (FIt), na fase inicial, se comparados aos de um falante de inglês (FIn), também em fase inicial, ficarão evidentes determinadas diferenças, tais como:

(I)número de palavras:

- (a) a maior frase tem 19 palavras (FIt);
- (b) a maior frase tem 13 palavras (FIn).

(II)influência da L1 / *previous* L2:

- (a) “si”, “non”, “solo”, “eco”, “una”, “esto”, “cosa”, “película”, “estudia”, “possibile”, “adonde”, “io”, “perque”, “ancora”, “tiene”, “solamente”, “povera”, “pero”, “tejado”, rapinato”, “quince, decioto” (FIt);

---

<sup>9</sup> O número de sessões que deveria ser o mesmo para os três informantes, pois todos faziam parte do mesmo programa, ficou reduzido a 4 sessões para Emily e 3 para Mark porque eles não se mostraram dispostos para todas as entrevistas .

(b) “communications”, “move to”, “tiempo”, “say”, “remember”, “personas”, “mio”, “rice”, “mi mãe”, “many times”, “manhana”, “sometimes”, “sand”, “bus” (FIn);

(III) tópicos:

(a) vida cara; morar fora; MST; filme; família; mulher brasileira; alugar carro, etc. (FIt);

(b) racismo, o homem brasileiro (FIn).

(IV) uso de “sim” ou “si” em “yes/no questions”:

(a) “viajei, si” (FIt);

(b) “in pousada, sim” (FIn);

(V) ritmo de fala:

(a) repetições [“que, que”]; hesitações (FIt);

(b) pausas (FIn).

Irregularidade quanto ao número de sessões por sujeito: como o número de sessões varia muito de sujeito para sujeito (Mark, três; Sergio, dezenove), a análise quantitativa levará em conta apenas as primeiras três sessões de cada sujeito; a análise qualitativa, no entanto, levará em conta todas as sessões registradas.

Como o objetivo da tese é verificar a forma de acesso à GU por aprendizes do português brasileiro como L2, serão desconsiderados, na análise dos dados, os fatores sócio-lingüísticos, os individuais dos sujeitos e os extra-lingüísticos.

## 1.7 Organização da tese

Além da Introdução, este trabalho apresenta quatro partes.

Em 2, **O Objeto da Aquisição: o Sujeito Nulo Brasileiro**, discutimos questões relacionadas ao Parâmetro *pro-drop*, objeto do nosso estudo. Mostramos que as línguas *pro-drop* não são de um único tipo, requerendo, portanto, possíveis subparametrizações (KATO, 2002; SIGURÐSSON, 1993). Descrevemos o *pro-drop* do italiano e do português brasileiro (PB) e do chinês, línguas envolvidas no nosso estudo, e mostramos que enquanto no italiano identifica-se o sujeito nulo através da concordância, no PB, uma língua *semi-pro-drop*, os sujeitos nulos compreendem apenas os nulos não-argumentais ou expletivos que não precisam ser identificados e o nulo referencial de 3ª pessoa. Mostramos, ainda, que o Inglês (língua também envolvida nesse estudo), embora considerada uma língua [-sujeito nulo], é classificada como *topic-drop* quando permite sujeitos nulos de 1ª e 2ª pessoas em orações matrizes. Fazemos uma comparação entre o sujeito nulo do PB com o nulo do italiano, do português europeu, e do chinês e mostramos o tipo de nulo que os falantes de italiano e de inglês, adquirindo o PB como L2, terão que aprender.

Em 3, **Teoria Gerativa e Aquisição da Linguagem**, abordamos as teorias sobre aquisição de L1 e L2 no âmbito da gramática gerativa. Começamos com uma descrição da GU e do seu papel na aquisição de língua materna e apresentamos duas hipóteses que tratam da fixação de parâmetros pela criança de modos distintos: a Hipótese Maturacional e a Hipótese da Continuidade. Descrevemos, em seguida, as várias hipóteses de acesso *versus* não-acesso à GU relacionadas à aquisição de uma L2. Mostramos que as diferenças entre a aquisição de L1 e L2 estão relacionadas à Hipótese da Diferença Fundamental (BLEY-VROMAN, 1990)

que está intimamente ligada à questão da idade crítica. Mostramos, por fim, que dentre as teorias de aquisição de linguagem apresentadas, a teoria do Bilingüismo Universal (ROEPER, 1999) é a que melhor explica a aquisição de uma nova língua.

Em 4, **Descrição e Análise dos Dados**, descrevemos e analisamos os dados de aquisição do PB por falantes de italiano, uma língua [+*pro-drop*], e falantes de inglês, uma língua [-*pro-drop*], e mostramos que eles são capazes de chegar à gramática do PB, o que está em conformidade com as teorias que defendem acesso aos parâmetros da GU.

Finalmente, em 5, **Discussão dos Resultados**, discutimos os resultados e apresentamos as conclusões finais a que esse estudo nos levou.

## 2 O Objeto da Aquisição: O Sujeito Nulo Brasileiro

### 2.1. Introdução

Vimos, na Introdução, que a GU é caracterizada como a faculdade da linguagem, uma faculdade inata e específica da espécie humana que, através da interação com o meio ambiente, dá origem a uma língua particular.

De acordo com Chomsky (1986), o estudo da gramática gerativa teve como consequência uma mudança substancial de perspectiva na abordagem das questões relacionadas à linguagem. No lugar do comportamento lingüístico, o objeto de investigação passou a ser os estados da mente que estão relacionados a esse comportamento. Dessa perspectiva, para o conhecimento da língua, Chomsky coloca quatro questões:

- 1) O que constitui o conhecimento da língua?
- 2) Como é adquirido o conhecimento da língua?
- 3) Como é usado o conhecimento da língua?
- 4) Qual o correlato molecular desse conhecimento?

Em relação a este estudo, as questões correspondentes às duas primeiras seriam as seguintes<sup>10</sup>:

- 1) O que constitui o conhecimento de uma L2? Ou de alguma propriedade específica de L2?
- 2) Como chegar a uma competência bilíngüe em relação a essa propriedade?

Discutiremos a primeira questão, usando um fenômeno conhecido na literatura como **parâmetro do sujeito nulo**. Essa questão será tratada aqui. A segunda questão diz respeito às **teorias de aquisição** e será tratada em 3, Teoria Gerativa e Aquisição da Linguagem.

## 2.2 As propriedades do parâmetro *pro-drop*

O Parâmetro do Sujeito Nulo (também conhecido como parâmetro *pro-drop*) desde o seu aparecimento em Chomsky (1981, 1982, 1986), no quadro dos estudos gerativistas, dentro da teoria conhecida como Teoria de Princípios e Parâmetros, compreendia um conjunto de propriedades<sup>11</sup> incluindo, entre outras, a ausência de sujeito pronominal. Desde então, a categoria vazia encontrada na posição de sujeito em orações finitas de diversas línguas tem sido denominada *pro*, um elemento [+] pronominal, [-] anafórico.

---

<sup>10</sup> As questões (3) e (4) não serão tratadas nesse estudo.

<sup>11</sup> Rizzi (1982) e Jaeggli (1982) apresentam o seguinte conjunto de propriedades que caracterizam as línguas [+*pro-drop*]:

Construções com pronome nulo sujeito: *Fala português.*

Construções com inversão livre do sujeito: *Não interfere o inglês.*

Construções com violação aparente do filtro *that trace*: *Quem<sub>i</sub> você disse [que <sub>t<sub>i</sub></sub> vai telefonar?]*

Construções com extração do sujeito para fora de uma ilha-WH: *Esse é o rapaz<sub>i</sub> que<sub>i</sub> você perguntou [quando <sub>t<sub>i</sub></sub> chegou.]*

Construções com pronome lembrete nulo: *Eis a menina<sub>i</sub> que não sabemos quem disse que <sub>t<sub>i</sub></sub> saiu.*

Muitos estudos sobre o parâmetro do sujeito nulo que, inicialmente, objetivavam a comparação entre o inglês e as línguas românicas *pro-drop*, atribuíram à “riqueza” da flexão verbal a propriedade de o sujeito não ser foneticamente realizado. Dessa forma, tem sido assumido que o conteúdo ou os traços  $\varphi$  de *pro* referencial devem ser identificados pela flexão de concordância “rica” dos verbos (CHOMSKY, 1981, 1982; RIZZI, 1982, 1986; entre outros).

Para Rizzi (1982), a riqueza morfológica estaria associada a duas propriedades da flexão verbal: (a) *Agr* pode ser especificado pelo traço [+pronome] e (b) *Agr* pode ser referencial (possibilitando a identificação de um referente)<sup>12</sup>.

Conforme esse ponto de vista, línguas românicas como o italiano, o espanhol, o romeno e o português europeu apresentam propriedades (a) e (b) e, portanto, permitem sujeito nulo. Já uma língua como o inglês, que não possui nenhuma das propriedades mencionadas acima, não permite sujeito nulo<sup>13</sup>. Finalmente, línguas como holandês e islandês, que apresentam apenas a propriedade (a), permitem sujeitos nulos apenas com interpretação impessoal.

Embora isso pareça claro, a relação entre flexão verbal “rica” e língua de sujeito nulo não dá conta de todas as línguas existentes. A partir do trabalho de Huang (1984), com o chinês, essa relação entre flexão rica e sujeito nulo deixa de ser concebida como a única forma no processo de licenciamento e recuperação do sujeito nulo, uma vez que o chinês, embora permita tanto sujeitos nulos quanto objetos nulos, não apresenta qualquer marca flexional indicando concordância em seu verbo.

---

<sup>12</sup> “*Agr*” é usado para morfologia de concordância e “*AGR*” para indicar a categoria funcional.

<sup>13</sup> Há alguns poucos registros em que é permitido o uso de sujeitos nulos em inglês. Haegeman (1990), por exemplo, observou que sujeitos nulos podem aparecer em contexto de diários: - *Got up, had a shower and went to the Office* – Esse tipo de sujeito nulo, entretanto, não é possível em orações encaixadas (\**After got up, had a shower*), em perguntas (\**Where did go after breakfast?*), ou quando o sujeito é a segunda pessoa (\**Got up, had a shower and went to the office*).

Em vista disso, Huang (1984) propõe uma revisão do parâmetro *pro-drop* e postula que a distribuição dos sujeitos nulos nas línguas deve estar relacionada a dois parâmetros distintos. Um dos parâmetros distinguiria as línguas que permitem tópico nulo, como chinês e japonês, daquelas que não permitem essa possibilidade, como italiano e inglês. Nas línguas de tópico nulo, a categoria vazia na posição de objeto é uma variável presa a um tópico nulo. O outro distinguiria línguas *pro-drop*, como italiano e espanhol, de línguas *não-pro-drop* como inglês e francês. O autor reúne os dois parâmetros mencionados acima num parâmetro tipológico mais global que dividiria as línguas naturais em línguas orientadas para o discurso, as primeiras, e línguas orientadas para a sentença, as últimas.

Com o propósito de integrar os resultados de Huang (1984) numa teoria abrangente que mantém a distinção básica entre o licenciamento e a identificação dos valores referenciais, ao examinar a tipologia de sistemas de concordância capazes de licenciar sujeitos nulos Jaeggli e Safir (1989) propõem que não é a riqueza morfológica que vai determinar as línguas de sujeito nulo, mas a “uniformidade morfológica” dos paradigmas verbais de uma língua<sup>14</sup>.

Conforme os autores, línguas com paradigmas verbais morfológicamente uniformes, como o italiano e o espanhol ou como o chinês e o japonês, licenciariam sujeitos nulos. Quanto à identificação do sujeito nulo, esta pode ser feita localmente por uma categoria que contenha *Agr*, ou através da ligação do sujeito nulo com um sintagma nominal que o c-comande.

---

<sup>14</sup> Para esses autores a noção de uniformidade morfológica estaria relacionada à formação do paradigma verbal, ou seja, se um paradigma verbal é constituído só de formas derivadas (se possuir desinência de número, pessoa etc.), como no caso do italiano e espanhol, ou só de formas primitivas (apenas o radical), como em chinês e japonês, então ele pode ser considerado um paradigma morfológicamente uniforme. Se, por outro lado, o paradigma é misto, como no caso do inglês, sujeitos nulos estão excluídos.

A condição da uniformidade morfológica, entretanto, não consegue explicar o comportamento do francês antigo, do alemão ou do sueco, por exemplo. Segundo Roberts (1993), o francês antigo, embora apresentasse desinência [-0] na primeira pessoa do singular no seu paradigma flexional, ainda assim exibia o sujeito nulo. Ao contrário do que acontece no francês antigo, o alemão, embora apresente morfologia uniforme com um sistema flexional 'rico', não permite sujeitos nulos referenciais. O sueco, segundo Speas (1994), também não permite sujeitos nulos apesar de apresentar um paradigma verbal morfológicamente uniforme sem morfologia de concordância como o japonês.

Além disso, línguas como o português brasileiro e o espanhol caribenho, que exibem sujeitos nulos e plenos em contextos específicos, têm contribuído para o debate sobre licenciamento e identificação do sujeito nulo.

O português brasileiro tendo sofrido uma redução no seu sistema de flexão verbal e passando, portanto, a apresentar uma morfologia defectiva (TARALLO, 1986, 1990; DUARTE, 1993, 1995; entre outros), reduziu também os contextos em que o sujeito nulo pode aparecer.

Da mesma forma, com a redução do sistema flexional do espanhol caribenho, essa língua passou a apresentar pronomes plenos em contextos onde apenas sujeitos nulos eram permitidos (TORIBIO, 1996). Entretanto, o uso de sujeitos pronominais lexicais no espanhol do Caribe, segundo Toribio, não é uma consequência apenas da perda da morfologia de concordância verbal, já que mesmo as formas verbais que permanecem distintas com relação a número e pessoa são acompanhadas do pronome sujeito. A autora mostra que o espanhol de Porto Rico, diferentemente do espanhol da República Dominicana, permite sujeitos nulos expletivos e

que ambos os dialetos permitem sujeitos nulos referenciais apenas quando são identificados por um nome em posição de c-comando<sup>15</sup>.

O princípio da uniformidade morfológica estimulou o desenvolvimento de um grande número de trabalhos que buscam adequar a teoria *pro-drop* às diversas variações interlingüísticas<sup>16</sup>. Os resultados desses estudos parecem sugerir que as línguas não se distinguem simplesmente por apresentarem sujeitos nulos *versus* preenchidos em orações com tempo. Portanto, não se pode dizer que existe apenas uma escolha binária. Da mesma forma, de acordo com alguns pesquisadores, não se pode afirmar que há uma relação absoluta entre morfologia flexional e o parâmetro *pro-drop*.

Um dos trabalhos mais importantes que vêm desafiar a hipótese da ‘riqueza’ de *Agr* é a análise do islandês antigo desenvolvida por Sigurðsson (1993). O autor chama a atenção para o fato de que embora o sistema de flexão verbal do islandês seja tão rico quanto o do italiano, essa língua não permite sujeitos nulos referenciais. O islandês, segundo o autor, perdeu o sujeito nulo nos séculos XVIII e XIX, sem que para isso tenha sofrido qualquer enfraquecimento na sua flexão verbal. Estes fatos parecem indicar, conforme o autor, que a legitimação do sujeito nulo não estaria relacionada apenas à riqueza flexional, mas que outras formas de legitimação estariam disponíveis. Para Sigurðsson (1993), portanto, as línguas de sujeito nulo (LSN) não constituem um único tipo. Ele identifica os seguintes tipos de LSN:

---

<sup>15</sup> Toribio (1996, p.422) mostra que, no espanhol falado na República Dominicana, o pronome expletivo “ello” é usado em construções com sujeito arbitrário e sujeito quase-referencial (i) e em construções com sujeito não-referencial (ii)

- (i) a. Ello lo dijeron por radio.  
‘Disseram no rádio’
- b. Ello quiere llover.  
‘Quer chover’.
- (ii) a. Ello parece que no hay azúcar.  
‘Parece que não tem açúcar’.

<sup>16</sup> Kato 1999a e 2000; Kato e Negrão 2000; Sigurðsson 1993; Speas 1994; Toribio 1996.

a) *semi prodrop* – sujeitos nulos não-argumentais, ou expletivos (o alemão e o PB, por exemplo);

b) *topic-drop* – permite sujeitos nulos de primeira e segunda pessoas em orações matrizes (por exemplo, inglês e outras línguas germânicas);

c) *controlled prodrop* – sujeitos nulos “controlados” por um antecedente em posição de c-comando (línguas como o chinês, que envolvem co-indexação com um NP c-comandante e envolvem apenas sujeitos de orações subordinadas);

d) *genuine prodrop* – que envolve co-indexação livre com qualquer NP no discurso precedente, envolvendo tanto sujeitos quanto objetos de verbos e preposições (Islandês antigo);

e) *Agr identified pro* – sujeitos nulos identificados por concordância (italiano e espanhol).

Segundo o autor, o último tipo, isto é, a identificação de *pro* através de *Agr* já não existia no islandês antigo. Por essa razão, ele considera a concordância dessa língua como sendo não-pronominal, com a identificação de *pro* sendo feita através da co-indexação com um NP no discurso precedente.

A assunção de que o parâmetro *pro-drop* não é um fenômeno uniforme entre as línguas, requerendo, portanto, possíveis subparametrizações, é também compartilhada por Kato (2002). Considerando que a variação nas línguas está relacionada aos itens funcionais, Kato (2002, p.329) propõe a seguinte tradução para a classificação de Sigurðsson :

a) a possibilidade do nulo não argumental tem a ver com a existência de um pronome neutro nulo do tipo *it* do inglês;

b) a possibilidade de nulos de primeira pessoa e segunda tem a ver com pessoas dêiticas;

c) os nulos “controlados”, por exigirem c-comando do antecedente, sugerem um fenômeno de Ligação: os pronomes seriam variáveis ou pronomes presos;

d) os nulos genuínos podem ser uma mistura de dois processos: “controle” e elipse, este um fenômeno que ocorre em contexto de não-c-comando;

e) os nulos identificados por concordância teriam no próprio afixo o elemento pronominal em uma relação do tipo das línguas pronominais, como é sugerido em Kato (1999a).

Kato (1999) propõe uma teoria do sujeito nulo em que *pro* referencial é eliminado enquanto categoria descritiva. Sua teoria se baseia nas propostas de Rizzi (1982) e Burzio (1986) que consideram INFL um tipo de pronominal ou clítico nas línguas de sujeito nulo, e na proposta de Everett (1996) segundo a qual os afixos de concordância, os clíticos e os pronomes são realizações alomórficas dos traços  $\varphi$ . A proposta de Kato para a variação interlingüística, portanto, é a de que as línguas escolhem, para a mesma função, uma dessas formas para o pronominal nominativo: pronomes fracos livres, sujeitos clíticos ou concordância pronominal.

### **2.3. Os parâmetros e as categorias funcionais: traços nominais fortes e fracos**

O Programa Minimalista (CHOMSKY 1993, 1995) propõe um modelo de gramática que tenta eliminar a redundância e motivar os

elementos e funções do seu sistema computacional através de considerações de economia de derivação.

Nesse Modelo, há duas interfaces, a Forma Fonética (FF) e a Forma Lógica (FL). Tem sido assumido que a Forma Lógica é idêntica em todas as línguas, enquanto que a Forma Fonética é responsável por distinguir as línguas. Em outras palavras, a diferença entre os dois níveis de interfaces é que a ordem de palavras é universal num nível conceitual intensional (a Forma Lógica), mas não num nível articulatório perceptual (a Forma Fonética).

No Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995), a gramática é entendida como um sistema computacional capaz de gerar um conjunto de derivações possíveis que são não apenas gramaticais, mas também derivadas da forma mais econômica possível. Nesse Modelo, os Princípios lingüísticos invariantes determinam as derivações possíveis e a variação entre as línguas naturais limita-se a partes do léxico e a certas propriedades dos itens lexicais<sup>17</sup>.

Na TPP, os parâmetros foram relacionados aos princípios da GU. No PM, a noção de parâmetro é descrita em termos da força de traços funcionais. As categorias funcionais, portanto, têm a função de checar traços morfológicos para assegurar a convergência de uma derivação. Os itens lexicais entram na derivação totalmente flexionados e apresentam vários traços que são classificados conforme os valores [+ou-interpretável]. Traços interpretáveis, tais como traços categoriais e traços  $\varphi$  do DP, devem estar presentes em FL para assegurar interpretabilidade.

Traços não-interpretáveis como, por exemplo, o traço de caso e o traço F forte das categorias funcionais devem ser eliminados antes de FL

---

<sup>17</sup> Um item lexical é formado por traços fonológicos, semânticos e formais. Os traços formais são acessíveis ao sistema computacional e compreendem traços interpretáveis--aqueles que recebem interpretação em FL como, por exemplo, os traços de pessoa e número de um substantivo--e traços não-interpretáveis--aqueles que não recebem uma interpretação nessa interface como o traço de caso, por exemplo.

ou a derivação fracassa (CHOMSKY, 1995, p.277-279). Em outras palavras, traços fracos não são visíveis em FL; portanto não têm que ser apagados antes de *Spell-Out*<sup>18</sup>. Traços fortes, por sua vez, são visíveis e precisam ser checados. O traço F forte desencadeia movimento aberto de um traço categorial que possa eliminar o traço forte. A variação na força de F (F fraco ou forte) pode ter como consequência diferentes ordens de palavras.

Nesse Modelo, portanto, o Parâmetro do Sujeito Nulo é caracterizado ou pela presença de um traço nominal forte ( $F_N$ ) em T (*Tense*) que força a subida do DP sujeito em línguas como o inglês e o francês, ou por um traço nominal fraco ( $F_N$ ) em T (*Tense*) para o italiano ou espanhol que geralmente não requer a subida do sujeito (HERSCHENSOHN, 2000). O Quadro 2 exemplifica o parâmetro do sujeito nulo.

**Quadro 2 - Parâmetro do sujeito nulo**

<b>Língua</b>	<b>Traço</b>	<b>Movimento</b>
Inglês	$F_N$ forte em T	Movimento aberto do sujeito para eliminar $F_N$
Espanhol	$F_N$ fraco em T	Não há movimento-aberto do sujeito nulo

A ausência de movimento em espanhol e italiano, explicaria a possibilidade que essas línguas têm de apresentar sujeitos internos a VP e sujeitos nulos. Quanto aos sujeitos expressos que aparecem em posição pré-verbal, Olarrea (1996) e Ordóñez (1998), para o espanhol, e Barbosa (1995), para o português europeu, propõem que a subida visível destes não se dá como no inglês ou francês, mas são casos de deslocamento à esquerda.

<sup>18</sup> O ponto da derivação em que as instruções são enviadas para a Forma Fonética é chamado de *Spell Out*. Todos os movimentos antes de *Spell Out* se referem à sintaxe visível, e os movimentos depois de *Spell Out* se referem à sintaxe encoberta.

Da mesma forma, o Parâmetro do Movimento do Verbo é visto no Programa Minimalista como a presença em T de um traço-V (verbal) forte em Francês, obrigando à elevação visível do verbo lexical e um traço-V fraco em Inglês que requer apenas movimento coberto do verbo lexical. O Quadro 3 mostra o parâmetro do movimento do verbo<sup>19</sup>.

**Quadro 3 - Parâmetro do movimento do verbo**

<b>Língua</b>	<b>Traço</b>	<b>Movimento</b>
Inglês	F <sub>V</sub> fraco em T	Não há movimento aberto de V
Francês	F <sub>V</sub> forte em T	Movimento aberto de V para eliminar F <sub>V</sub>

Os parâmetros apresentados acima podem produzir todas as seqüências possíveis através do movimento do sujeito, do objeto ou do verbo, mas todas as variações serão restringidas às possibilidades de GU determinadas pelos três parâmetros da ordem de palavras (HERSCHENSOHN, 2000).

## 2.4 Sujeito nulo no italiano

A principal característica do sistema pronominal do italiano é a presença de duas séries de pronomes que se distinguem tanto do ponto de vista da distribuição sintática quanto no que se refere ao comportamento semântico. Calabrese (1986) classifica essas duas séries de pronomes em

<sup>19</sup> Outro parâmetro que é importante na determinação da ordem de palavras nas diferentes línguas é o parâmetro V2, que descreve a subida do verbo para I ou para C e a subida de uma projeção máxima XP para *Spec* de CP. No alemão, por exemplo, F<sub>V</sub> forte em C força a subida do verbo, de V para T, para I, para C e, outro traço forte (F) relacionado à topicalização causa a subida de um XP para a posição de tópico.

Parâmetro V2

F<sub>V</sub> forte em C → movimento aberto de V para eliminar F<sub>V</sub>

F<sub>top</sub> forte em C → movimento aberto de XP<sub>top</sub> para eliminar F<sub>top</sub>

pronomes fortes (io, lui, lei, etc.) – aqueles que podem ocorrer em posição de NP e comportar-se sintaticamente como um NP – e pronomes fracos (lo, la, li, le, gli, etc.) – aqueles que não podem ocorrer livremente e devem sempre cliticizar-se ao verbo –; e considera o sujeito nulo pronominal do italiano (*pro*) como pertencendo à série dos pronomes fracos, em oposição ao sujeito pronominal pleno que pertence à série dos pronomes fortes como, por exemplo, *lui, lei, etc.*

Segundo Calabrese, existe no italiano uma complementaridade entre pronomes nulos e expressos em posição de sujeito. O sujeito nulo deve ser usado quando o referente é esperado, e o sujeito preenchido deve ser usado quando indica um referente inesperado, ou seja, quando o referente do pronome for introduzido como elemento “novo” (do ponto de vista informacional).

Mostra que fatores pragmáticos como, por exemplo, focalização, contraste e contraposição levam ao uso do pronome pleno em posição de sujeito nesta língua, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

- (1) Ha viaggiato *solo lui*.  
(Só ele que viajou)
- (2) *Lui* ha viaggiato.  
(Ele que viajou)
- (3) *Lui* há viaggiato e *lei* è rimasta a lavorare.  
(Ele viajou e ela ficou trabalhando.)

Dessa forma, o pronome tônico em contextos onde o referente é esperado implicaria a inaceitabilidade da sentença ou uma referência disjunta, como pode ser visto nos exemplos abaixo. O pronome tônico é obrigatoriamente correferencial com o argumento interno (*Antônio, Maria* respectivamente em (4) e (5) ), mas não com o sujeito.

- (4) Quando Carlo<sub>i</sub> ha picchiato Antonio<sub>j</sub>, pro<sub>i</sub>\*/lui<sub>j</sub>\*<sub>i</sub> era ubriaco.  
(Quando Carlo bateu em Antônio, pro/ele estava bêbado).
- (5) Dopo que Carlo<sub>i</sub> lascio Maria<sub>j</sub>, pro<sub>i</sub>\*/lei<sub>j</sub> inizio a scrivere um romanzo.  
(Depois que Carlo deixou Maria, pro/ela começou a escrever um romance).

Em (4) e (5), como mostra o autor, o pronome nulo em posição de sujeito deve ter como seu antecedente outro sujeito (*Carlo*), enquanto que um pronome expresso em posição de sujeito deve tomar como antecedente outro termo da oração que não seja o sujeito. Da mesma forma, em (6) e (7) o uso do pronome expresso para fazer referência ao referente do sujeito da oração principal torna a frase agramatical. Isso acontece porque, também nesse caso, o referente é esperado e, por isso, apenas o pronome nulo deve ser usado.

- (6) Poiche pro<sub>i</sub>/lui\*<sub>i</sub> há visto quel film, Mario<sub>i</sub> si è spaventato.  
(desde que pro/ele viu aquele filme, Mario estava assustado).
- (7) Mario<sub>i</sub> si è spaventato poiche pro<sub>i</sub>/lui\*<sub>i</sub> há visto quel film.  
(Mario estava assustado desde que pro/ele viu aquele filme).

Para o autor, um referente é esperado quando é Tema ou sujeito de uma predicação primária, o que o torna disponível para identificar o pronome nulo de uma oração matriz ou encaixada, como foi mostrado nos exemplos acima. Assim, o pronome nulo tem como antecedente o tema de uma predicação primária. O pronome tônico, por sua vez, é correferencial com o sujeito de uma predicação secundária, ou mini-oração. Como o

sujeito de uma predicação secundária não é um Tema e, portanto, um referente não-esperado, o uso do pronome expresso nos exemplos em (8) e (9) abaixo ficaria explicado.

- (8) Quando Mario<sub>i</sub> há scoperto Sandro<sub>j</sub> nudo, lui<sub>j</sub> è arrossito  
(Quando Mario descobriu Sandro nu, ele ficou vermelho)
- (9) Mentre il dottore<sub>i</sub> visitava Maria<sub>j</sub> incinta, lei<sub>j</sub> canticchiava.  
(Enquanto o doutor examinava Maria grávida, ela cantava).

Em (8) e (9), o objeto direto da oração adverbial é o sujeito de uma predicação secundária, mas não é um possível antecedente de um pronome nulo que é Tema da sentença como um todo. E, para fazer referência ao objeto, apenas o pronome expresso deve ser usado. Para o autor, portanto, o sujeito de uma predicação secundária não é um Tema, pois, se fosse, esperar-se-ia que ele pudesse ser um antecedente possível do pronome nulo, o que não acontece nos exemplos acima.

Também entre as sentenças do discurso é possível encontrar os mesmos fenômenos observados em sentenças encaixadas. De acordo com Calabrese, as seqüências de sentenças que compõem o discurso são sintaticamente irmãs umas das outras, e por esse motivo não se pode distinguir o comportamento dos pronomes na sentença do comportamento dos pronomes no discurso, como se podem ver nos exemplos abaixo.

- (10) \*Dopo che Mario há detto che Sandra<sub>i</sub> è uma stupida, pro<sub>i</sub> si è arrabiata.  
(Depois que Mário disse que Sandra era boba, pro ficou zangada).

- (11) \*Mario há detto che Maria<sub>i</sub> aveva detto quelle cose. Così pro<sub>i</sub> è scappata via.  
(Mario disse que Maria tinha dito aquelas coisas. Assim, pro foi embora).

Tanto na sentença em (10) quanto na seqüência de enunciados em (11), o pronome nulo não pode ter como antecedente a expressão referencial contida na sentença encaixada. Entretanto, se for usado o pronome tônico, ao invés, serão permitidas as co-indexações que tornaram (10) e (11) inaceitáveis, como mostram os exemplos em (12) e (13):

- (12) Dopo che Mario há detto che **Sandra<sub>j</sub>** è una stupida, **lei<sub>j</sub>** si è arrabbiata.
- (13) Mario há detto che **Maria<sub>j</sub>** aveva detto quelle cose. Così **lei<sub>j</sub>** è scappata via.

## 2.5 Sujeito nulo no chinês

Vimos no item 2.2 que línguas como o italiano e o espanhol são línguas que apresentam um sistema de flexão verbal “rico” e, assim, nessas línguas, *Infl* pode licenciar sujeitos nulos pronominais. Nesse caso, os traços de número e pessoa presentes no verbo são capazes de identificar o referente de *pro*. O chinês, por outro lado, é uma língua que, embora não apresente um sistema visível de concordância, licencia sujeitos nulos. Mas não só os sujeitos. Os objetos também podem ser nulos, ao contrário das línguas do tipo do italiano que requerem objetos preenchidos.

Assim, em chinês, tanto o sujeito quanto o objeto podem estar ausentes em sentenças com tempo<sup>20</sup>, como se pode ver em (14) e (15).

---

<sup>20</sup> (14) Zhangsan viu Lisi?  
(15) a. Viu.

(14) Zhangsan kanjian Lisi le ma? Huang (1989)  
 Zhangsan see Lisi ASP Q  
 Did Zhangsan see Lisi?

(15) a. (ta) kanjian (ta) le.  
 (he) see (he) Perf  
 He saw him.

b. Wo xiang (ta) kanjian (ta) le.  
 I think (he) see (he) Perf  
 I think he saw him.

Huang (1989) atribui ao sujeito nulo o estatuto de pronominal nulo genuíno, e ao objeto nulo o estatuto de variável ligada por um operador nulo em posição A-barra (cf. exemplo (16b) como a representação de (16a) para o objeto nulo, e o exemplo (17) para o sujeito nulo encaixado que pode ser ligado por um sujeito da oração matriz)<sup>21</sup>.

(16) a. Zhangsan shuo [Lisi kanjian e le]  
 Zhangsan say Lisi see Perf  
 Zhangsan said that Lisi saw [him]

b. [OP<sub>i</sub> [Zhangsan shuo [Lisi kanjian e<sub>i</sub> le]]]

(17) a. Zhangsan shuo [e hen sihuan Lisi]  
 Zhangsan say very like Lisi  
 Zhangsan said that [he] liked Lisi.

b.\* Zhangsan shuo [Lisi hen xihuan e]  
 Zhangsan say Lisi very like  
 Zhangsan said that Lisi liked [him]

b. Eu acho que viu.

<sup>21</sup> (16) Zhangsan disse que Lisi (o) viu.

(17) a. Zhangsan disse que (ele) gostou de Lisi.

b. Zhangsan disse que Lisi gostou (dele).

Assim, em (16a) o sujeito nulo pode se referir ao sujeito da matriz *Zhangsan* ou a outra pessoa cuja referência esteja no discurso. Contudo, o objeto nulo deve referir-se ao tópico do discurso e não ao sujeito da matriz.

Os exemplos (18) e (19) mostram que o sujeito encaixado pode ser nulo ou preenchido<sup>22</sup>.

(18) Zhangsan shuo [(ta) lai le]  
Zhangsan say he come ASP  
Zhangsan said that (he) came.

(19) Zhangsan xiangxin [(ta) hui lai]  
Zhangsan believe he will come  
Zhangsan believes that (he) will come.

Outra visão sobre o estatuto do objeto nulo do chinês é apresentada por Zhang (1988), para quem o objeto nulo comporta-se como um *pronome*, e não como uma *variável* ligada por um operador, como é defendido por Huang (1984). A estrutura apresentada em (21), que corresponde ao exemplo em (20), mostra que o objeto nulo do chinês pode estar ligado a NP<sub>1</sub>, que é sujeito da oração matriz, ou pode estar ligado a X, que representa um referente do discurso, mas que não tem que ser um NP (+ humano)<sup>23</sup>.

(20) Zhangsan shuo Lisi bu xiangxiu *ec*  
say not believe  
Zhangsan says that Lisi doesn't believe him/her/it

(21) [s NP<sub>1</sub> V [s [s NP<sub>2</sub> V **ec** ]]]  
|-----|  
X-----|

<sup>22</sup> (18) Zhangsan disse que (ele) veio.

(19) Zhangsan acredita que (ele) virá.

<sup>23</sup> (20) Zhangsan diz que Lisi não acredita nele/ nela/ nisso.

Quanto ao sujeito nulo, tanto Huang (1984) quanto Zhang (1988) concordam com o fato de que ele funciona da mesma forma que um pronome lexical, referindo-se tanto ao sujeito da oração matriz *Zhangsan*, quanto a um referente fora da sentença, como exemplificado em (22) e (23)<sup>24</sup>.

(22) Zhangsan shuo ta bu xiangxin Lisi  
 say he not believe  
 Zhangsan says that he doesn't believe Lisi.

(23) Zhangsan shuo **ec** bu xiangxun Lisi  
 say not believe  
 Zhangsan says that he doesn't believe Lisi.

Zhang argumenta que, enquanto no italiano o conteúdo de *pro* precisa ser recuperado pelos traços de pessoa, gênero e número em *Infl*, o sujeito nulo do chinês em (23) tem as relações de correferência mostradas em (24), em que NP<sub>1</sub> representa o sujeito da oração matriz e X representa o NP não-especificado.

(24) [s NP<sub>1</sub> V [s' [s **ec** V NP<sub>2</sub> ]]]  
 |-----|  
 X-----|

Com relação ao licenciamento do sujeito nulo nessas línguas, a autora propõe que no italiano V sobe para *Infl*, formando V+I e que NP<sub>1</sub> gerado dentro do VP move-se para a posição de *Spec* para encontrar a concordância especificador-núcleo. Dessa forma V+I rege apropriadamente NP<sub>1</sub> e, portanto, licencia *pro* sujeito, cujo conteúdo pode ser recuperado pelos *phi-features* nessa língua. No chinês, não haveria subida do verbo,

<sup>24</sup> (22) Zhangsan diz que ele não acredita em Lisi.  
 (23) Zhangsan diz que não acredita em Lisi.

mas como NP<sub>1</sub> precisa subir para *Spec* para receber ‘Caso Abstrato’, ao fazer isso, deixa seu vestígio t<sub>1</sub>. O NP<sub>1</sub> que foi alçado forma uma cadeia com seu vestígio t<sub>1</sub> [NP<sub>1</sub>, t<sub>1</sub>], satisfazendo a regência por antecedência. Zhang sugere que V governa devidamente t<sub>1</sub> que forma uma cadeia com NP<sub>1</sub> na posição de *Spec* e que, portanto, V licencia o sujeito nulo *pro*.

## 2.6 Sujeito nulo no português brasileiro

As mudanças pelas quais o português brasileiro (PB) tem passado acabaram por restringir o ambiente em que uma categoria vazia na posição de sujeito de uma oração finita pode ser encontrada. Como consequência, o PB passou a diferir tanto das línguas românicas consideradas verdadeiramente *pro-drop*, como o italiano, o espanhol e o PE, que utilizam a morfologia verbal para identificar a categoria vazia em posição sujeito, quanto daquelas categoricamente não-*pro-drop*, como o inglês e o francês.

Os dados no Quadro 4 (DUARTE, 1995, p.32) mostram que o PB sofreu uma simplificação em seu paradigma de flexão verbal.

**Quadro 4 -Paradigmas Pronominais e Flexionais em PB**

Pess./Nº	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª sing.	Eu	am o	am o	am o
2ª sing.	Tu	am a s	-	-
	Você	am a	am a	am a
3ª sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1ª plur.	Nós	am a mos	am a mos	-
	A gente	-	am a	am a
2ª plur.	Vós	am a is	-	-
	Vocês	am a m	am a m	am a m
3ª plur.	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

O Quadro 4 indica que o PB, que tinha, no Paradigma 1, seis formas distintas, passou a ter apenas quatro no Paradigma 2 e três flexões distintas no Paradigma 3. Indica, ainda, que a distinção entre 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoa desapareceu completamente.

Uma consequência dessa redução no paradigma observada nas gramáticas do PB (cf. TARALLO 1993; DUARTE 1993, 1995; GALVES 1993) é a perda da preferência pelos sujeitos nulos referenciais.

De acordo com Duarte (1993), a taxa de sujeitos pronominais expressos que era de 20% na primeira metade do século XIX passou para 74% no final do século XX. O PB reduziu significativamente os contextos em que o sujeito nulo pode aparecer e, por esse motivo, Duarte (1993, 1995) caracterizou essa língua como sendo de sujeito nulo residual. A autora sugere que essa mudança pode estar relacionada ao enfraquecimento do paradigma flexional do PB.

Duarte (1993, 1995) mostra, a partir de um estudo proveniente de dados orais, que a tendência ao uso do pronome pleno pode ser observada em contextos de correferência com o sujeito da oração matriz até mesmo com antecedente [-humano], contextos não permitidos em línguas de sujeito nulo como o italiano e espanhol.

- (25) a. E ele<sub>i</sub> precisou ir ao banheiro. Quando ele<sub>i</sub> viu o que que era o banheiro, ele<sub>i</sub> ficou apavorado.
- b. [A casa]<sub>i</sub> virou um filme quando ela<sub>i</sub> teve de ir abaixo.

Mostra também o uso do pronome pleno em construções com sujeitos duplos em que a reduplicação do sujeito se dá através de um pronome expresso. O estudo mostra um aumento na frequência desse tipo

de construção principalmente entre as pessoas mais jovens. As construções com sujeitos duplos, ou seja, construções que retomam um referente esperado e próximo são consideradas, segundo a autora, como muito importantes no processo de mudança de uma língua *pro-drop* para uma língua não-*pro-drop*, já que tais construções são incompatíveis com línguas de sujeito nulo, e típicas de línguas de sujeito preenchido como o francês, por exemplo.

Os dados da sua pesquisa revelam que a construção com sujeito duplo já está completamente encaixada no contexto da mudança. Os sujeitos com deslocamento à esquerda podem correferir com NPs e outros pronomes adjacentes sem interpretação de foco, com ou sem pausa interveniente, em contextos de sentenças raiz ou encaixadas; podem ser ainda indefinidos, arbitrários ou quantificados (DUARTE, 1995, 2000).

- (26) **A Clarinha<sub>i</sub>** **ela<sub>i</sub>** cozinha que é uma maravilha.
- (27) Eu acho que **o povo brasileiro<sub>i</sub>** **ele<sub>i</sub>** tem uma grave doença..
- (28) Eu acho que **um trabalho sério<sub>i</sub>** **ele<sub>i</sub>** teria que começar por aí.
- (29) **Qualquer pessoa<sub>i</sub>** que vai praticar um esporte **ela<sub>i</sub>** tem que se preparar.
- (30) **Você**, no Canadá, **você** pode ser o que você quiser.

Para as línguas de sujeito nulo, a alternância sujeito nulo/sujeito lexical não ocorre livremente, ou seja, há contextos em que o uso de uma das formas é preferido. Existe na gramática um princípio

responsável por regular essa distribuição que ficou conhecido como *Evite Pronome*<sup>25</sup> (*Avoid Pronoun*) (CHOMSKY, 1981).

Duarte (1995) sugere que a perda do princípio *Evite Pronome* no PB estaria relacionada à redução do paradigma pronominal, que tem como conseqüência a simplificação do paradigma flexional. Propõe que a neutralização entre as formas verbais para a referência à segunda pessoa em grande parte do território nacional é considerada como a causa principal da perda do sujeito nulo do PB.

Duarte (2000) argumenta que o sistema defectivo de sujeitos nulos encontrados no PB deve ser visto como um estágio na mudança paramétrica para uma língua de sujeito pronominal preenchido. Afirma, ainda, que a mudança parece estar em progresso e que a diferença entre sujeitos nulos no PB e nas outras línguas românicas não é qualitativa, mas quantitativa: os contextos que ainda apresentam sujeitos nulos no PB são considerados obrigatórios nas línguas de sujeito nulo. Assim, os contextos que eram obrigatórios no PB tornaram-se opcionais.

A idéia da perda do sujeito nulo referencial no PB relacionada ao enfraquecimento da concordância é também compartilhada por Figueiredo Silva (1996) para quem, em decorrência da perda do traço [pessoa] na concordância, este núcleo perdeu a capacidade de identificar *pro* localmente<sup>26</sup>.

O sujeito nulo referencial, segundo a autora, tem distribuição restrita nos níveis da sentença e do discurso devido a uma necessidade de a categoria vazia buscar identificação através de algum tipo de ligação com

---

<sup>25</sup> O Princípio “Evite Pronome” estabelece o seguinte: sempre que a alternância entre pronome nulo e pronome lexical for possível, deve-se utilizar o pronome nulo.

<sup>26</sup> Segundo a autora, o sujeito nulo do PB pode ocorrer livremente, nos mesmos contextos que um pronome lexicalmente realizado, quando não tem significado referencial: expletivos ou sujeitos temáticos com interpretação genérica, como mostram os exemplos em (i) (extraídos de FIGUEIREDO SILVA, 1996, p. 123).

(i) a. Parece que o João passou por aqui.  
b. Choveu a noite inteira.  
c. Não usa mais chapéu.

o sistema CP. Essa ligação vai impedir que o sujeito nulo esteja presente em vários contextos encaixados e em contextos matriz nos quais CP esteja preenchido por outros elementos.

Sua proposta considera dois tipos de sujeitos nulos: sujeito nulo do tipo variável (31a) e (32b) e sujeito nulo do tipo anafórico (32a).

(31) a. Comprei um carro ontem

b.\*O que (que) **cv** comprei ontem?

(32) a. O João<sub>i</sub> disse que **cv**<sub>i</sub> comprou um carro

b. A Maria<sub>i</sub>, o João disse que **cv**<sub>i</sub> comprou um carro

De acordo com sua análise, o sujeito nulo em (31a) é uma variável de um DP [+pessoa] no *Spec* de CP. Quanto a (31b), como o *Spec* está ocupado, o sujeito não pode se mover até essa posição, o que impossibilita a presença de sujeitos nulos nesses contextos<sup>27</sup>.

Com relação aos sujeitos nulos encaixados mostrados em (32), estes podem ser co-referentes com o sujeito da frase matriz (sujeito nulo “anafórico”)<sup>28</sup> ou com um tópico lexicalmente realizado na frase ou no discurso imediatamente precedente (sujeito nulo “variável”).

O PB, certamente, está passando por uma mudança paramétrica e, em consequência dessa mudança, acabou por perder a capacidade de identificar os sujeitos nulos através dos traços  $\phi$  da categoria AGR. Desse

<sup>27</sup> Para a autora, a incompatibilidade entre o sujeito nulo definido e o movimento QU-em uma frase matriz, como em (31b), sugere que a identificação dessa categoria vazia se faz por um mecanismo que coloca em jogo uma dependência A-barrá. Assim, nas frases matrizes, pode-se considerar uma relação de movimento, em que **cv**, a categoria movida, vai desempenhar o papel de operador, como demonstrado em (i):

(i) [CP **cv**<sub>i</sub> .. [AgrP *t*<sub>i</sub> comprei ...

<sup>28</sup> Para Ferreira (2000) e Rodrigues (2004) a categoria vazia encontrada em posição de sujeito no PB não se comporta como um elemento pronominal (*pro*), mas como um vestígio, um elemento [+anafórico], deixado por um elemento que se moveu. Na visão desses autores, portanto, o sujeito nulo do PB, quando tem referência definida, é derivado via movimento. Não assumimos a hipótese de que um DP possa ter dois papéis temáticos.

modo, é possível afirmar que a perda da uniformidade morfológica (JAEGGLI & SAFIR, 1989) desencadeou a perda dos sujeitos nulos<sup>29,30</sup> (DUARTE, 1995).

Por outro lado, conforme argumenta De Oliveira (2000), se a morfologia de concordância fosse responsável pela alta taxa de sujeitos pronominais expressos encontrados no PB, era de se esperar que um maior número desses sujeitos estivessem relacionados com a segunda e terceira pessoas, já que a identificação do sujeito nesse contexto é mais difícil devido à neutralização da flexão verbal (você fala, ele fala). Além disso, a primeira pessoa, a única que ainda conta com uma flexão verbal própria, é a que apresenta a maior porcentagem de sujeitos pronominais expressos.

Esses dados parecem indicar, portanto, que a emergência de sujeitos pronominais lexicais não compensam apenas as perdas na morfologia de concordância. Assim, é necessário buscar outras formas de explicar os dados do PB nos termos do PM que associa a variação paramétrica às diferentes propriedades morfológicas das categorias funcionais.

Galves (1993) interpreta os fatos empíricos apresentados por Duarte (1993), como uma mudança no sistema de concordância do PB que vai acarretar uma reestruturação da oração que está na base de todas as mudanças superficiais desta língua. Propõe que o que distingue as propriedades do sujeito nulo do PB das de outras línguas românicas é o fato de o PB apresentar estruturas oracionais típicas das línguas de organização Tópico-Comentário. Com o enfraquecimento<sup>31</sup> do núcleo AGR

---

<sup>29</sup> A perda do sujeito nulo referencial estaria relacionada à mudança que ocorreu no paradigma de concordância que já não conta mais com o traço de pessoa, restando apenas o traço de número. Dessa forma, pode-se dizer que o PB não se comporta mais como uma língua de concordância rica ou uniforme.

<sup>30</sup> Para Kato (2000), a correlação entre a perda da uniformidade morfológica e a perda dos sujeitos nulos do PB não explica por que o sujeito permanece nulo na terceira pessoa, e principalmente com expletivos.

<sup>31</sup> Para a autora uma concordância fraca é aquela que não possui pessoa, ou possui apenas como um traço sintático.

provocado pela neutralização da segunda e da primeira pessoa, AGR deixa de ser preenchido, mas o seu *Spec* pode ser preenchido por um tópico. Nas palavras da autora,

O especificador de AGR pode assim ser o lugar de geração de um outro sintagma nominal, interpretado como sujeito cujo predicado é a oração, que contém um pronome correferente com ele (GALVES, 1993, p.398).

Para Galves, portanto, o morfema de concordância do PB, sendo fraco, não é gerado como um núcleo independente, mas como um afixo a T, e o sujeito (nulo ou lexical) recebe o nominativo na posição de *Spec* de T. Numa língua de concordância forte, ao contrário, o sujeito recebe o nominativo na posição de *Spec* de AGR. Embora Chomsky (1995) elimine AGR enquanto categoria funcional, Galves (1998) propõe a projeção de uma categoria dêitica Pessoa entre CP e TP que passa a ocupar a posição antes ocupada por AGR. Segundo a autora, a categoria Pessoa vai explicar as diferenças entre as línguas [+*pro-drop*] e [-*pro-drop*].

Kato (1999, 2000) concorda com a posição defendida por Galves, segundo a qual a concordância em línguas de sujeito nulo não forma uma categoria sincrética com *Tense*, mas, ao invés de considerar a concordância como núcleo de uma projeção frasal, propõe que a concordância é o núcleo de um DP que se conecta com o verbo como seu argumento externo. Segundo a mesma autora, todo determinante portador de traços  $\varphi$  seja ele um pronome livre, um clítico ou um afixo pronominal, aparece como um item na numeração e começa a derivação de uma forma semelhante, através da operação conectar na posição D. Kato acrescenta, ainda, que *Agr* pronominal<sup>32</sup> é sintaticamente definido como a flexão de

---

<sup>32</sup> Segundo Kato, *Agr* parece resultar da gramaticalização do pronome sujeito em línguas como Italiano e Espanhol. Essa gramaticalização tem a ver com a homofonia parcial de *Agr* com os

concordância que aparece na numeração como um item independente do verbo que por sua vez aparece flexionado apenas em *Tense*.

Para a autora, o que é analisado como *pro* nas línguas de sujeito nulo é o morfema de concordância verbal. Analisa *Agr* como um item D independente na numeração contendo caso e traços  $\phi$ . *Agr* se conecta com o verbo, ocupando a posição de argumento externo deste e, em seguida, se eleva para T para checar o traço D de T e seu próprio caso. Tendo em vista o fato de que *Agr* é capaz de checar os traços  $\phi$  e os traços D da categoria T, não é necessário, segundo Kato, que a posição *Spec* de TP seja projetada e, portanto, *pro* é eliminado enquanto categoria D. Quanto aos sujeitos lexicais e pronomes fortes, Kato sugere que estes se encontram em uma projeção mais alta onde recebem um caso nominativo *default*.

As línguas de concordância não-pronominal, diz a autora, apresentam pronomes fracos que se conectam com um verbo totalmente flexionado e mostram sujeitos pronominais duplicados por um pronome forte. Para Kato, a perda do sujeito nulo referencial do PB está relacionada ao empobrecimento das distinções de pessoa em seu sistema de concordância e à emergência de um paradigma de pronomes fracos.

Atualmente, parece existir um consenso no que diz respeito à alternância entre pronome lexical e pronome nulo. Essa alternância estaria ligada à distinção de duas classes de pronomes: os pronomes fracos e os pronomes fortes (cf., dentre outros, CALABRESE, 1986; SORIANO, 1989; CARDINALETTI e STARKE 1994; KATO, 1999).

Assim, nas línguas de sujeito nulo, assume-se que o pronome nulo na posição de sujeito pertence à classe dos pronomes fracos enquanto

---

pronomes nominativos. *Agr* pronominal deve ser entendido, portanto, como a gramaticalização/incorporação de pronomes pessoais na flexão verbal.

(i) Spanish – <i>hablar</i> ‘speak’	Italian - <i>parlare</i> ‘speak’ (Kato, 1999a, p. 7)
1 <sup>st</sup> Yo habl-o	Io parl-o
2 <sup>nd</sup> Tu habla-s	Tu parl-i
3 <sup>rd</sup> Ella habl-a	La parl-a

que os pronomes lexicais correspondentes pertencem à classe dos pronomes fortes. Essas duas classes de pronomes apresentam propriedades morfofonológicas e semânticas distintas. Dessa forma, tem sido assumido que as orações que abrigam um sujeito pronominal forte e aquelas que exibem um sujeito pronominal fraco não se equivalem estruturalmente pelo fato de estes pronomes ocuparem posições estruturais diferentes: uma posição interna a TP seria ocupada pelos pronomes fracos, e os pronomes fortes ocupariam uma posição externa a TP, à margem esquerda da oração.

Cardinaletti & Starke (1994) distinguem pronomes fortes e deficientes e classifica estes últimos em pronomes fracos e clíticos. Para as autoras, os pronomes deficientes não incluem os afixos de concordância. As formas mais fracas são mais deficientes, em termos de estrutura, do que as formas mais fortes. Portanto, os pronomes fortes têm mais estrutura do que os pronomes fracos que por sua vez têm mais estrutura que os clíticos. As formas mais fracas são, portanto, semanticamente dependentes e morfologicamente deficientes. De acordo com essa classificação, *pro* é considerado um pronome fraco. Para as autoras, a diferença entre pronomes clíticos e pronomes fracos está relacionada ao fato de que os primeiros podem ser duplicados e podem aparecer junto a outros clíticos, mas os últimos não podem.

Com base em propostas recentes sobre a forma e a distribuição dos pronominais, incluindo *pro*, Kato (1999) propõe que todas as línguas possuem pronomes fortes, enquanto que as formas fracas (pronomes livres e clíticos), que são referencialmente dependentes, aparecem apenas em línguas que não têm concordância [+pronominal]. A autora distingue formas fortes e fracas e, seguindo Everett (1993), sub-classifica as formas fracas em pronomes livres, clíticos e afixos de concordância pronominal. Postula ainda que estas formas fracas encontram-se em distribuição

complementar definindo diferentes tipos de línguas (por ex.: inglês e alemão exibem pronomes fracos livres; fiorentino possui clíticos e o italiano e espanhol possuem concordância [+pronominal]).

Quanto aos pronomes fortes, a autora propõe que estes podem duplicar qualquer forma fraca, seja ela um pronome fraco, um clítico ou ainda um afixo de concordância desde que este seja [+pronominal]. Para Kato, portanto, a reduplicação nas línguas de sujeito nulo envolve o próprio afixo de concordância. Assim, enquanto no francês há a reduplicação do pronome clítico e no inglês, do pronome fraco, em espanhol há a reduplicação do próprio morfema de concordância (KATO, 2000, p.230).

- (33) a. **Me<sub>i</sub>, I<sub>i</sub> ...**  
 b. **Moi<sub>i</sub>, Je<sub>i</sub> ...**  
 c. **Yo<sub>i</sub>, V+Agr<sub>i</sub>**

Para a autora, a perda de *Agr* pronominal no PB está relacionada à emergência de pronomes fracos em posição de sujeito<sup>33</sup>.

Para sustentar a sua hipótese, Kato (1999) mostra que no francês o sujeito nulo era possível quando formas fortes nominativas coexistiam ao lado de *Agr* pronominal. Com o surgimento de um paradigma de formas nominativas fracas quase homófono, *Agr* perdeu o traço [+pronominal], o sujeito nulo desapareceu e os pronomes fortes assumiram a forma dativa. Essa análise vem confirmar a hipótese de que *Agr* pronominal está em distribuição complementar com os pronomes

<sup>33</sup> Para Kato, uma língua pode ter um sistema misto, com algumas formas pronominais e outras não, como o caso do PB, no qual a terceira pessoa do singular é ainda pronominal.

fracos sujeito e que ambos podem co-ocorrer com pronomes fortes, como se pode ver abaixo:

- (34) a. *JOU*, Agr [+pronominal]... {Francês Antigo}  
 b. *JOU*, *je* Agr [-pronominal] {entre Francês Antigo e Francês Moderno}  
 c. *MOI*, *je* Agr [-pronominal].. {Francês Moderno}

No que se refere ao português brasileiro, Kato mostra que a emergência de um paradigma de pronomes fracos nesta língua pode ser constatada através do redobramento de pronomes sujeito, em que pronomes fortes e fracos exibem formas quase homófonas (cf. exemplo abaixo).

- (35) a. VOCÊ, ‘cê não me pega!’ (Kato, 1996)  
 b. Eu, eu (foneticamente [o]) sinto demais isso, né?

Propõe, também, que a mudança que ocorreu no PB pode ser comparada àquela que aconteceu no francês, exceto pela mudança na forma do pronome forte, ou seja: assim como apareceu no francês uma forma fraca nominativa quase homófona (*Je*) ao lado da forma forte (*JOU*), também no PB apareceu a forma fraca quase homófona (*cê*) ao lado da forma forte (*VOCÊ*). A diferença, como se vê em (36), é que no PB não houve mudança no pronome forte e no francês ele passa da forma nominativa ‘*JOU*’ para a forma dativa ‘*MOI*’.

- (36) a. EU adoro isso (PB – séc. XIX)  
 EU<sub>i</sub>, [adoro<sub>i</sub> [+pron] isso]  
 b. EU, ô adoro isso. (PB moderno)

EU<sub>i</sub>, [ô<sub>i</sub> [adoro <sub>[-pron]</sub> isso]]

Para Kato, portanto, tanto no Francês Antigo como no PB do século XIX existiam pronomes sujeitos fracos e fortes homófonos, sendo que enquanto no francês o pronome nominativo forte desapareceu, dando lugar a um paradigma forte oblíquo, no PB isso não aconteceu, ou seja, o caso *default*<sup>34</sup> no PB não mudou como no francês.

Além disso, o Francês Moderno e o PB diferem no sentido de que o PB retém sujeito nulo para sujeitos expletivos, indefinidos e “controlado” e para o pronome ligado, como mostram os exemplos abaixo retirados de Kato (1999, p.5), isto é, *Agr* de terceira pessoa do singular é ainda pronominal no PB, mas não no Francês Moderno.

- (37) a. Tá chovendo  
 b. Tem novidade  
 c. Parece que vai chover
- (38) a. Aqui pode fumar  
 b. Aqui conserta sapatos
- (39) a. Ninguém acha que é estúpido  
 b. O João disse que comprou um carro

Para dar conta dos sujeitos nulos de terceira pessoa do PB, Kato (1999, p.28) propõe que o licenciamento destes nesta língua envolve *PRO* controlado que depende de controle externo. Se não há um DP que o comande, *PRO* recebe uma leitura genérica ou arbitrária (40) como

<sup>34</sup> Kato (1999a) propõe que o pronome forte tem um caso *default* que não precisa ser checado e é interpretado como o sujeito de uma asserção contida em TP. O caso *default* é nominativo nas línguas românicas de sujeito nulo, dativo em francês e acusativo em inglês.

acontece nas orações infinitivas. Mas se existe um DP c-comandante, este liga *PRO* que, por sua vez, liga o morfema *Agr*, como pode ser visto em (41).

(40) [*PRO*<sub>i</sub> [ aqui conserta- $\emptyset$ <sub>i</sub> sapatos]]

(41) O Pedro<sub>i</sub> disse que [ *PRO*<sub>i</sub> [conserta- $\emptyset$ <sub>i</sub> sapatos]]

Para os sujeitos nulos de orações finitas com antecedente quantificado, analisados por Negrão e Müller (1996) como pronomes ligados, a autora atribui a mesma representação. Considerando que nos contextos de infinitivo *PRO* pode ser controlado por *NPs* quantificados, tanto em inglês quanto no PB, a autora propõe que também nas orações finitas *PRO* pode ser ligado por uma expressão quantificada (NEGRÃO e MÜLLER, 1996, p. 29).

(42) a. *Nobody*<sub>i</sub> wanted [*PRO*<sub>i</sub> to leave]

b. Ninguém<sub>i</sub> queria [*PRO*<sub>i</sub> sair]

c. Ninguém<sub>i</sub> acha que [*PRO*<sub>i</sub> [é+ $\emptyset$ <sub>i</sub> estúpido]]

A inovação do sistema flexional do PB, portanto, é a produção de um paradigma de pronomes fracos livres que tem como consequência a projeção obrigatória do *Spec* de TP (KATO, 2000). As línguas de sujeito nulo prototípicas, segundo a mesma autora, por não contarem com um paradigma de formas fracas livres, nunca projetam *Spec* de TP. O francês e o inglês, por outro lado, possuem um paradigma de pronomes pessoais fracos livres e, conseqüentemente, sempre projetam *Spec* de TP. Conforme a autora, portanto, *Spec* de TP é projetado em inglês e francês, e atualmente em PB, porque é o único lugar para onde formas fracas podem se mover.

Seguindo Kato (1999), vimos, portanto, que todas as línguas possuem *Agr*. As línguas que aparentemente não têm *Agr* são as que apresentam concordância de uma pessoa que é a terceira pessoa não-marcada (chinês e japonês).

*Agr* pode aparecer afixado a V+T (inglês e francês e, atualmente, PB) ou pode aparecer como um item independente na numeração (*Agr* [+pronominal]) com traços  $\phi$  interpretáveis como qualquer nome (por ex.: italiano e espanhol).

Nas línguas de sujeito nulo, *Agr* [+pronominal] é inserido em *Spec* VP como seu argumento externo; em seguida é adjungido a T para a checagem de caso e traços  $\phi$ , e a cadeia formada é interpretada em LF como um sujeito temático. *Spec* TP, portanto, não precisa ser projetado.

As línguas que possuem *Agr* afixado a V+T desde a numeração apresentam, no *Spec* de VP, pronomes fracos ou NPs que são elevados para o *Spec* de TP para checar seus traços  $\phi$  e caso. Os pronomes fortes aparecem no *Spec* de  $\Sigma$ , e em línguas [-sujeito nulo] vão apresentar duplicação do sujeito. Nas línguas de sujeito nulo vão exibir o padrão SVO. O pronome forte ou o Tópico DP possui caso *default*. Nas línguas de sujeito nulo, o caso *default* é o nominativo. Os sujeitos pospostos das línguas de sujeito nulo têm caso *default* nominativo.

Do exposto, podemos concluir que o PB, assim como tantas outras línguas que apresentam sujeitos nulos, não se encaixa numa simples distinção binária [+/- *pro-drop*].

## 2.7 Comparação entre o sujeito nulo do PB e do italiano

Italiano e espanhol são línguas prototípicas de sujeito nulo e, por esta razão, exibem sujeitos nulos numa variedade de contextos. Inglês e francês ao contrário, são línguas [-sujeito nulo] e, portanto, não permitem

sujeitos nulos<sup>35</sup>. O PB, por outro lado, é uma língua de sujeito nulo parcial e, ao contrário de línguas como espanhol e italiano, permite sujeitos nulos apenas em contextos de terceira pessoa.

Num estudo comparativo sobre o sujeito pronominal do PB e do Italiano, De Oliveira (1996, 2000) questiona a complementaridade entre pronomes nulos e expressos do italiano defendida por Calabrese (1986).

Com base na análise de dados do italiano, a autora mostra que não há nada que impeça a presença do sujeito em ambientes nos quais as línguas de sujeito nulo do tipo do italiano prevêm a “obrigatoriedade” do sujeito nulo. Em outras palavras, *Agr* [+ pronominal] favorece a identificação do sujeito nulo, mas não impede a presença do sujeito pronominal expresso. Portanto, o PB não pode ser considerado como uma língua [-sujeito nulo] (DUARTE, 1995), tomando por base a distribuição complementar entre pronomes plenos e nulos do italiano, diz a autora. Além disso, mostra que o fato de os sujeitos expressos serem encontrados em maior porcentagem para a primeira e segunda pessoas, tanto no italiano quanto no PB, constitui contra-evidência para a hipótese de que o preenchimento do sujeito pronominal está relacionado apenas à morfologia verbal.

Segundo De Oliveira, o emprego do pronome lexical no italiano além de indicar contraste e focalização, indica também valor enfático, ou seja, o pronome é usado para dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo. Em um estudo sobre a freqüência dos sujeitos pronominais lexicais no italiano, De Oliveira (1996) mostrou que, na modalidade oral, o percentual de sujeitos pronominais plenos presentes nos dados alcançou a marca de 39%.

Embora o preenchimento do sujeito no italiano seja obrigatório apenas para a segunda pessoa do singular do presente e imperfeito do

---

<sup>35</sup> Mas confira a nota (12) para o inglês.

modo subjuntivo ((43) e (44) respectivamente), as frases (45) e (46) mostram que o sujeito pleno foi usado também para a 3ª pessoa do singular do indicativo. Isso mostra que o uso do sujeito pronominal lexical no italiano não está necessariamente relacionado com a morfologia flexional, já que enquanto para o subjuntivo a flexão verbal é a mesma para as três pessoas do discurso, no modo indicativo há uma flexão diferente para cada pessoa gramatical (DE OLIVEIRA, 2000, p.102).

(43) È necessário che (io) / tu / (lui) parta sùbito.  
(É necessário que você parta logo)

(44) Era necessário che (io) / tu / (lui) partissi subito.

(45) Io so **che lui ha ottenuto** i risultati grazie alla mia dieta.  
(Eu sei que ele obteve os resultados graças à minha dieta)

(46) Io sono tornata, ho trovato **che lui si era trasferito**.  
(Eu voltei, vi que ele tinha se transferido)

A autora sugere, portanto, que o uso do sujeito pleno no italiano não é condicionado apenas por fatores sintáticos, como exemplificado em (43) e (44), mas também por fatores pragmáticos como a focalização do sujeito (cf. seção 2.4) e a ênfase ao evento expresso pelo verbo como mostrado em (45) e (46), porque a ausência do pronome nesses contextos não afetaria o julgamento de gramaticalidade.

Mostra ainda, que no PB, ao contrário do italiano, o uso do sujeito pronominal lexical é obrigatório em certas estruturas sintáticas que envolvem denegação (47), foco (48) e a presença de um elemento à esquerda, precedendo o sujeito (49). Isso sugere, segundo a autora, uma maior correlação dos sujeitos pronominais plenos com estrutura sintática do que com a morfologia flexional.

- (47) -Você não comeu! - Eu comi. /\*-*pro* comi.  
 (48) O BOLO eu / \**pro* comi (não o pão).  
 (49) Ontem eu /?? *pro* comi o bolo.

Considera o sujeito duplo do PB como o fator mais importante no que se refere à diferença entre o PB e o italiano. No PB, o NP pode estar adjacente ao pronome numa estrutura de sujeito duplo. No italiano isso não acontece.

- (50) Eu acho que **o povo brasileiro<sub>i</sub>** **ele<sub>i</sub>** tem uma grave doença. (DUARTE, 2000)  
 (51) \*Speriamo che **Mario lui** se la cavi. (DE OLIVEIRA, 2000, p.49)  
 (Tomara que Mario ele se dê bem)

Embora raros, os sujeitos duplos também podem ser encontrados em italiano, desde que apresentem o NP deslocado à esquerda (52), não adjacente ao pronome. Como se pode ver no exemplo (51), não é possível a adjacência entre NP e pronome em italiano.

- (52) **Mario**, speriamo che **lui** se la cavi.  
 (Mário, tomara que ele se dê bem)

Para a autora, portanto, embora o PB e o italiano apresentem semelhanças com relação a uma maior frequência de pronomes de primeira e segunda pessoas, essas línguas diferem em relação ao tipo de pronome usado na posição de sujeito. Enquanto o PB exibe, na posição de sujeito, um pronome fraco que reflete a ausência de *Agr* pronominal, no

italiano, os sujeitos pronominais expressos são representados pelos pronomes fortes que podem co-ocorrer com *Agr* pronominal.

Como vimos na seção 2.6, Kato (1999) mostra que a emergência de um paradigma de pronomes fracos no PB pode ser constatada através do redobramento de pronomes sujeito, em que pronomes fortes e fracos exibem formas quase homófonas:

- (53) a. **VOCÊ**, ‘cê não me pega!’ (KATO, 1996)  
b. **EU**, **eu** (foneticamente [o]) sinto demais isso, né?

No italiano, ao contrário do PB, os pronomes expressos são os pronomes fortes.

Resumindo, os resultados provenientes dos dados analisados por De Oliveira parecem indicar que a distribuição complementar, defendida por muitos autores como obrigatória para línguas de sujeito nulo, não foi encontrada no italiano. Os dados mostram, ainda, que o preenchimento do sujeito é maior para a primeira e segunda pessoas. A partir desses fatos, a autora conclui que não deve existir uma relação de causa entre sujeito nulo e flexão verbal e, pela mesma razão, não considera a perda do sujeito nulo do PB como uma consequência das mudanças ocorridas no sistema de flexão verbal dessa língua. Ao contrário, advoga a tese de que é a emergência do sujeito pronominal pleno que pode desencadear a perda das marcas flexionais distintivas.

## 2.8 Comparação entre o sujeito nulo do PB e do PE

Em um estudo comparativo entre o PE e o PB sobre a distribuição dos pronomes lexicais e nulos de terceira pessoa, Barbosa,

Duarte e Kato (2005) mostram que o número de ocorrências de sujeitos pronominais expressos é maior no PB do que no PE (56% vs 22%)<sup>36</sup>. Atribuem essa diferença, por um lado, à animacidade do sujeito e, por outro, à posição do antecedente.

Assim, quando o referente é [-animado] o PE apresenta 3% de sujeitos pronominais plenos, enquanto que o PB apresenta a taxa de 43%. Esses resultados, segundo as autoras, corroboram a teoria de Barbosa e Kato de que os sujeitos expressos em PE e outras línguas de sujeito nulo são externos a IP e geralmente interpretados como tópicos. Os resultados estão também de acordo com o PB, que, segundo Kato (1999), pode exibir pronomes fracos com traço [+animado] ou [-animado] no *Spec* IP.

- (54) a. A história da vida de um indivíduo é determinante na forma como se reage a[o traumatismo]<sub>i</sub>. **Ele<sub>i</sub>** pode causar a retracção, a inibição... **PE**
- b. A minha contribuição foi colocar o samba<sub>i</sub> no lugar que **ele<sub>i</sub>** está hoje. **BP**

Quanto à posição do antecedente, as autoras apresentam os resultados seguintes.

A relação de c-comando entre o antecedente e o sujeito nulo constitui o contexto que mais favorece o sujeito nulo tanto no PE quanto no PB. Assim, quando o antecedente do sujeito nulo é o sujeito da oração matriz, a diferença entre o PB e o PE é marcante: 3% de sujeitos pronominais expressos para o PE e 22% para o PB.

<sup>36</sup> De acordo com as autoras, como os dados da pesquisa são constituídos de entrevistas transcritas em jornais e revistas, o objetivo principal foi encontrar um estágio de mudança do PB menos avançado do que aquele encontrado em Duarte para a língua falada, e também encontrar menos diferenças entre as duas variedades do português. A hipótese das autoras é que os aspectos da língua-I tanto dos falantes do PE quanto dos falantes do PB possam ser revelados na análise quantitativa da língua-E desses sujeitos.

- (55) a. Ela<sub>i</sub> costumava sentar-se em cima da cama com seu *tricot*, enquanto dava-∅<sub>i</sub> lições a um de nós. **PE**
- b. [O centro português de fotografia]<sub>i</sub> só apoia determinados *lobbies* ou figuras que **eles<sub>i</sub>** consideram importantes. **PE**
- (56) a. Mas as pessoas querem continuar como ∅<sub>i</sub> estão a qualquer preço. **PB**
- b. Eu sinto que onde quer que **eles<sub>i</sub>** estejam **eles<sub>i</sub>** estão me dando muita força para continuar o trabalho em que **eles<sub>i</sub>** tanto acreditavam. **PB**

Se o antecedente do sujeito nulo é o sujeito da sentença adjacente, a diferença é ainda maior: 11% de sujeitos pronominais expressos para o PE e 42% para o PB.

- (57) a. E [o prazer da escrita]<sub>i</sub> foi-se embora. Está-∅<sub>i</sub> a voltar agora, lentamente. **PE**
- b. (...) deviam-∅<sub>i</sub> transmitir-nos outros conhecimentos. No fundo **eles<sub>i</sub>** funcionam um pouco como nossos pais. **PE**
- (58) a. [O homem]<sub>i</sub> finge que é um certo tipo de homem para escrever. Ou seja, ∅<sub>i</sub> trai o homem. **PB**
- b. [O Dudu]<sub>i</sub> é o devagar. **Ele<sub>i</sub>** não bebe, não fuma, mas tem outras virtudes. **PB**

Se o antecedente do sujeito nulo é o sujeito de uma sentença não-adjacente, a taxa de sujeitos pronominais expressos é de 29% para o PE contra 75% para o PB.

- (59) a. As coisas não têm corrido tão bem como [as Nações Unidas]<sub>i</sub> queriam, quando na sua Carta resolveram-∅<sub>i</sub> preparar os povos para a autodeterminação e a independência. (...). A violência não pode ser

dinamizadora da mudança. Mas muito rapidamente concluíram-Ø<sub>i</sub> que todas as condições estavam reunidas. **PE**

b. [Uma paciente]<sub>i</sub> disse-me que o que a salvou foi o facto de duas amigas terem ficado sempre com ela. **Ela**<sub>i</sub> tinha o tal sentimento de não existência, de transparência, de invisibilidade (...). **PE**

(60) a. Quando [as pessoas do Sul]<sub>i</sub> descobriram o Brasil, as culturas se uniram. Conseqüentemente, hoje já não sou mais uma criatura tão regional. Ø Passaram<sub>i</sub> a compreender melhor a cultura do Nordeste. ....**PB**

b. [As pessoas]<sub>i</sub> estavam numa convivência desumana lá. A padaria já está funcionando, **eles**<sub>i</sub> vão produzir o próprio pão. **PB**

Se o antecedente do sujeito nulo está na sentença adjacente, mas é funcionalmente distinto do sujeito nulo, o PE mostra 33% de sujeitos pronominais expressos e o PB, 57%.

(61) a. Fui vê-lo<sub>i</sub> ao Aljube quando estive-Ø<sub>i</sub> na tortura do sono. E depois fechado naquelas celas onde as pessoas mal cabiam e não se podiam ter de pé. **PE**

b. Mas estive muito tempo em jejum no que respeita a [essas personalidades]<sub>i</sub>, porque elas<sub>i</sub> estavam presas a contratos de estação. **PE**

(62) a. Gosto imensamente do trabalho d[o Chico]<sub>i</sub>, Ø<sub>j</sub> considero- [o]<sub>i</sub> um compositor com alma feminina. Ø<sub>i</sub> consegue dizer coisas que somente a nossa alma feminina entende. **PB**

b. Já conversei com [alguns atores]<sub>i</sub> e eles<sub>i</sub> sempre se mostraram interessados, acessíveis. **PB**

Em resumo, as autoras mostram que:

- a) Sujeitos pronominais expressos apresentam quase sempre o traço [-animado] no PE, mas no PB podem apresentar o traço [+animado] ou [-animado]. Atribuem essas diferenças às diferentes posições ocupadas pelo sujeito nas duas línguas.
- b) A relação de c-comando entre o antecedente e o sujeito nulo é o contexto que mais favorece o sujeito nulo tanto no PE quanto no PB. Nesse contexto, o tópico da oração principal é mantido na encaixada.
- c) Quando não há relação de c-comando, a variação no uso de sujeitos pronominais nulos e expressos no PE e no PB parece estar relacionada à manutenção *versus* mudança de tópico. O segundo contexto que favorece o uso do sujeito nulo em ambas as línguas é aquele em que o antecedente do sujeito nulo é o sujeito da oração adjacente, o que indica, portanto, um caso de manutenção de tópico. Mesmo nesse caso, o PB mostra uma taxa mais alta de uso dos pronomes plenos do que o PE (42% no PB e 11% no PE). Quando o antecedente do sujeito nulo não se encontra numa oração adjacente ou se encontra numa oração adjacente, mas numa função diferente, há mudança de tópico. Nos dois casos há um aumento nas taxas de sujeitos pronominais plenos para as duas línguas. Verifica-se para o PE 30% de sujeitos pronominais plenos em média e, para o PB, 57% se o antecedente não tem função de sujeito, e 75% se o antecedente não se encontra numa oração adjacente.

## 2.9 Conclusões

Neste estudo, assumiremos, com Kato (1999), que o sujeito nulo das línguas que possuem concordância pronominal, é o morfema de concordância verbal encontrado nas línguas de sujeito nulo prototípicas do tipo italiano; que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, apresentando sujeitos nulos apenas para a terceira pessoa que ainda é pronominal; que os pronomes expressos do PB, assim como os do inglês e francês, línguas que não possuem concordância pronominal, estão no *Spec IP*, são pronomes fracos e podem ser duplicados por um pronome forte; que o pronome forte ocupa uma posição externa a TP e possui caso *default*. Portanto, o sujeito nulo que ainda aparece no PB pode ter a sua referência a partir de um SN em posição A ou A' como no chinês, ou a partir de um PRO em posição A' caso o sujeito seja controlado ou tenha uma leitura arbitrária. Com relação à flexão marcada de primeira pessoa, como deixou de ser pronominal, a previsão é a co-ocorrência com o pronome fraco.

Retomando o item 2.1, vimos que as línguas *pro-drop* não constituem um único tipo, requerendo, portanto, possíveis sub-parametrizações (KATO, 2002; SIGURÐSSON, 1993). Assim, estaremos lidando com três diferentes tipos de *pro-drop*: a) o *pro-drop* prototípico do italiano; b) o *pro-drop* unipessoal do chinês e c) o *pro-drop* misto do PB. Enquanto em línguas *pro-drop* do tipo italiano o sujeito nulo é identificado pela concordância, no chinês o sujeito nulo uni-pessoal é o *default* (Kato, 2000) e, no PB, uma língua semi-*pro-drop*, os sujeitos nulos compreendem os nulos não-argumentais ou expletivos e o nulo referencial de 3ª pessoa. O Inglês, por outro lado, classificada como *topic-drop*, permite apenas sujeitos nulos de 1ª e 2ª pessoas em orações matrizes.

Vimos, também, no item 2.6, que as mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB levaram a um maior preenchimento dos sujeitos

referenciais dessa língua o que acabou por caracterizá-la como uma língua semi-*pro-drop*.

Assim, o *pro-drop* que os falantes de inglês e italiano, em fase final de aquisição do PB, terão que atingir possui as seguintes características:

- a) preenchimento dos sujeitos referenciais;
- b) maior preenchimento para a 2<sup>a</sup> pessoa, seguida da 1<sup>a</sup>;
- c) preenchimento do sujeito em estruturas que apresentam sujeitos correferentes (encaixadas e independentes);
- d) tendência ao preenchimento dos sujeitos de referência arbitrária em sentenças impessoais ou existenciais;
- e) tendência ao preenchimento do sujeito para referentes [-animado];
- f) construções com sujeitos duplos;
- g) não-preenchimento dos sujeitos expletivos;
- h) possibilidade de não-preenchimento do sujeito para a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas em posição inicial da sentença matriz (*topic-drop*).

O que se espera é que os falantes de italiano e de inglês, em fase final de aquisição, apresentem, na gramática atingida, as características do sujeito nulo do PB, acima delineadas.

### 3 Teoria Gerativa e Aquisição de Linguagem

#### 3.1 A gramática universal na aquisição de língua materna

De acordo com o programa de investigação da gramática gerativa, a Linguística é vista como uma ciência natural que tem como objeto de estudo a faculdade da linguagem que se caracteriza como a componente da mente/cérebro dedicada exclusivamente à linguagem humana. O estado inicial da faculdade da linguagem ( $S_0$ ) é a Gramática Universal (GU) e o seu estado final ( $S_s$  “*Steady State*”) é a gramática do indivíduo adulto. A GU é entendida como contendo princípios lingüísticos geneticamente determinados e específicos à espécie humana, (CHOMSKY 1965, 1981; PINKER 1984, 1994) que tornam possível ao aprendiz de L1 chegar à gramática da sua língua com base na experiência lingüística a que está exposto.

Na teoria da Gramática Universal, postula-se que princípios e parâmetros constituem a faculdade inata que faz com que a aquisição da linguagem seja possível para a espécie humana. Um princípio importante dessa teoria é que, embora possa haver interação entre a faculdade da

linguagem com outros módulos do sistema cognitivo, esta faculdade é autônoma, no sentido de que o seu funcionamento e a sua estrutura são concebidos como independentes de outros módulos da mente/cérebro.

A faculdade da linguagem é vista como uma componente biologicamente determinada que compreende um conjunto de princípios inatos, universais e invariantes, aos quais estão associados parâmetros específicos.

A GU consiste de um sistema de princípios altamente estruturado e restritivo com certos parâmetros abertos a serem fixados através da experiência. À medida que esses parâmetros são fixados, uma gramática é estabelecida, o que podemos chamar de ‘core grammar’ (CHOMSKY, 1980, p.38)<sup>37</sup>.

Nessa teoria, o papel dos princípios é o de restringir as gramáticas do aprendiz a um conjunto de línguas humanas possíveis, o que explicaria as semelhanças entre as línguas naturais. E o papel dos parâmetros, uma espécie de “comutadores lingüísticos”, cujo valor final é determinado no processo de aquisição, é explicar a variação sintática entre as línguas.

Assim, a aquisição, nessa teoria, trabalha com a hipótese de que a criança detém um estado de conhecimento anterior a qualquer experiência lingüística. Essa hipótese justifica-se com base no fato de que o conhecimento da gramática envolve o domínio de um sistema altamente complexo que emerge num curto período de tempo e se desenvolve com grande facilidade, rapidez e uniformidade num ambiente de dados considerados deficientes.

---

<sup>37</sup> “UG consists of a highly structured and restrictive system of principles with certain open parameters, to be fixed by experience. As these parameters are fixed, a grammar is determined, what we may call a ‘core grammar’.” Chomsky (1980, p.38).

A criança é capaz de compreender e produzir sentenças às quais nunca esteve exposta antes. O conhecimento adquirido faz com que ela seja capaz de desenvolver uma linguagem que contém um número infinito de sentenças, apesar de ter sido exposta a um número reduzido e cheio de imperfeições. Isso significa dizer que o conhecimento adquirido pela criança representa muito mais do que aquele presente no *input* ao qual ela foi exposta.

A partir dos dados lingüísticos primários (DLPs), a criança é capaz de determinar a forma que a gramática da sua língua deverá ter. Quando ela é exposta ao *input*, um léxico específico da língua é formado e os parâmetros da GU são marcados com os valores apropriados para a língua em questão. No tempo devido, a criança chega à gramática estável da sua L1.

As mudanças na definição da GU estão relacionadas ao desenvolvimento da teoria lingüística. Entretanto, independentemente da forma como a GU é concebida, existe a compreensão entre os gerativistas de que determinadas propriedades da linguagem são abstratas demais e complexas demais para serem adquiridas apenas com base no *input*, isto é, sem que se assumam algumas restrições inatas e especificamente lingüísticas na aquisição da gramática de uma língua.

### **3.1.1 O inatismo**

Vários são os argumentos utilizados na defesa de uma base biológica na aquisição de L1 (CHOMSKY, 1959, 1965, 1981, 1986; PINKER, 1994):

- a) a capacidade para a linguagem é específica da espécie humana;

- b) a habilidade para a aquisição de língua independe da inteligência;
- c) a aquisição é *uniforme* – todas as crianças com habilidades normais têm o mesmo potencial para a aquisição de uma língua nativa: o padrão de aquisição é relativamente uniforme entre crianças diferentes, culturas diferentes e línguas diferentes; isso significa dizer que qualquer criança é capaz de aprender qualquer língua como língua nativa, bastando, para tanto, que seja exposta aos dados dessa língua;
- d) a aquisição é *rápida* – a criança geralmente adquire as estruturas mais importantes de sua língua por volta dos três anos de idade, o seu percurso é semelhante de língua para língua, e o resultado final é estável para todos os seres humanos;
- e) e não exige nenhum *esforço* – a criança não precisa de nenhum programa específico para a aprendizagem de uma língua, mas tão-somente de interação com falantes nativos e exposição aos dados da língua. Além disso, a rapidez e a criatividade com que ela constrói a sua gramática não podem ser explicadas com base apenas no *input* a que tem acesso.

Todas essas características são, portanto, consistentes com a visão de que os mecanismos responsáveis pela construção de gramáticas são inatos.

### **3.1.2 GU e a TPP**

A teoria gerativista, principalmente a partir da abordagem de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1980, 1981, 1982 e 1986), tem sido

instrumento de análise relevante para explicar a aquisição de linguagem. Ao contrário das propostas anteriores<sup>38</sup>, a Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP) nega a necessidade de aprender todas as regras de uma língua e postula a existência de um conjunto de princípios inatos, universais e invariantes presentes em todas as línguas naturais.

Como já dissemos anteriormente, de acordo com a TPP, para Chomsky (1981, 1982, 1986), a GU compreende um conjunto de princípios inatos universais, invariáveis, aos quais estão associados parâmetros, definidos como uma espécie de “comutadores lingüísticos” cujo valor final <+> ou <-> só é atingido durante o processo de aquisição através da sua fixação numa das posições possíveis, com base no *input* que a criança recebe da sua comunidade.

Desta forma, para a construção da gramática de uma dada língua, a criança faz uso dos princípios universais e dos dados de sua experiência lingüística, o que lhe permitirá decidir qual valor atribuir a um determinado parâmetro. Vejamos, a esse respeito, o que diz Raposo (1992, p.55):

Quando todos os parâmetros estão ligados num desses valores, a criança já tem adquirido um sistema complexo de conexões entre os princípios universais rígidos e os parâmetros, o qual determina de um modo altamente específico as propriedades de cada língua particular. A aquisição é assim completamente identificada com o crescimento e a maturação da Gramática Universal, que passa de um estado apenas parcialmente especificado (com parâmetros por fixar) a um estado completamente especificado (com os parâmetros fixados).

---

<sup>38</sup> O primeiro momento da teoria gerativa - Modelo Padrão (CHOMSKY, 1965) – é caracterizado pela presença de regras sintagmáticas, regras de inserção lexical e regras transformacionais. Nesse Modelo, a criança deveria aprender as regras de sua língua materna. O segundo momento – Modelo- Padrão Estendido (CHOMSKY, 1973) – caracteriza-se por apresentar restrições às regras e representações.

Sabendo-se que a gramática de cada língua contém um léxico específico e um conjunto de regras lexicais, a tarefa da criança quando da aquisição de sua língua materna consiste, em primeiro lugar, em aprender as formas lexicais da língua com suas propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas determinadas pelo dicionário mental; e, em segundo lugar, em fixar os parâmetros da GU que têm relevância na língua que está sendo adquirida. Quando todos os valores dos parâmetros estão selecionados, pode-se dizer que a criança adquiriu a gramática nuclear (*core grammar*) de uma língua, o que quer dizer que ela passou a dominar um sistema de relações entre princípios rígidos e parâmetros variáveis. Dessa forma, a aquisição da língua materna coincide com a transformação da GU, que passa de um estado apenas parcialmente especificado (com parâmetros por fixar) para um estado totalmente especificado (com parâmetros já fixados).

Podemos ilustrar esse processo considerando um dos parâmetros mais discutidos na literatura gerativista, o chamado “Parâmetro do Sujeito Nulo”, diretamente envolvido neste estudo. Existe na GU um princípio rígido que determina a existência da posição de sujeito nas orações das línguas humanas (*Extended Projection Principle - EPP*). A GU, no entanto, não determina que essa posição seja necessariamente preenchida por um NP com conteúdo fonético. Em relação ao NP pronominal, propôs-se, inicialmente (CHOMSKY 1981, 1982, RIZZI 1982, 1986, entre outros), que em línguas de sujeito nulo ou *pro-drop*, como o português europeu, o italiano e o espanhol, é possível deixar essa posição vazia<sup>39</sup>:

- (63) a. (Yo) hablo español  
b. (Io) parlo italiano

<sup>39</sup> Isso não significa, no entanto, que em línguas de sujeito nulo todos os pronomes devam ser nulos. É possível a ocorrência de sujeitos pronominais nulos e preenchidos em contextos distintos.

## c. (Eu) falo português

Em línguas como o inglês ou o francês, conhecidas como línguas não-*pro-drop*, a posição de sujeito deve ser preenchida foneticamente:

(64) a. **I** went to the movies yesterday.

b. **Je** suis allé au cinéma hier.

Mas, como vimos no item 2.6, neste estudo vamos supor que o que define as línguas quanto a serem (+sujeito nulo) ou (-sujeito nulo) é a distribuição dos pronomes fortes e fracos, incluindo, nestes últimos, flexão de concordância (*Agr*) pronominal (KATO, 1999a,b), mais de acordo com a visão de que parâmetros estão relacionados aos itens lexicais, no caso os pronominais.

Assim, a criança pode escolher o tipo de realização dos pronomes fracos entre a) afixos pronominais (línguas de sujeito nulo); b) clíticos (línguas como os dialetos do norte da Itália) e c) pronomes livres (como o inglês e o alemão)<sup>40</sup>. Essa escolha é feita com base nos dados lingüísticos primários, ou seja, com base no que a criança ouve. Por exemplo, espera-se que uma criança que esteja exposta aos dados de uma língua como italiano, espanhol ou português europeu não tenha dificuldade em fixar o parâmetro na posição [+] *pro-drop*, ao ouvir expressões como em (63).

O papel da criança na aquisição da linguagem passa a ser, então, o de fixar os valores dos parâmetros para a língua específica a ser adquirida por ela. A interação entre os parâmetros fixados e os princípios universais resulta na aquisição de uma gramática nuclear de uma dada língua.

---

<sup>40</sup> Alguns parâmetros poderiam envolver uma escolha ternária, como nesse caso, ou então o afixo e o clítico formarem uma das escolhas digitais antes da seleção final.

De acordo com a TPP, portanto, os parâmetros são fixados com base na língua a que a criança está exposta. Dessa perspectiva, num estado inicial de aquisição da linguagem, haveria duas possibilidades para a posição de um parâmetro encontrar-se ligado: numa posição neutra<sup>41</sup> que independe das duas posições possíveis ((+) e (-)) em que um parâmetro pode ser fixado, e numa posição não-marcada ou *default*, proposta que assumimos neste estudo.

Dessa forma, quando o parâmetro encontra-se numa posição não-marcada no estado inicial da aquisição, supondo que a criança inicia o processo de aquisição com o valor do parâmetro do sujeito nulo fixado na posição não-*pro-drop*, teremos o seguinte: Se a criança cresce numa comunidade em que se fala italiano (língua de sujeito nulo), ela terá acesso a evidências positivas que contradizem a fixação original do parâmetro. Com base nessas evidências, a criança muda o valor inicial do parâmetro para a posição *pro-drop*. Se, no entanto, a criança cresce numa comunidade onde se fala inglês (língua que não permite sujeito nulo), ela não precisa alterar o valor inicial do parâmetro, já que no seu ambiente lingüístico não existem dados positivos que a forcem a uma mudança do valor previamente fixado.

Resta ver, nessa perspectiva, o que considerar como o valor *default*. Como vimos no item 2.2, o tipo *pro-drop* necessita de uma subparametrização, consistindo o tipo italiano num dos tipos e o chinês no outro, analisado em Kato (2000, 2001) como o tipo uni-pessoal.

---

<sup>41</sup> Se o parâmetro se encontra em posição neutra, podemos supor o seguinte: se línguas como o espanhol e italiano que permitem a ausência de sujeitos na sua estrutura superficial têm sido referidas como línguas de sujeito nulo (ou línguas (+*pro-drop*)), uma criança que estiver exposta a uma destas línguas, marcará o parâmetro para essa língua, tomando como base apenas informação positiva (construções sem sujeito fonético); se, por outro lado, línguas como o inglês e o francês exigem a presença de sujeito foneticamente realizado e são tidas como línguas (-*pro-drop*), uma criança que estiver exposta a uma dessas línguas marcará o parâmetro para essa língua, usando como evidência positiva, para essa marcação, por exemplo, a existência de expletivos do tipo *there* e *it*.

Nesse estudo, o que estamos considerando como valor *default* é o *pro-drop* com flexão verbal uni-pessoal<sup>42</sup>. Para a Kato, portanto, a criança começa com uma gramática uni-pessoal<sup>43</sup> e, diante de evidência positiva (pronominais fracos: livres, clíticos ou afixos), passa para um sistema pluripessoal, que pode ser *+pro-drop* pluripessoal (italiano) ou *-pro-drop* pluripessoal (alemão, inglês). Na ausência de dados positivos, a criança aprendendo japonês ou chinês manterá o valor *+pro-drop* uni-pessoal.

### 3.1.3 A marcação de parâmetros

No que tange à marcação paramétrica, dentro da proposta do modelo de princípios e parâmetros há duas hipóteses que tratam da fixação de parâmetros pela criança de modos distintos: de um lado a Hipótese Maturacional e de outro a Hipótese da Continuidade.

A pressuposição básica da Hipótese Maturacional, na formulação de Borer e Wexler (1987), é de que certos princípios maturam, ou seja, os princípios não estão disponíveis em certos estágios iniciais de desenvolvimento da criança, só se tornando disponíveis em um estágio posterior. Vejamos, a esse respeito, o que afirmam os autores:

It is well-known that many aspects of the brain mature after birth. On the assumption that linguistic properties are situated in the brain, it is quite plausible that linguistic properties mature (BORER e WEXLER, 1987, p.124).

Para Borer e Wexler (1987), o aprendiz começa dispondo de certos aspectos da competência gramatical e vai acrescentando outros com

---

<sup>42</sup> Para Kato (2000), o sistema uni-pessoal é necessariamente *pro-drop*, com a identificação sendo feita externamente por um antecedente no discurso ou no texto.

<sup>43</sup> Hyams (1992) também propõe que o chinês é o valor *default*, mas não desenvolve, como Kato, uma teoria sobre a propriedade uni-pessoal desse tipo de língua.

o passar do tempo. A aquisição de novas habilidades lingüísticas em combinação com os princípios de que a criança já dispõe permite a reinterpretção de dados anteriores e, assim, ela passa de uma forma da gramática a outra. Uma vez que a criança não dispõe de todos os princípios da GU, como advoga esta hipótese (FELIX, 1987; BORER e WEXLER, 1987), entende-se que a produção infantil inicial não seja restringida pelos mecanismos da GU, o que faz emergirem estruturas não autorizadas pela GU, dando origem a um tipo de gramática ilegal ou “wild”, como normalmente referida. Já que esta hipótese está vinculada à maturação biológica, não cabe considerá-la no caso de aquisição de L2 por adulto.

Uma versão mais fraca da hipótese maturacional pressupõe que as produções lingüísticas nos vários estágios da aquisição constituem gramáticas possíveis do ponto de vista da GU, ou seja, não há lugar para gramáticas ilegais. Nessa visão, os princípios da GU estão disponíveis para a criança desde o início da aquisição, sendo as categorias funcionais os elementos que dependem de um processo de aquisição, que se desenvolve segundo um programa determinado pela GU (cf. RADFORD, 1990; GUILFOYLE e NOONAN, 1988). Essa visão tem sido denominada Teoria do Truncamento<sup>44</sup>.

A hipótese da continuidade, por outro lado, postula que a criança apresenta, desde o início, uma estrutura que se conforma com os princípios que regem a gramática do adulto (HYAMS, 1986, 1987, 1989 e 1992; CLAHZEN, 1989, entre outros). Em virtude da hipótese de que toda produção da criança deriva de possibilidades autorizadas pela GU, a

---

<sup>44</sup> Conforme Radford (1990) – um dos proponentes radicais da Hipótese do Truncamento – as primeiras realizações de crianças com idade entre 12 e 18 meses são consideradas acategoriais. Para o autor, nessa fase que compreende o estágio de uma palavra, as produções da criança não têm propriedades sintáticas. Num estágio posterior, (18-24 meses), caracterizado como pré-funcional, as estruturas produzidas pelas crianças mostram evidências de desenvolvimento de sistemas de categorias lexicais, mas nenhuma evidência de sistemas de categorias funcionais. Postula que a fala da criança, no estágio pré-funcional, é equivalente às *Small Clauses* (mini-orações) dos adultos por não possuir o sistema CP.

hipótese da continuidade trabalha com a idéia de que, no início da aquisição, os parâmetros estão marcados na GU com uma opção *default* (cf. HYAMS, 1986). Essa idéia é fundamental para esta hipótese, a fim de garantir que a criança seja capaz de atuação lingüística exclusivamente dentro das opções da GU, mesmo antes de identificar qual escolha é adequada como parâmetro na sua língua. A opção *default* é necessariamente anterior a qualquer experiência lingüística e é programada já no mecanismo de aquisição para garantir um comportamento que não viole as regras da GU. No caso do Parâmetro *Pro-drop*, o sujeito nulo foi considerado a opção *default* (HYAMS, 1986).

Ao contrário do que foi proposto por Radford (1990), Poeppel e Wexler (1993) e Deprez e Pierce (1993) advogam que crianças muito cedo conseguem distinguir entre o infinitivo e as formas finitas do verbo. Deprez e Pierce (1993) postulam que crianças francesas de 1;8:1<sup>45</sup> a 2;2:2<sup>46</sup> de idade fazem distinção entre as formas finitas e o infinitivo dos verbos, com relação à posição de negação. Poeppel e Wexler (1993), analisando produções de crianças alemãs de 25 meses perceberam, em quase todos os casos, que a criança colocava o verbo flexionado na posição correta V2 e o infinitivo na posição correta de final de sentença.

Ainda, contradizendo Radford, autores como Wexler e Pierce, na linha continuísta, argumentam que, no estágio em que a criança é capaz de produzir seqüências de duas palavras, considerado por esse autor como pré-funcional, ela terá a estrutura clausal mínima de um adulto em qualquer língua. Comentando tais autores, Kato afirma:

Na visão dos continuístas, a aparente fase léxico-temática oculta categorias funcionais, visíveis em certas regularidades na produção da criança. Assim, vimos que, no francês o verbo sobe para a categoria I (Flexão) quando a

<sup>45</sup> Leia-se: 1 ano, 8 meses e 1 semana

<sup>46</sup> Leia-se: 2 anos, 2 meses e 2 semanas

sentença é finita e permanece em VP quando o modo é infinitivo. A diferença de posição da negação seria então uma pista para dizer se há ou não a categoria I na gramática da criança. A alternância entre “pas manger” e “mange pas” na fala da criança é indicio da presença de I na estrutura (KATO, 1995b, p.70).

Para Kato, (1999b), embora os enunciados da criança possam ser truncados, a sua gramática, em todas as fases, é uma gramática das línguas naturais. Partindo da perspectiva Minimalista, a autora propõe que

[...] a criança seria guiada pelos Princípios de Economia. Antes de aprender a natureza da morfologia, a criança iniciaria com o valor do parâmetro mais econômico, com a morfologia tanto verbal quanto nominal presumidas fracas, o que explicaria as formas produzidas na fase que os maturacionistas como Radford, Lebeaux e Guilfoyle e Noonan chamaram de Léxico-temática. Não haveria nem subida de verbo e nem subida de NPs, permanecendo tudo dentro da projeção lexical do verbo. Mas o fato de não haver movimentos na sintaxe visível não exclui a possibilidade da existência do esqueleto funcional, onde os elementos poderiam ter seus traços checados em FL. O “default” seria, portanto, de ausência de traço forte nos diversos núcleos funcionais. (Kato, 1999b, p.15).

Vários trabalhos sobre variação paramétrica e fixação de parâmetros (HYAMS 1986; ROEPER e WILLIAMS, 1987; CHOMSKY 1988; JAEGGLI E SAFIR 1989) têm chamado a atenção para a inter-relação de diferentes fenômenos sintáticos em termos de um único parâmetro (*clustering*). Tem sido assumido que um único fenômeno é suficiente para desencadear a fixação de um determinado parâmetro. Por exemplo, a emergência de sujeitos expletivos do tipo *it*, *there* na aquisição de L1 pela criança desencadearia a fixação do valor [-] sujeito nulo para o parâmetro *pro-drop* do inglês (HYAMS, 1986). Para as línguas de sujeito nulo prototípicas, do tipo italiano, Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem, com

base numa escala de hierarquia referencial<sup>47</sup>, que a presença de pronomes nulos de primeira e segunda pessoas no *input* seria suficiente para desencadear o valor [+ ] sujeito nulo para essas línguas<sup>48</sup>.

Da mesma forma tem-se assumido que um dado conjunto de fenômenos sintáticos superficialmente não-relacionados (JAEGLI e SAFIR, 1989) pode ser interpretado como diagnóstico para a fixação de um determinado parâmetro. Por exemplo, vimos que alguns autores assumem que o parâmetro do sujeito nulo é marcado positivamente para línguas como o italiano e espanhol que permitem sujeitos nulos, e que possuem flexão verbal rica capaz de identificar o sujeito através da concordância<sup>49</sup>.

Em princípio, à marcação positiva do parâmetro está vinculado não apenas o sujeito nulo, mas também construções *that trace* que constituem uma violação em línguas que não permitem sujeitos nulos, como o inglês, por exemplo, e que são verificadas em línguas de sujeito nulo. Como o fenômeno *that trace* é uma variação sistemática que não poderia ser ensinada, tem-se assumido que esse fenômeno é uma consequência da fixação do parâmetro do sujeito nulo. Para Jaeggli e Safir (1989, p.8), a assunção crucial é que qualquer generalização lingüisticamente significativa que não possa ser aprendida com base em evidência positiva deve pertencer à GU. A idéia subjacente a essa proposta de parâmetros é que, dessa forma, a tarefa da aquisição da linguagem torna-se mais fácil.

---

<sup>47</sup> Para as autoras, a referencialidade tem grande relevância no que concerne à pronominalização lexical ou nula nas línguas. A hierarquia referencial tem os argumentos [+N +humano] na posição mais alta na hierarquia. Por serem inerentemente humanos, os pronomes (eu) e (você) ocupam a posição mais alta na escala hierárquica e a terceira pessoa ocupa a posição mais baixa. Propõem que uma variante nula num ponto específico da escala implica variantes nulas à sua esquerda na hierarquia referencial.

<sup>48</sup> Deve-se acrescentar aqui que estes sujeitos nulos devem poder ocorrer em posição não inicial absoluta para não serem interpretados como “topic-drop” possível em línguas como o inglês (HAEGEMAN, 1990).

<sup>49</sup> Podemos dizer que esse é apenas um sub-tipo do parâmetro *pro-drop*, pois o chinês e o japonês não têm flexão e são línguas *pro-drop*.

O conjunto de fenômenos sintáticos relacionados a um mesmo parâmetro, característica presente no processo de aquisição de L1 e na gramática do adulto, é, portanto, considerado como diagnóstico de GU no modelo de Princípios e Parâmetros. O papel desempenhado pela fixação de parâmetros aliado ao conjunto de fenômenos sintáticos superficialmente não relacionados na aquisição da linguagem é substancial no modelo de Princípios e Parâmetros, levando à concepção de que a tarefa mais importante do aprendiz de L2 deve ser a refixação dos valores dos parâmetros de GU.

Contudo, a presença da GU por si só não é capaz de resolver todos os problemas da aquisição da gramática. No âmbito da abordagem TPP, os valores atribuídos aos parâmetros acabam por formar uma dimensão da GU que não tem motivação interna e que, por esse motivo, está submetida a condições extra-gramaticais que delimitam as hipóteses logicamente possíveis sobre as propriedades paramétricas.

Nesse modelo, os princípios universais e os parâmetros são entendidos como restrições da mesma natureza. A diferença estaria no grau de liberdade que eles permitem. Uma teoria explicativa deve indicar uma lógica inerente para a existência e as propriedades dos diferentes parâmetros. Nesse sentido, o componente parametrizado da TPP é pouco estruturado, já que tanto os princípios de aprendizagem quanto as condições de boa formação representam delimitações extra-gramaticais. Assim, o conjunto dos parâmetros possíveis precisa de uma fundamentação interna para que se possa chegar a uma compreensão mais profunda da estrutura de uma língua.

A partir da década de 90 vários trabalhos teóricos são desenvolvidos objetivando ultrapassar as imperfeições do modelo em questão, assim como estabelecer uma abordagem da estrutura lógica da

GU que imponha rígidas exigências gramaticais ao conjunto dos parâmetros possíveis das línguas naturais (OUHALLA 1991).

Na abordagem mais recente da TPP, conhecida como Programa Minimalista (CHOMSKY 1989, 1993, 1995 e 2000; EPSTEIN e HORNSTEIN, 1999; HORNSTEIN, 2000; KAYNE 2000; OUHALLA, 1999), os princípios universais da GU encontram-se em um componente separado das opções paramétricas. Os parâmetros são encontrados em um componente funcional denominado de “léxico da gramática universal” (SMITH e TSIMPLI 1995). Este contém as categorias funcionais C, AGR e D e, talvez, algumas outras<sup>50</sup>. Pressupõe-se que a exposição aos DLPs<sup>51</sup> desencadeia a aquisição das propriedades morfofonológicas das categorias funcionais e, ao mesmo tempo, detona a fixação dos valores paramétricos que são codificados nos verbetes das categorias C, AGR, ou D. As diferenças paramétricas entre as gramáticas, portanto, estão associadas às propriedades de um subgrupo dos itens lexicais, as chamadas categorias funcionais. White (2003, p.10) considera três fontes potenciais de variação interlingüística relacionadas às categorias funcionais:

Languages can differ as to which functional categories are realized in the grammar. On some account, for example, Japanese lacks the category Det (FUKUI and SPEAS 1986).

The features of a particular functional category can vary from language to language. For instance, French has a gender feature, while English does not.

Features are said to vary in strength: a feature can be strong in one language and weak in another, with a range of syntactic consequences. For example, Infl features are strong in French and weak in English (...), resulting in certain word-order alternations between the two languages.

---

<sup>50</sup> C = complementizer

AGR = agreement

D = determiner

<sup>51</sup> DLPs : Dados Lingüísticos Primários

Resumindo, podemos dizer que a GU representa o estado inicial (S<sub>0</sub>) do conhecimento lingüístico inato e compreende, por um lado, princípios universais invariantes responsáveis por definir os limites das gramáticas das línguas naturais e, por outro, parâmetros que vão determinar a variação entre as línguas. As categorias funcionais dão origem às opções paramétricas e, com seus morfemas gramaticais e palavras funcionais, constituem a “cola sintática” que permite a combinação das categorias lexicais (HERSCHENSOHN, 2000). A partir da interação entre GU e os DLPs à disposição da criança, esta adquire as propriedades do léxico da sua língua materna, estabelece a configuração paramétrica adequada à gramática nuclear dessa língua e, conseqüentemente, adquire a competência perfeita do falante nativo.

Consideramos como categoria funcional relevante para o parâmetro estudado, o parâmetro do sujeito nulo, a categoria D que, quando pronominal, pode ser um pronome livre, um clítico ou um afixo (KATO, 1999a).

### **3.2. Acesso à GU na aquisição de segunda língua (L2)**

Mostramos, na seção 3.1, que a GU é vista como um sistema de princípios e parâmetros que impõe restrições às gramáticas quando da aquisição de L1 e à gramática do indivíduo adulto.

Vários fatores corroboram a visão de que o conhecimento de uma L2 é estrangido pelos princípios da GU: sistematicidade da interlíngua<sup>52</sup>, habilidade comparada à de falantes nativos, e pobreza de estímulo. Em primeiro lugar, a gramática da interlíngua, segundo Selinker (1972), é

---

<sup>52</sup> A gramática intermediária do aprendiz de segunda língua.

sistemática, isto é, regida por regras, e não necessariamente determinada pela L1 ou L2. Essa gramática pode possuir traços da L1 e da L2 ou de nenhuma delas. Mesmo não apresentando traços de L1 e/ou L2, essa gramática se conforma com as restrições universais sobre a língua, ou seja, é uma gramática prevista por GU.

Em segundo lugar, falantes de segunda língua em estágio avançado de aprendizagem atingem um nível de competência comparável ao de falantes nativos (BIRDSONG, 1992). Em terceiro lugar, aprendizes de L2 adquirem conhecimento que vai além do *input* a que têm acesso, que não é ensinado e que não é transferido da sua L1, como por exemplo, o valor de um parâmetro que é diferente do da sua L1.

Levando em conta esses fatos, somos levados a acreditar que o processo pelo qual a criança passa quando da aquisição de uma L1 seja, de alguma forma, semelhante ao processo que guia a aquisição de uma L2. O que significa dizer que os mesmos princípios que restringem a aquisição de L1, possivelmente restringem a aquisição de L2, apesar do fato de o aprendiz de L2 já possuir uma gramática.

Segundo Epstein et al. (1996), o acesso à GU por aprendizes de L2 está diretamente ligado ao que se entende por relação entre GU e as gramáticas nucleares. Se a fixação dos parâmetros durante a aquisição de L1 muda o estado inicial da GU, as relações subseqüentes entre GU e a gramática da L2 serão necessariamente mediadas pela gramática nuclear da L1. Se, por outro lado, a fixação de parâmetros consiste em incorporar, em cada estágio da gramática, a opção da GU que se conforma com os dados aos quais a criança está exposta, então a forma básica de GU não muda. Nessa possibilidade, GU é, portanto, concebida como o módulo cognitivo que restringe a construção da gramática durante a aquisição, mas que continua constante durante esse processo.

Um argumento a favor dessa última concepção de GU, segundo o autor, vem da aquisição de linguagem por crianças bilíngües. Nesse caso, a tarefa do aprendiz é a de construir gramáticas nucleares que exigem duas formas diferentes de marcação de parâmetro para o mesmo princípio. Nessa situação, portanto, ficaria difícil manter a hipótese de que a fixação do parâmetro transforma totalmente as opções fornecidas pela GU e torna as opções paramétricas não selecionadas indisponíveis.

[...] precisamos de um modelo em que a forma de GU não seja alterada através da marcação de parâmetros, mas um modelo em que os valores paramétricos não instanciados permaneçam disponíveis pelo menos para a aquisição de linguagem pela criança (EPSTEIN et al. 1996, p. 679).

Essa é também a posição de Roeper (1999), no seu artigo *Bilingüismo Universal*, que examinaremos na seção (3.5).

É natural que as mudanças sucessivas na concepção de GU produziram diferentes interpretações na questão do acesso à GU no contexto de aquisição de L2. De um lado, discute-se a questão do acesso *vs* não acesso à GU. De outro lado, discute-se a natureza do estado inicial para a aquisição de L2. Exporemos, a seguir, algumas das diferentes posições teóricas com relação ao papel da GU na aquisição de segunda língua.

### **3.2.1 Hipótese do acesso nulo**

De acordo com os defensores da Hipótese do Acesso Nulo, a aquisição de primeira e de segunda língua são processos cognitivos completamente distintos, ou seja, enquanto o processo de aquisição de L1 é guiado por GU, nenhum aspecto da GU interfere na aquisição de L2.

Bley-Vroman (1989), por exemplo, argumenta que o adulto aprendiz de L2 não tem acesso à GU. Afirma que há diferenças na aquisição de L2 e L1, pois, o Dispositivo de Aquisição de Linguagem (“*language acquisition device*” (LAD), cf. Chomsky, (1981) não é mais operante depois da puberdade.

Para o autor, ao contrário do que ocorre com a L1, a aprendizagem de uma L2 nem sempre é bem sucedida, isto é, o conhecimento adquirido pelos falantes não é uniforme em uma mesma comunidade lingüística, há sensibilidade a fatores afetivos como, por exemplo, motivação e atitudes, e há interferência de instrução formal e evidência negativa. Por essa razão, a aquisição se dá através do conhecimento da L1 e também de estratégias de resolução de problemas. A essa proposta ele chama de Hipótese da Diferença Fundamental (HDF) segundo a qual a diferença entre a aquisição de L1 e L2 é “interna, lingüística e qualitativa” (p. 50)<sup>53</sup>.

Outra formulação da hipótese do acesso nulo é apresentada por Clahsen e Muysken (1986) e Clahsen (1988) em estudos que comparam o desenvolvimento da ordem de palavras na aquisição do alemão como L1 e L2. Esses autores argumentam que a gramática da criança é constrangida por GU, mas não a do adulto. Para Clahsen e Muysken (1996) a aprendizagem de segunda língua pode ser entendida como outro tipo qualquer de aprendizagem humana que não seja guiado pelos princípios de GU, como por exemplo, a aprendizagem de linguagens computacionais, rituais de dança ou formas literárias. Para esses autores,

---

<sup>53</sup> É interna, no sentido de ter como causa diferenças no estado cognitivo interno de adultos *versus* crianças, e não em alguns fatores externos como, por exemplo, *input* insuficiente; além disso, é lingüística porque tem como causa a mudança da faculdade de linguagem especificamente, e não a mudança geral na habilidade de aprender; por fim, é qualitativa, e não apenas quantitativa, já que para a aquisição de L2 o sistema de aquisição de domínio específico não é apenas atenuado, mas encontra-se indisponível.

adultos aprendizes de L2 perderam as opções paramétricas que não são instanciadas em sua língua materna. (...) a diferença entre o desenvolvimento de L1 e L2 é real e fundamental: opções paramétricas especificadas na GU são acessíveis aos aprendizes de L1, mas não aos aprendizes adultos de L2 (CLAHSEN e MUYSKEN, 1996, p.722).

Meisel (1997), comparando a aquisição da negação em língua materna com a aquisição do mesmo fenômeno, por adultos, em L2, sugere que os aprendizes de L2 precisam recorrer a estratégias de observação das seqüências lineares para produção e, portanto, não têm acesso à GU da mesma forma que as crianças, posição que ele reformula posteriormente, como veremos.

### **3.2.2 Hipótese do período crítico**

A diferença adulto/criança está intimamente ligada à Hipótese do Período Crítico – *Critical Period Hypothesis* (LENNEBERG 1967) – que propõe ser a aquisição de primeira língua biologicamente determinada para ser inevitável e cronologicamente limitada a um período crítico durante a infância. O autor defende a existência de um período crítico para o desenvolvimento da linguagem que compreende o período dos dois aos doze anos de idade. Propõe que a lateralização do cérebro é a razão principal da perda da capacidade de aquisição da linguagem na puberdade, com definitiva especialização do hemisfério esquerdo para as funções de linguagem.

Vários estudos, por exemplo, Krashen (1973) e Snow (1987), desafiam a hipótese do período crítico da forma como foi concebida originalmente por Lenneberg (1967). As críticas dizem respeito, principalmente, à afirmação do autor de que a especialização de um hemisfério cerebral para a função lingüística culmina na puberdade.

Segundo Snow (1987), as evidências falam a favor da presença de um substrato biológico para a linguagem e os dados indicam que esse sistema já está presente no dia do nascimento. Para a autora, portanto, nada indica que exista uma idade ideal para o funcionamento da função lingüística, nem que esta idade seja anterior à puberdade.

Contudo, a maioria dos pesquisadores atuais concorda com o fato de que à medida que aumenta a habilidade para o uso da língua materna, diminui a capacidade de se adquirir uma L2. Em outras palavras, a aquisição de uma segunda língua aumenta em dificuldade com o avanço da idade. No entanto, para a aprendizagem da linguagem, os estudiosos, atualmente, preferem falar de períodos sensíveis no lugar de período crítico. Vejamos, a esse respeito, o que dizem Epstein et al. (1996, p.683):

[...] essa mudança na terminologia reflete o sentimento crescente na área de que é improvável que os determinantes biológicos do comportamento e das capacidades cognitivas, sejam quais forem, tornem-se, totalmente, indisponíveis depois de uma certa idade. As evidências sugerem antes que durante certos períodos de desenvolvimento, certos organismos tendem a ter uma sensibilidade maior para certos estímulos do meio e, portanto, desfrutam de uma situação ideal para um certo comportamento ou uma certa capacidade. É possível que alguma coisa parecida valha, também, para a aquisição de línguas.

Quando se trata de aquisição de língua materna, as evidências que favorecem a hipótese de períodos sensíveis estão relacionadas aos casos de crianças selvagens ou oriundas de lares de pais psicóticos, que foram privadas, completamente, do convívio social e, portanto, dos DLPs, e que só foram encontradas depois da puberdade.

Como exemplo, pode-se citar o caso de *Genie* (PINKER, 1994), encontrada num subúrbio de Los Angeles, em 1970, aos treze anos e meio de idade. Ela não conseguiu dominar por completo a gramática do inglês

mesmo depois de um treinamento intensivo. A perda da habilidade para a aquisição de uma gramática plena pode estar relacionada ao fato de Genie não ter tido a oportunidade de desenvolver a gramática da sua L1. Além disso, o *input* a que teve acesso foi instrucional e, portanto, não se pode considerar que houve aprendizagem por imersão, como acontece com crianças pequenas quando da aquisição de uma língua materna.

A hipótese da diferença fundamental de Bley Vroman (1990) propõe que o adulto, ainda que prejudicado pela ausência de GU ou dos mecanismos de aprendizagem específicos para a linguagem, pode compensar os efeitos do período crítico através dos conhecimentos que tem da L1 e também das habilidades cognitivas gerais que possui. Dessa perspectiva, a aquisição de uma L2 por adultos deve ser entendida como uma imitação do processo original, estimulada pela motivação e aprimorada por instruções explícitas e evidências negativas.

Para Kato (2003) existe uma idade crítica apenas no nível prosódico e fonológico, mas não no nível sintático. Argumenta que quando a aquisição se dá por imersão, ou seja, se o *input* é natural, robusto e não-ordenado, não há diferença entre a aquisição de L1 e de L2, pelo menos no nível sintático. Essa é também a posição que adotaremos no presente trabalho.

A autora defende a hipótese de que os parâmetros relacionados à prosódia começam a ser fixados antes daqueles relacionados à fonologia e que os parâmetros morfossintáticos são fixados por último. Assim, aprendizes de L2 podem ser sintaticamente competentes e, ainda assim, apresentar “problemas” de ordem prosódica e fonológica. Se o aprendiz começar a aquisição antes do período crítico para a fonologia, ele pode adquirir competência fonológica e sintática, mas não competência prosódica. Essa hipótese também prevê, segundo Kato, que nenhum

aprendiz de L2 poderá exibir competência prosódica e fonológica e não exibir competência sintática<sup>54</sup>.

Há evidências de que as gramáticas da interlíngua de aprendizes de L2 cumprem certas restrições da GU que não são encontradas no *input* e, também, não são derivadas da L1 (cf., por ex., ZOBL, 1989). Isso significa dizer que a GU, de alguma forma, tem influência na construção dessas gramáticas. Portanto, a hipótese do acesso nulo não se justifica.

### 3.2.3 Hipótese do acesso total

De acordo com a hipótese *Full Transfer/Full Access* (SCHWARTZ e SPROUSE, 1994, 1996), o estado inicial na aquisição de L2 é o estado final da gramática da L1. Na visão desses autores, toda a gramática de L1, incluindo as projeções funcionais especificadas nessa língua, está presente no estágio inicial da aquisição de L2, sendo o desenvolvimento subsequente de L2 determinado em parte pelo *input* em parte pelo estado inicial, em parte pela GU.

Segundo esse modelo, os valores dos parâmetros presentes na gramática de L1 passam, imediatamente, a constituir o estado inicial de um novo sistema gramatical, a partir da primeira exposição aos dados do *input* da língua. De acordo com essa hipótese, portanto, o aprendiz começa com os valores de L1 e os generaliza para L2, havendo, pois, “transferência total” até que os dados do *input* o forcem a algum tipo de reestruturação da gramática do estado inicial. Nessa fase, o aprendiz tem acesso às opções não instanciadas na L1, incluindo novos valores paramétricos, categorias funcionais e valores de traços. Em vista disso, as gramáticas da

---

<sup>54</sup> Essa hipótese explicaria, segundo a autora, o fato de a concordância de gênero no PB não ser para ela um processo automático, e sua prosódia mostrar resíduos do japonês, sua língua materna. No primeiro caso, ela sugere ter iniciado a aquisição do PB depois de um determinado estágio de aquisição fonológica em que a concordância é processada. No segundo caso, ela sugere ter pulado o estágio de aquisição prosódico quando iniciou, aos seis anos de idade, a aquisição do PB.

interlíngua são constrangidas por GU, donde se explica o termo ‘acesso total’.

A Hipótese *Full Access* tem como proponentes Flynn e Martohardjono (1994), Flynn (1996) e Epstein et al (1996). Segundo Epstein *et al*, a gramática da interlíngua, ao contrário do que propõem Schwartz e Sprouse (1994, 1996), é constrangida pela GU em todos os estágios de aquisição. Isso significa que a GU continua acessível para a aquisição de segunda língua. Entretanto, os autores não aceitam a possibilidade de que a gramática da L1 possa representar o estado inicial da gramática da L2. Propõem que aprendizes de L2 são capazes de construir gramáticas, incorporando parâmetros que não são instanciados na gramática de L1. Isso acontece, segundo os autores, através dos princípios e parâmetros da GU que estão disponíveis ao aprendiz de L2 da mesma forma que se encontram disponíveis quando da aquisição de L1.

### **3.2.4 Hipótese do acesso parcial**

Vainikka e Young-Scholten (1994, 1996), com a hipótese *Minimal Trees*, também propõem que o estado inicial de L2 é o estado estável da gramática de L1. Mas, diferentemente da proposta de Schwartz e Sprouse, apenas parte da gramática de L1 é considerada como constituindo o estado inicial de L2. As autoras adotam a abordagem da continuidade fraca e argumentam que apenas categorias lexicais são transferidas da gramática de L1 quando da aquisição de uma L2.

Propõem que a gramática inicial de L2 é incompleta no que se refere às categorias funcionais (RADFORD, 1990; CLAHSEN et al., 1996). Com base nessa abordagem, a projeção clausal inicial, na aquisição de L2, é apenas um VP, com o sujeito em *Spec* de VP. O desenvolvimento subsequente envolve a criação de projeções funcionais a partir da

aquisição de itens lexicais que instanciam essas projeções. Para esses autores, portanto, as gramáticas iniciais contêm apenas as categorias lexicais e as projeções a elas associadas (NP, VP, PP, AP). A emergência das projeções funcionais (IP, CP, e DP) é gradual e desencadeada pelo *input*.

Vainikka e Young-Scholten (1996) postulam um estágio inicial sem categorias funcionais tanto para aprendizes de L1 como para aprendizes de L2. Afirmam que apenas categorias lexicais estão presentes nos primeiros estágios de aquisição de L2, e que durante a aquisição as projeções funcionais se desenvolvem sucessivamente com base no *input* da L2. Além disso, propõem que haverá transferência das propriedades das categorias lexicais da L1 para a L2 que está sendo adquirida<sup>55</sup>. O desenvolvimento das projeções funcionais acontece posteriormente, através da interação da Teoria X' com os dados do *input*. Concluem, então, que o estado inicial na aquisição da L2 não equivale ao conhecimento total da L1.

Eubank, (1993/1994, 1994a, 1996), propõe, a partir da hipótese *Valueless Features/Underspecification*, que o estado inicial de L2 compreende toda a gramática de L1 exceto pelos valores dos traços dos núcleos funcionais. O desenvolvimento subsequente envolve a aquisição da morfologia flexional que define os valores apropriados para a L2.

Propõe que todas as categorias instanciadas na L1 são inicialmente transferidas para a gramática de L2, mas que as especificações particulares das categorias funcionais de L1 são neutralizadas. Isso significa que toda e qualquer categoria funcional presente na gramática de L1 estará também presente na gramática inicial

---

<sup>55</sup> Analisando dados de adultos falantes de coreano, turco, italiano e espanhol, adquirindo alemão como L2, Vainikka & Young-Scholten propõem que esses aprendizes transferem para o alemão os VPs de sua L1. Os falantes do coreano e do turco transferem o VP de núcleo final e os falantes de italiano e espanhol primeiro transferem o VP de núcleo inicial e depois, com base nos dados do *input* a que estão expostos, mudam para a posição correta de núcleo final do alemão. Argumentam que, embora as projeções funcionais em turco e coreano sejam de núcleo final e em italiano e espanhol, de núcleo inicial, todos os quatro grupos de aprendizes apresentam, subsequentemente, projeções funcionais com núcleo inicial para o alemão.

de L2, mas elas apenas marcarão posições estruturais sem qualquer especificação particular. Em outras palavras, embora as categorias funcionais estejam disponíveis, os valores dos traços não estão. Isto significa que a força dos traços não é transferida. No estado inicial, portanto, os traços não são nem fortes nem fracos, mas destituídos de valor ou inertes.

Meisel (2000), mudando sua posição anterior, passa a advogar a tese do acesso indireto. Para ele, portanto, a GU formata o conhecimento gramatical da L2, pelo menos em parte, ou seja, prevê-se que aprendizes de L2 têm acesso indireto à GU via gramática de L1.

Dada a hipótese de que o aprendiz de L2 pode ter acesso aos aspectos mais importantes da GU – adquirir um novo valor para um parâmetro dado ou categorias funcionais adicionais, por exemplo – e que a projeção mínima<sup>56</sup> é uma opção possível tanto na gramática inicial de L2 como na de L1, não vemos razões para se adotar a abordagem da continuidade fraca com as hipóteses *Minimal Trees* (VAINIKKA e YOUNG-SCHOLTEN) e *Valueless Features* (EUBANK). Essas duas propostas sofrem influência de hipóteses sobre aquisição de L1: *Minimal Tree* é influenciada pela hipótese da Continuidade Fraca, e *Valueless Features*, pela hipótese de que os traços das categorias funcionais podem estar subespecificados na aquisição de L1 (WEXLER, 1994).

### **3.3 Evidência de GU e/ou da L1 na aquisição de L2**

Vários pesquisadores propuseram a hipótese da ‘não-remarcação de parâmetro’, segundo a qual aprendizes de L2 têm acesso aos princípios

---

<sup>56</sup> Grimshaw (1994, p.76) propõe um princípio de Projeção Mínima segundo o qual as projeções são legitimadas apenas quando são motivadas. Ela sugere, por exemplo, que CP só é projetado quando necessário (como no caso de movimento – qu), caso contrário, a projeção de IP é suficiente para uma sentença declarativa.

da GU, mas não podem remarcar parâmetros (CLAHSEN e MUYSKEN 1989; LICERAS et al. 1998; TSIMPLI e Roussou 1991; MEISEL 2000, entre outros)<sup>57</sup>. Alguns pesquisadores (SCHWARTZ e SPROUSE, 1996; WHITE 1985b, 1989, por exemplo) argumentam que os valores de L1 prevalecem inicialmente, com a possibilidade de aquisição de outros valores subseqüentemente. Outros propuseram que os valores de L2 são adquiridos sem a necessidade da adoção dos valores de L1 (EPSTEIN, FLYNN e MARTOHARDJONO, 1996; FLYNN, 1987).

Vários estudos de aquisição de inglês como segunda língua por falantes nativos de japonês (FLYNN, 1987; 1991) sustentam a hipótese de que aprendizes de L2 são capazes de atribuir novos valores paramétricos no processo de construção da gramática de sua L2 quando os valores dos parâmetros de L1 e de L2 não coincidem.

Nota-se, portanto, a importância de se pesquisar a aquisição de sujeitos cuja L1 tem marcação distinta da L2.

Embora L1 possa ter alguma influência na produção de L2, o processo de aquisição de L2 por um adulto pode ser considerado semelhante ao processo de aquisição de L1 por uma criança. De acordo com White (1985b), o problema para a aquisição de segunda língua é virtualmente o mesmo problema enfrentado pela criança para a aquisição de primeira língua. O aprendiz de L2 eventualmente adquire a língua apesar da limitação dos dados. Esses dados não consistem apenas de sentenças completas ou bem formadas, mas, freqüentemente, de sentenças simplificadas e, além disso, não são suficientemente informativas sobre as complexidades de L2. Contudo, a autora propõe que

---

57 Liceras e Díaz (1999) propõem que falantes adultos não-nativos (falantes de inglês, francês, alemão, chinês e japonês aprendendo espanhol como L2) não marcam a opção [+pro-drop] do espanhol do parâmetro pro-drop uma vez que não são sensíveis aos traços abstratos [+/- fortes] das categorias funcionais. Segundo as autoras, o que esses aprendizes fazem, na verdade, é reestruturar a representação gramatical da L1 e identificar sujeitos nulos do espanhol através das marcas de pessoa do verbo, dos pronomes sujeito ou tópicos nulos.

o aprendiz de L2 deve ter alguma intuição sobre o que é gramatical ou não em sua segunda língua.

White (1985a), a partir de um estudo envolvendo falantes nativos de espanhol aprendendo inglês, procurou investigar se a GU está presente na aquisição de L2 e, em caso afirmativo, se a L1 interfere na forma como a GU opera na L2. Considerando que o espanhol é uma língua que permite sujeitos nulos e que no caso do inglês os sujeitos precisam ser realizados, White procurou observar se falantes de espanhol seriam capazes de perceber, com base nos dados do inglês, que o inglês não é uma língua de sujeito nulo, ou se eles iriam supor, pelo menos inicialmente, que inglês é como espanhol, com relação a esse parâmetro.

Os sujeitos da sua pesquisa deveriam fazer julgamentos de gramaticalidade de várias sentenças em inglês, incluindo algumas com características *pro-drop*, o que tornaria essas sentenças em inglês, agramaticais. Os falantes de espanhol consideraram gramaticais grande parte dessas sentenças. A conclusão a que ela chegou é que a remarcação do parâmetro da L1 para a L2 causa problemas que levam a erros de transferência. Portanto, os dados da sua pesquisa desconfirmam a hipótese de que a GU pode interagir diretamente com os dados da L2, independente da experiência de L1.

Esse procedimento, no entanto, não poderia ser aplicado para o sujeito nulo do PB, já que o nulo existe principalmente na língua escrita, da qual o falante tem muito mais consciência do que da fala.

Phinney (1987) analisou produções de estudantes espanhóis adquirindo inglês como segunda língua. Ela examinou a omissão de sujeitos pronominais em contextos onde estes são obrigatórios em inglês. Os dados da sua pesquisa indicam que a remarcação do parâmetro do espanhol para o inglês é mais difícil do que do inglês para o espanhol. Segundo a autora, quando a L1 (nesse caso, o espanhol) utiliza um valor

não marcado de um determinado parâmetro (aqui, o parâmetro *pro-drop*), é mais difícil e mais demorado para se adquirir competência numa L2 (nesse caso, o inglês) que utiliza o valor marcado.

Flynn (1987) também estuda a acessibilidade de GU por adultos aprendizes de L2. Ela argumenta que a GU não faz predições explícitas sobre a aquisição de L2, mas que se a GU caracteriza uma faculdade de linguagem, biologicamente determinada e necessária para a aquisição de uma L1, então parece bastante razoável supor que, de alguma forma, GU também determina a aquisição de L2.

Ela diz ainda que, considerando que a faculdade de linguagem não muda substancialmente com o tempo, os princípios e parâmetros que determinam a aquisição de L1 poderiam também ser considerados no processo de aquisição de L2 por adultos. Flynn propõe para a aquisição de L2 a Hipótese de Marcação de Parâmetros cujo ponto central é a afirmação de que a aquisição de L2 por adultos e a aquisição de L1 por crianças são processos estrangidos pelos princípios e parâmetros da GU. Embora a autora não negue que a L1 previamente adquirida possa, de alguma forma, influenciar a aquisição de L2, ela não considera essa influência como sendo uma estratégia de transferência das regras da L1 para a gramática da L2 que está sendo adquirida.

### **3.4 A teoria do construcionismo**

Incorporando elementos dos modelos a) *Full Transfer/Full Access*, b) *Minimal Trees* e c) *Underspecification*, Herschensohn (2000) propõe como modelo de aquisição de segunda língua o *Construcionism*. Nesse modelo Herschensohn incorpora o conceito básico do Programa Minimalista de que a sintaxe é invariável entre as línguas; e de que a variação interlingüística é fruto da morfologia e do léxico.

Considera a aquisição de L2 como um processo que envolve a aquisição de construções morfolexicais que se desenvolvem de forma gradativa e inclui três estágios. O primeiro consiste da gramática de L1 com um número limitado de itens lexicais de L2. No segundo estágio, o aprendiz começa a adquirir os traços e os parâmetros de L2. Este estágio é caracterizado pela variabilidade porque os traços das categorias funcionais são inicialmente subespecificados, o que resulta em opcionalidade; e porque os valores dos parâmetros de L2 são adquiridos de forma gradativa e algumas vezes de forma incompleta. As gramáticas intermediárias são reestruturadas devido à incompatibilidade com os dados do *input* e são constrangidas por GU. O terceiro e último estágio, o estado final, envolve a refixação de parâmetro para o valor de L2 e completa especificação dos traços.

Herschensohn vê a aquisição de L1 e L2 como processos diferentes, argumentando que aprendizes de L2 têm acesso à forma de GU, isto é, restrições sobre as formas que as possíveis gramáticas podem tomar, mas que não têm acesso ao que ela chama de estratégia de GU. Segundo ela, enquanto a aquisição de L1 é caracterizada pela fixação de parâmetros e todos os fenômenos sintáticos a eles relacionados sem nenhum esforço, inevitabilidade e completude, as gramáticas da interlíngua são variáveis, e a aquisição de L2 é incompleta.

De acordo com a autora, a falta de sucesso na aquisição de L2 é devida à falta de acesso à estratégia de GU, ou seja, falta de espontaneidade e completude pós-idade crítica na aquisição, e também controle incompleto do léxico particular da língua que faz interface com a sintaxe através da morfologia. Outra razão para o não-sucesso na aquisição de L2 é, segundo a autora, a influência da L1.

### 3.5 A teoria do bilingüismo universal

Roeper (1999) propõe a teoria do Bilingüismo Universal. De acordo com essa teoria, somos todos potencialmente bilíngües, ou seja, podemos ter duas gramáticas: uma com os parâmetros selecionados no valor (+) = G1 e outra no valor (-) = G2. Se o falante usa a G1 e a G2 como gramáticas nucleares distintas, então ele é considerado como bilíngüe *stricto sensu*.

Outro tipo de bilíngüe previsto pela teoria diz respeito ao bilíngüe latente. Segundo o autor, a gramática universal define um conjunto de representações *default* que todos os falantes possuem e que ele denomina de *Minimal Default Grammar* (MDG). As estruturas da MDG refletem princípios de economia, no sentido de que elas projetam menos do que as gramáticas particulares.

Usando dados de aquisição de inglês como língua materna, o autor mostra que a alternância de formas como, por exemplo, “I want” e “me want” pode ser explicada com base na sua teoria do bilingüismo: a criança tem duas gramáticas, uma com concordância e outra sem concordância.

G1: TP = +/- Tense, +/- Agr

G2: TP = +/- Tense

Nesse caso, a G2 representaria a gramática *default* ou MDG.

Referindo-se à economia de representação, o autor chama a atenção para o fato de que nenhum *input* regular justificaria a expressão “me want,” ou a G2 (mencionada acima). Ela é considerada uma expressão espontânea derivada do conhecimento inato da GU. Em vista disso, o autor argumenta que as duas gramáticas não são iguais: G2 segue a

economia de representação, uma nova perspectiva desenvolvida por Chomsky, (1995), sobre o que restringe as gramáticas possíveis. Num sentido amplo, pode-se dizer que economia favorece menos estrutura e movimentos mais curtos. O autor argumenta que as representações do tipo “me want” podem ser geradas diretamente na GU onde o pronome recebe caso *default*.

A idéia do *default*, como salienta Kato (2005) não é nova entre os psicolingüistas que trabalham com aquisição de L1. Eles sugerem que o parâmetro é re-fixado se a língua meta não se conforma com o valor inicial. Para Roeper, no entanto, a MDG deve continuar latente mesmo tendo sido descartada, o que significa que essa gramática poderá ser selecionada quando da aquisição de uma nova gramática.

O interesse da proposta de Roeper, segundo Kato (2005), é que ela, além de poder ser interpretada como uma hipótese de acesso total, pode ser interpretada também como uma hipótese de acesso indireto à GU através da periferia marcada. Essa é também a proposta que assumiremos nesse estudo.

Assim, nossas hipóteses para a aquisição da sintaxe de uma L2 por adultos em situação de imersão são apresentadas a seguir:

1) A acessibilidade à GU deverá ocorrer de duas formas: acesso indireto através da L1 ou acesso direto através da gramática *default*.

2) O acesso indireto à GU deverá ocorrer toda vez que o valor do parâmetro for o mesmo para L1 e L2. Nesse caso, a L1 constituirá o estado inicial para a L2.

3) O acesso direto à GU ocorrerá nos casos em que o valor paramétrico da L1 divergir daquele da L2. Nesse caso, o valor *default* do parâmetro em questão constituirá o estado inicial.

Os resultados obtidos a partir da análise dos dados que compõem este estudo deverão indicar se as hipóteses apresentadas acima podem ser ou não confirmadas.

Em 4, **Descrição e Análise dos Dados**, a seguir, passaremos à análise dos dados. Basearemos a nossa análise na tese do Bilingüismo Universal mostrando que os sujeitos da pesquisa apresentam diferentes tipos de bilingüismo nas três fases de aquisição (inicial, intermediária e avançada).

## 4 Descrição e Análise dos Dados

### 4.1 Introdução

Neste Capítulo, passamos à descrição e análise dos dados dos *corpora* da presente pesquisa, objetivando responder as questões levantadas na Introdução.

Começamos por uma análise quantitativa dos sujeitos nulos e plenos registrados nos dados dos falantes de inglês e nos dados dos falantes de italiano. Em seguida, mostramos os números encontrados para cada informante e, finalmente, comparamos os números apresentados pelos falantes de italiano com aqueles apresentados pelos falantes de inglês, levando em conta cada fase (inicial, intermediária, avançada) em que esses aprendizes se encontram.

Passamos, em seguida, para a análise qualitativa, em que descrevemos e analisamos a presença de sujeitos nulos e preenchidos, tipo de concordância, bem como um fenômeno correlato do tipo “subida de

clítico”. Prosseguindo, analisamos as respostas curtas e, finalmente, fazemos um resumo dos resultados encontrados.

## 4.2 Construções com sujeitos pronominais lexicais e nulos

Descrevemos, nesta seção, as produções dos sujeitos desta pesquisa com a finalidade de observar como estes se comportam em relação ao uso do sujeito nulo do PB. Como o número de entrevistas varia muito entre os sujeitos (Mark (3) e Sergio (19)), optamos por considerar apenas as três primeiras entrevistas de cada aprendiz para a análise quantitativa. Para a análise qualitativa, no entanto, serão consideradas todas as amostras coletadas.

Do universo total de enunciados com verbo finito excluimos:

a) As respostas a perguntas *sim/não* que serão analisadas na seção 4.4.

b) Os sujeitos manifestos não pronominais (ex. (65)):

(65) **Minha família** não fala inglês. Nada em inglês. (Mark)

c) Os sujeitos de expressões formulares<sup>58</sup> (ex. (66)):

(66) a. **Eu não sei** como de explicar em português. (Emily)

b. **Io acho** que a vida aqui está cara. (Roberto).

c. Mas, **cv não sei** se muitas pessoas quer ir. (Mark)

<sup>58</sup> Consideramos como uso formular sentenças raízes com os verbos epistêmicos ((*eu*) (*não*) *sei* e (*eu*) (*não*) *acho*).

Os sujeitos nulos e plenos encontrados nos dados compreendem os sujeitos de referência definida e os de referência arbitrária. Os primeiros estão relacionados aos seguintes tipos de sujeitos:

(A) Sujeitos de verbo com referência de segunda pessoa indireta do discurso, como em (67).

- (67) a. **cv Gostou** melhor São Paulo ou Salvador? (Mônica, sessão 2)
- b. Quanto filho **cv tem**? (Sergio, sessão 2)
- c. Ma **cv se lembra** italiano, han? (Aldo, sessão2)
- d. Por que **cv faz** este trabalho? (Roberto, sessão 3)
- e. **Você tem** ... fios? (Emily, sessão 2)
- f. Eu, eu não não fiq/fiquei nas todas as lugares que que **você mencionou**. (Mark, sessão 1)

(B) Sujeitos de verbo com referência de terceira pessoa do discurso, como em (68).

- (68) a. Minha família estava, estava planando. Não é planando. Eh... **cv estava**... ah... **cv achava**, não. **cv Pensava** que que eu ah... eu ah... vou estudar um universidade mais, mais caro. (Mark, sessão 1)
- b. Conhece o professor M., G.? **cv me está entrevistando**. Sou já famoso. **cv Está registrando** o meu non progresso in portuguese. (Sergio, sessão 2)
- c. Rita é envolvida. **cv Tá envolvida**. **Ela é/ está** envolvida em a primeira linha. **Ela é** a coordenadora do projeto. (Aldo, sessão 3)

d. É, mas **ela está está está descansando**. Eu penso que **cv está descansando** porque agora **cv tem** a l'aula de dança afro-brasileira. (Roberto, sessão 4)

(C) Sujeitos de verbo (não-marcado em pessoa) com referência de primeira pessoa do discurso, como em (69).

- (69) a. **Eu não come** nada. (Emily, sessão 3)
- b. Não **cv quer** de comer. (Emily, sessão 3)
- c. E: Quantos anos você tem?  
I: Disnove anos. **cv tem** disnoves anos<sup>59</sup>. (Emily, sessão 1)
- d. Porque **cv não come** muito, **cv não cozinha** muito. **cv Come** a escola um pouco. (Mônica, sessão 3)
- e. Eu non conosco bem o Brasil, porque no **cv conhece** bem o Brasil. **Eu conhece** eh... Rio, Salvador e Aracaju. (Roberto, sessão 4)

(D) Sujeitos de verbo (não-marcado no sistema do PB) com referência de primeira pessoa do discurso, como em (70).

- (70) a. Nada. Só café. **cv não comia** a manhana porque eu... não, não sei porque. (Emily, sessão 2)
- b. Gosta comida aqui e la música e **cv gostaria** aprender língua. (Mônica, sessão 1)
- c. Quando eu era quando eu era ah... mais novo, eu ah... estava na no time de natação, eh... **cv nadava** todos os dias. (Mark, sessão 3)

---

<sup>59</sup> E = Entrevistadora  
I = Informante

- d. Quando eu... conheceu que **cv deveria** ver ver aqui, eu...tinha preocupação de, de ser branco, ma não, não tem problema. (Sergio, sessão 10)
- e. Essa é uma pena porque eu gosto muito, eu gostei muito eh... o acarajé, ma **cv tinha** muitos problemas a digerir o acarajé. (Aldo, sessão 2)
- f. Depois que terminei a casa, **cv estava** um pouco tejado de lá. (Roberto, sessão 2)

(E) Sujeitos de verbo (marcado em pessoa) com referência de primeira pessoa do discurso, como em (71).

- (71) a. Quando **cv estou** no México **cv falo** ah... better? (Mônica, sessão 2)
- b. **Eu moro** ah... em Nova Jersey bem perto da Nova York. (Mark, sessão 1)
- c. Quando **cv estou** nervoso, fumo. Quando **cv trabalho**, também fumo. (Roberto, sessão 2)
- d. Mas eu tenho que fazer uma comparação entre Bahia, e depois vamos a falar de Bahia porque eu conheço Bahia. **cv não conheço** Brasil. Salvador, **cv conheço**. (Aldo, sessão 2)
- e. Oh! Fui batizado! Quando **cv preciso**, **cv prego**. Quando **cv não preciso**, **cv não prego**. (Sergio, sessão 3)

Os sujeitos de referência arbitrária estão exemplificados em (72).

(F) Sujeitos de referência arbitrária

- (72) a. E: O que você diz pra professora quando você quer saber o significado de alguma palavra?  
I: Como se se/ ah... como... que es esta palavra or como **se escreve** eh... esta palavra? (Mônica, sessão 2)

b. Que **cv faz** quando **você é** sessenta ano idade? Nada! (Sergio, sessão 2)

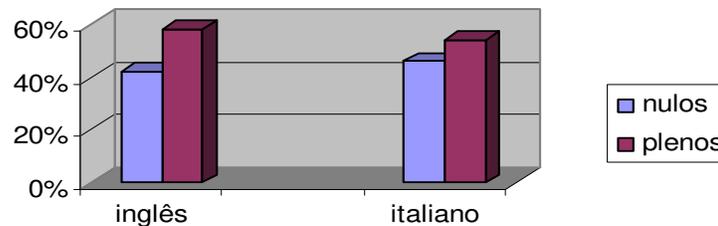
c. Agora está tudo aberto. **cv Se pode circular** da uma nação a outra nação, sem problema, sem passaporte, sem nada. (Roberto, sessão 1)

#### 4.2.1 Análise quantitativa

Vejamos, então, como estão distribuídos os sujeitos nulos e preenchidos nos dados aqui em questão. Faremos, inicialmente, uma descrição e análise quantitativa dos dados na tentativa de encontrar possíveis respostas para as questões de acesso e/ou forma de acesso à GU. Posteriormente, passaremos à análise qualitativa.

No total, os dados dos seis informantes apresentam os seguintes resultados: Os falantes nativos de italiano apresentaram 528 (54,2%) instâncias de sujeitos plenos contra 446 (45,8%) de sujeitos nulos. E os falantes nativos de inglês apresentaram 248 (57,7%) instâncias de sujeitos plenos contra 182 (42,3%) de sujeitos nulos. Esses números mostram que dentro de cada grupo ocorre o mesmo: há mais plenos do que nulos. A proporção de plenos em cada grupo é que mostra uma ligeira diferença.

**GRÁFICO 1 - Uso de sujeitos plenos e nulos pelos falantes de inglês e italiano**

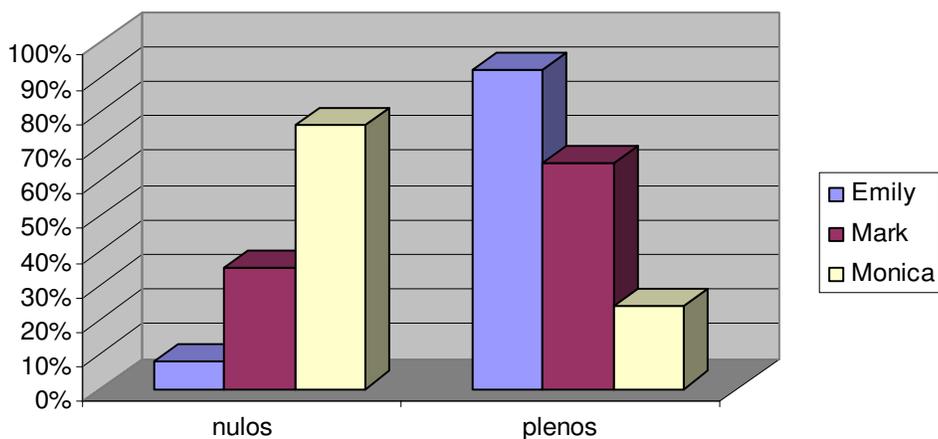


Assim, em termos percentuais, os dados dos falantes de italiano não indiciam um uso de nulos muito diferente daquele dos falantes de inglês (45,8% e (42,3%) respectivamente) como mostra o Gráfico 1, acima. Esse é um fato curioso uma vez que, sendo o italiano uma língua de sujeito nulo, e o inglês, de sujeito preenchido, esperaríamos encontrar um percentual muito mais alto de nulos nos dados dos falantes de italiano, se a tese da transferência ou da  $S_0 = L1$  fossem verdadeiras. Da mesma forma, esperaríamos encontrar apenas sujeitos preenchidos nos dados dos falantes de inglês.

Considerando, entretanto, que dois dos três falantes de inglês (Monica e Mark) têm o espanhol como L2, e considerando a possibilidade de o espanhol ser a língua em cuja gramática esses aprendizes se baseiam para a aquisição do PB, ficaria explicado, dentro da tese do “Full transfer”, o alto índice de nulos encontrados nos dados desses aprendizes.

Vejamos, no Gráfico 2, abaixo, como se dá a distribuição dos sujeitos nulos e plenos entre os falantes de inglês.

**GRÁFICO 2 - Uso de sujeitos nulos e plenos pelos falantes de inglês**



Observando-se o Gráfico 2, fica evidente o fato de que os falantes nativos de inglês não apresentam exatamente o mesmo comportamento no que se refere ao uso do sujeito nulo. Como podemos ver, os percentuais mais altos de sujeitos nulos ocorrem na fala de Monica, em que temos um total de (76%) de nulos. Em seguida, encontramos a fala de Mark com 35% de ocorrências; e, finalmente, a fala de Emily com apenas 8%.

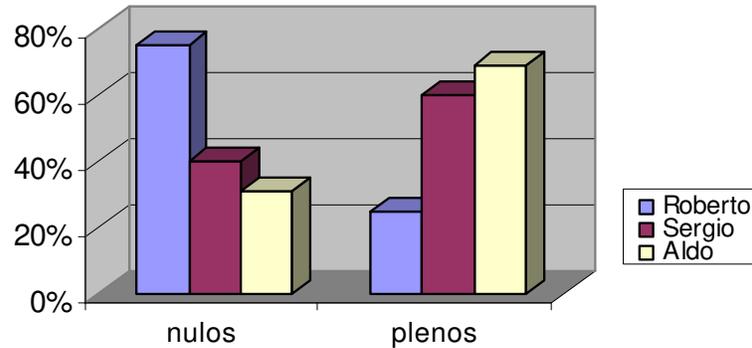
As diferenças encontradas nos dados dos três falantes nativos de inglês, com relação ao uso de sujeitos pronominais, parecem indicar que, no estágio inicial da aquisição do PB, esses aprendizes não utilizaram a mesma experiência, ou seja, a experiência do inglês (L1 dos aprendizes).

Assim, enquanto os dados de Emily parecem mostrar a influência da sua L1 (o inglês), no que se refere ao uso de pronomes preenchidos, o mesmo tipo de influência não é encontrado nos dados de Monica e de Mark. Nos dados de Monica, o alto percentual de nulos encontrados parece indicar que ela estaria utilizando sua experiência do espanhol (sua segunda língua) e não do inglês. Quanto a Mark, embora não se possa afirmar, com certeza, que, no estágio inicial da aquisição do PB, ele tenha usado sua experiência do espanhol – já que o mesmo encontra-se num estágio mais adiantado de aquisição –, o índice de 35% de nulos encontrado nos seus dados pode sugerir que ele esteja usando também o sujeito nulo do espanhol.

Se, no entanto, considerarmos o fato de que cada um desses aprendizes encontra-se numa fase diferente de aquisição, é possível que se possa justificar a distribuição dos sujeitos nulos e plenos nas suas produções. Assim, Emily, em fase inicial de aquisição, é quem apresenta o mais alto índice de pronomes plenos (92%), possivelmente por influência da sua L1. Já Mark, em fase avançada de aquisição, apresenta o percentual de 65% de sujeitos plenos, o que é compatível com o índice de 71% de pronomes plenos encontrados para o PB (DUARTE, 1995).

Quanto aos falantes de italiano, o Gráfico 3 mostra como se dá a distribuição dos sujeitos plenos e nulos entre eles.

**GRÁFICO 3 - Uso de sujeitos nulos e plenos pelos falantes de italiano**



Como se pode ver no Gráfico 3, é Roberto que apresenta o maior índice de nulos. Considerando que ele se encontra em fase inicial de aquisição e que sua L1 é uma língua de sujeito nulo, ficaria explicado o alto índice de nulos em seus dados. A diferença de comportamento dos sujeitos no uso do nulo, portanto, deve estar relacionada às fases de aquisição em que os sujeitos se encontram. Assim, Aldo que está numa fase avançada de aquisição do PB é quem apresenta o menor índice de nulos (31%).

Considerando, por fim, a distribuição dos sujeitos pronominais de acordo com as fases em que os sujeitos da pesquisa se encontram, temos o seguinte:

**QUADRO 5 – Distribuição dos sujeitos pronominais por fase**

<b>Fases</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>Sujeitos Nulos</b>	<b>Sujeitos Plenos</b>
Inicial	Emily	06 (8%)	69 (92%)
	Roberto	203 (75%)	68 (25%)
Intermediária	Mônica	95 (76%)	30 (24%)
	Sergio	112 (40%)	169 (60%)
Avançada	Mark	81 (35%)	149 (65%)
	Aldo	131 (31%)	291 (69%)

Para os falantes de italiano, nota-se que há uma progressão no que se refere ao uso dos sujeitos pronominais plenos: 25 > 60 > 69. 25% na fase inicial, 60% na fase intermediária e 69% na fase avançada: esse é um resultado esperado, considerando que os aprendizes estão partindo de uma língua [+*pro-drop*] como o italiano, para uma língua semi-*pro-drop* como o PB.

Considerando que no italiano o preenchimento do sujeito na modalidade oral é de 39% (DE OLIVEIRA, 2000), e que no PB esse percentual atinge o índice de 71% (DUARTE, 1995), o percentual de 25% de preenchimento na fase inicial deve indicar que o aprendiz se encontra na gramática do italiano, enquanto o percentual de 69% na fase final deve indicar que ele já está na gramática do PB.

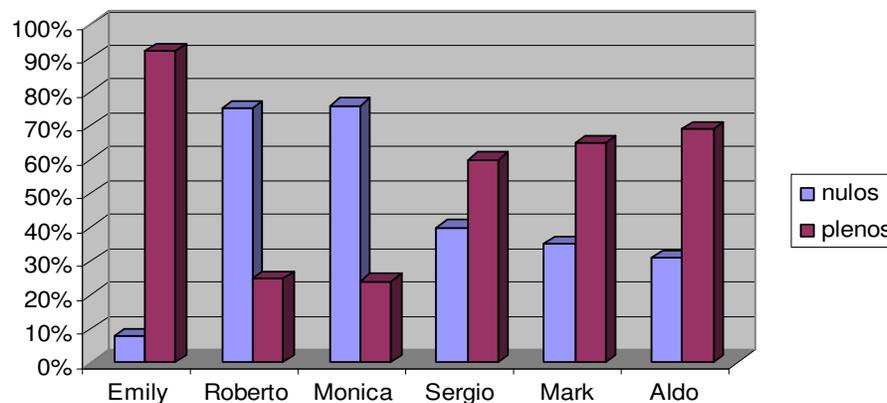
Os falantes de inglês atingem uma porcentagem similar, começando com um índice mais alto de sujeitos plenos (92%) na fase inicial, que atribuímos à influência de L1, tendo uma quebra na progressão com Monica (apenas 24% de plenos), possivelmente pelo seu antecedente bilíngüe e, na fase avançada, chegando a 65% de preenchimento do sujeito.

Por outro lado, os índices de 35% e de 31% de nulos da fase avançada se assemelham ao índice de nulos do PB (29%) atestado em Duarte (1995).

Os resultados encontrados no Quadro 5 acima revelam, portanto, que os informantes pesquisados apresentaram comportamentos distintos no que concerne ao uso do sujeito nulo do PB.

O Gráfico 4, a seguir, mostra o comportamento de cada sujeito com relação ao preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal do PB.

**GRÁFICO 4- Uso de sujeitos nulos e plenos por sujeito**



Assim, os dois sujeitos em fase inicial de aquisição (Emily, falante nativa do inglês e Roberto, falante nativo do italiano), mostram comportamentos opostos quanto ao uso do sujeito pronominal do PB. Enquanto nos dados de Emily o uso do sujeito pronominal pleno é quase categórico (92,%), nos dados de Roberto, ao contrário, é o sujeito nulo que predomina, atingindo a marca percentual de 75%.

Os números parecem indicar que houve transferência do sujeito pronominal pleno da L1 de Emily para o PB. Com relação a Roberto, o alto

percentual de nulos registrados nas amostras pode indicar transferência do sujeito nulo da sua L1 para o PB, já que o italiano é uma língua de sujeito nulo.

Os sujeitos que se encontram na fase intermediária comportam-se também de maneira distinta quanto ao preenchimento da posição de sujeito no PB. Assim, embora um percentual expressivo de sujeitos pronominais plenos tenha sido encontrado nos dados de Sergio, o falante de italiano, nos dados de Monica, a falante de inglês, prevalece o sujeito nulo. O que é curioso, entretanto, é que, sendo o inglês uma língua [-sujeito nulo] e o italiano [+sujeito nulo], esperaríamos encontrar maior número de sujeitos preenchidos nos dados de Monica, o que não aconteceu. Ao contrário, os nulos é que aparecem em maior número na sua fala.

É importante lembrar, no entanto, que a falante de inglês tem como L2 o espanhol. Isso sugere, a nosso ver, que, embora Monica já esteja começando a operar na gramática do PB, ela continua usando o sujeito nulo do espanhol. Quanto ao falante de italiano, podemos dizer que os sujeitos pronominais expressos encontrados nos seus dados são do PB; Mas o percentual de 40% de nulos mostrado nos dados pode indicar que Sergio está produzindo não só o nulo do PB mas também o nulo do italiano.

Os dados dos sujeitos que representam a fase avançada, por outro lado, mostram predominância do uso do sujeito pronominal pleno tanto para Aldo, o falante de italiano, quanto para Mark, o falante de inglês, o que deve indicar que os valores paramétricos, independentemente de terem sido instanciados na L1, continuam acessíveis ao aprendiz de L2. Prova disso é o uso do sujeito nulo de 3ª pessoa do PB por Mark, cuja língua materna apresenta apenas sujeitos preenchidos; e o uso de sujeitos

pronominais expressos por Aldo que usa quase sempre o sujeito nulo para todas as pessoas do discurso em sua L1.

Embora tenhamos excluído da análise quantitativa os sujeitos de expressões formulares, por entender que o uso das formas de primeira pessoa encontradas nessas expressões não significa aquisição da flexão do PB, resolvemos computar os números encontrados para os sujeitos nulos e plenos também nesses dados. Esses números, no entanto, não serão computados no resultado final.

Vejamos, então, como se dá a distribuição dos sujeitos nulos e plenos em expressões formulares nos dados dos falantes de inglês e dos falantes de italiano, no Quadro 6, a seguir.

**QUADRO 6 - Sujeitos de expressões formulares**

	EMILY	MONICA	MARK	ROBERTO	SERGIO	ALDO
Nulos	23(41%)	23 (85%)	30 (65%)	19 (68%)	14(36%)	17(31%)
plenos	33(59%)	4 (15%)	16 (35%)	9 (32%)	25(64%)	38(69%)

Percebe-se uma progressão no uso dos sujeitos plenos para os falantes de italiano: 32>64>69. No Quadro 5 indicamos uma progressão semelhante, o que é considerado um resultado esperado, já que os aprendizes estavam partindo de uma língua tipicamente *pro-drop* para uma língua *semi-pro-drop*.

Podemos perceber, também, no Quadro 6, uma progressão pequena para os falantes de inglês. Começam com um percentual mais alto de sujeitos plenos (59%), com uma quebra na progressão por Monica (15%) e finalmente chegam a (35%).

Concluindo esta parte da análise, o que os dados parecem mostrar é que o acesso à GU é possível para aprendizes de PB como L2 seja indiretamente através da L1 ou de outra língua adquirida

anteriormente, ou ainda através do acesso direto à GU. Entretanto, só uma análise mais detalhada dos dados poderá confirmar ou não as nossas hipóteses. È o que faremos a seguir: na próxima seção descrevemos os dados de cada um dos sujeitos (informantes), com o objetivo de mostrar o comportamento dos mesmos com relação ao uso do sujeito pronominal numa língua de sujeito nulo parcial como o PB. Inicialmente, examinamos os dados de Emily e Roberto que estão em fase inicial de aquisição e, posteriormente, analisamos os dados dos sujeitos que se encontram nas fases intermediária e avançada.

#### **4.2.2 Análise qualitativa**

Os sujeitos da nossa pesquisa, nativos do italiano e do inglês, apresentam comportamentos diferentes com relação aos seguintes fenômenos relacionados com o parâmetro do sujeito nulo:

- a) Concordância [+pronominal] / [-pronominal]
- b) A força do traço N em T; tendo como consequência:
- c) Preenchimento *versus* não-preenchimento do sujeito pronominal.
- d) Possibilidade *versus* impossibilidade de subida de clíticos.

##### **4.2.2.1 Fase inicial de aquisição**

#### **Dados de Emily**

O Inglês é uma língua semelhante ao PB no que se refere ao uso de sujeitos pronominais referenciais. Por ter um traço N forte em T, essa língua projeta *Spec T* e, conseqüentemente, exhibe sujeito pleno. Como

vimos na Introdução, em conseqüência da emergência de um paradigma de pronomes fracos no sistema pronominal do PB, essa língua deixou de apresentar concordância [+pronominal], exceto a 3ª pessoa que ainda é pronominal, e passou a preencher a posição de sujeito (KATO 1999a, 2000). Dada, portanto, a semelhança entre o inglês e o PB no tocante ao uso do pronome, a nossa previsão para os falantes de inglês é que eles exibirão sujeitos pronominais plenos já na fase inicial, se a L1 for o estado inicial para a L2<sup>60</sup>.

Os exemplos em (73) mostram que o sujeito pronominal expresso aparece desde as primeiras sessões de gravação.

- (73) a. **Você** *tem* um namorado? (s2)
- b. **Ela tem** vinte quatros anos e **ela mora**, ela mora só. (s1)
- c. **Eu... nasci** na Suiss. Eh... **eu morar** a Suiss para quatros anos. Antes **eu mora** a... Tennessee e California. E agora, a Califórnia. (s1)

Entretanto, como já foi dito antes, embora nos dados de Emily predominem os sujeitos pronominais plenos, algumas instâncias de sujeitos nulos foram encontradas. Vejamos, então, como se dá a distribuição desses sujeitos entre as pessoas do discurso.

Para a 2ª e 3ª pessoas apenas sujeitos plenos foram encontrados, como mostram os exemplos em (73).

Para a 1ª pessoa, no entanto, encontramos algumas poucas instâncias de sujeitos nulos que aparecem como sujeitos de verbos não-marcados em pessoa, como em (74a,b), ou não-marcados no sistema do PB, como em (74c).

---

<sup>60</sup> Como a 3ª pessoa do singular é a única que ainda apresenta concordância [+pronominal] (Kato 1999), é possível que nas fases mais adiantadas de aquisição os falantes possam deixar vazia essa posição de sujeito. Portanto, o que se espera é a alternância sujeito nulo/ sujeito preenchido.

- (74) a. Disnove anos. **cv tem** disnoves anos. (s1)
- b. (E): E você aprendeu francês lá na Suíça.  
(I): A Suisse e a escola quando eu mora a Tennessee. A escola, eu aprende francês para *continue*. Mas para dois anos **cv não aprende** francês. (s1)
- c. Nada. Só café. **cv Não comia** a *manhana* porque eu... não, não sei porque. (s2)

Como o nulo só ocorre com a primeira pessoa, poderia se pensar que Emily está usando o processo de “topic-drop”, possível no inglês (cf. HAEGEMAN, 1990). Porém, esse fenômeno só ocorre em posição inicial absoluta, o que não é o caso dos exemplos (74b, 74c). A explicação, portanto, deve ser outra.

Observe-se que os exemplos em (73) e (74) mostram que Emily tem um sistema flexional uni-pessoal, ou seja, ela usa, indistintamente, a forma de terceira pessoa não-marcada para as três pessoas do discurso, estendendo alguns paradigmas temporais do PB que podem ser unipessoais, como o imperfeito (eu comia, você comia, ele comia).

Registramos apenas uma ocorrência de sujeito nulo com flexão verbal marcada, mas é novamente a 3ª pessoa verbal que é usada para se referir à 1ª pessoa do discurso, como mostra o exemplo em (75).

- (75) Mas eu ah... vou ah... muitos tempos para visiter, visitar minha... **cv esqueceu** de palavra. (s4)

Todos os casos que apresentam flexão de primeira pessoa exibem também o pronome pleno, como se pode ver em (76).

- (76) **Eu quero** muito, muito de vai a Rio, porque porque **eu tenho** um bom amigo que eu **eu preciso** de de ver. (s4)

Resumindo, podemos dizer que, das poucas ocorrências de sujeitos nulos (6 ocorrências) registradas, 5 aparecem apenas em contexto de primeira pessoa e não exibem concordância pessoa do verbo/pessoa do discurso. Apenas 1 ocorrência exhibe flexão verbal marcada em pessoa, mas também não mostra concordância entre verbo e sujeito pronominal.

Quanto aos sujeitos pronominais preenchidos, observamos que são poucas as ocorrências que exibem concordância entre verbo e o sujeito pronominal, como visto em (76) acima. A grande maioria dos verbos é encontrada na forma de terceira pessoa não-marcada do presente, como mostram os exemplos em (77).

- (77) a. **Eu gosta...** de tiempo de classe. (s2)  
b. Eh... Que... que **você gosta?** (s2)  
c. A Suiss e a escola quando **eu mora** a Tennessee. (s1)  
d. Ela tem vinte e quatro anos e **ela mora** só. (s1)  
e. E, e **eles fala** muito rápido. (s2)

Os sujeitos plenos aparecem também junto a formas verbais não-finitas, como em (78).

- (78) a. É difícil porque eu senti ah... que eu não sabe/ que **eu não saber** nada. (s4)

São encontrados também alguns verbos no passado com flexão de terceira pessoa usada para a primeira pessoa do discurso, como em (79a,b); ou com flexão de primeira pessoa usada para a terceira, como em (79c), mas também com o verbo no presente, como em (79d).

- (79) a. **Eu pensou** que mi mãe de Brasil, ela falar com Clara, mas eu não sei, eu não sei. (s4)
- b. É não importante se **eu falou** ou não falou. (s4)
- c. Depois **ele falei**. Não. Ele falou falou que. (s4)
- d. Meu irmão **ele tenho** ah... diznove anos. (s2)

Os verbos irregulares apresentam, na sua maioria, a forma correta de flexão de primeira pessoa, como mostram os exemplos em (80).

- (80) a. **Eu estou** cansada. **Eu sou** cansada agora, porque muitas coisas/ (s4)
- b. Eu acho que amanhã **eu vou** a Rio de Janeiro. (s4)

Os verbos irregulares freqüentes, de uma forma geral, parecem ser adquiridos mais rapidamente do que os regulares. É provável que, como foi sugerido por Pinker (1999), enquanto os verbos regulares são adquiridos paradigmaticamente, as formas dos verbos irregulares são memorizadas.

Os exemplos em (81) mostram que Emily sabe que tem que mudar a flexão verbal que não está de acordo com o sujeito.

- (81) a. **Eu gosto** muito ah... reggae. **Eu** escuta, **escuto?**  
de reggae a... tudo dia a Estados Unidos. (s2)

Nos dados de Emily é o sujeito pleno que predomina chegando a apresentar 100% de ocorrência de pronomes para a segunda e terceira pessoas, 100% para os sujeitos de referência arbitrária e 92% para os sujeitos de verbos com referência de primeira pessoa. A predominância de pronomes plenos pode ser observada em todas as sessões de gravação.

Os sujeitos nulos produzidos por Emily correspondem, portanto, a apenas 8% dos dados e são todos de 1ª pessoa, ao contrário dos sujeitos nulos produzidos no PB que somam 29% no total, sendo a 3ª pessoa a que apresenta o maior percentual de sujeitos nulos (37%) (DUARTE, 1995).

A análise qualitativa dos dados de Emily mostra que o uso do pronome pleno exemplificado em (73) parece indicar que ela transferiu da gramática do inglês, a sua L1, o parâmetro [-sujeito nulo] para o PB. Entretanto, o uso de uma gramática uni-pessoal atestada nos dados em (74) e (77) pode indicar que Emily está utilizando a gramática *default* da GU, e não a sua L1. Se estivermos no caminho certo, podemos dizer que não é o inglês que vai constituir, para Emily, o seu estado inicial para a aquisição do PB, o que viria confirmar a hipótese do acesso direto à GU via gramática *default*.

### Dados de Roberto

O italiano é uma língua distinta do PB no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo. Ao contrário do *pro-drop* do PB, o *pro-drop* do italiano tem concordância [+pronominal] para todas as pessoas do discurso; e, portanto, de acordo com a teoria que assumimos, no italiano não há necessidade de se projetar o *Spec TP*. Em outras palavras, o italiano, ao contrário do inglês e do PB, não tem um traço N forte em T que

obrigue a subida do sujeito para o seu *Spec*. Como conseqüência, essa língua exhibe sujeitos nulos. O PB tem concordância pronominal apenas na terceira pessoa, o que explica o seu caráter de língua de sujeito nulo parcial. Assim, se os dados de Roberto refletirem o italiano, não deverá haver concordância uni-pessoal. Mas, se os dados forem semelhantes aos de Emily (uni-pessoais), então será a gramática *default* que estará na base de aquisição do PB.

Como mostramos na seção anterior, há predominância de sujeitos nulos nos dados de Roberto, o que já era esperado dado que sua língua materna é o italiano. A análise quantitativa, entretanto, não foi capaz de determinar se ele usou o nulo do italiano ou o nulo *default* da GU. Vejamos, então, se é possível determinar o tipo de sujeito nulo usado por Roberto a partir dos dados apresentados a seguir.

Em primeiro lugar, mostramos o sujeito nulo e preenchido em relação à pessoa verbal; posteriormente, mostramos os contextos em que estes aparecem.

- (82) a. E esse é o motivo por que **cv está** aqui. (s1)
- b. Eu non conosco bem o Brasil, porque **cv no conhece** bem o Brasil. **Eu conhece** eh... Rio, Salvador e Aracaju. (s4)
- c. **cv Non sinto** falta porque **eu non sou** um imigrante. **cv Non estou** aqui porque tem/ **cv preciso** de dinheiro para viver. (s4)
- d. Ma **você é** muito claro quando **cv fala**. Outra pessoa non está claríssimo, non? Eu tem problema. (s4)
- e. Se uma mulher está bonita, a primeira cosa que **cv faz** se **cv tem** cabeça, se **cv está** disponível a prostituir-se...(s2)

Em (82a,b), temos o sujeito nulo com referência de primeira pessoa acompanhado da flexão verbal não-marcada de terceira pessoa, exceto para o verbo do italiano “conosco”.

Os dados em (82d,e) mostram que a mesma flexão foi usada também para a segunda e terceira pessoas do discurso. Temos, portanto, para as três pessoas do discurso a mesma forma verbal. Entretanto, são apenas 8 casos de 1ª pessoa que aparecem com o verbo na forma não-marcada, 2 dos quais exibem o sujeito pronominal pleno. A grande maioria dos sujeitos com referência de primeira pessoa, no entanto, aparece na forma verbal correta de primeira pessoa e exhibe pronomes nulos, como mostra o exemplo em (82c).

O uso da morfologia de concordância de terceira pessoa para as três pessoas do discurso, entretanto, não foi verificado apenas para o caso da flexão verbal não-marcada. Como se pode ver em (83), a terceira pessoa do verbo aparece na forma marcada de pretérito e ainda assim é usada para a primeira pessoa do discurso. A grande maioria dos dados, no entanto, mostra o uso correto da flexão marcada de 1ª pessoa, como exemplificado em (83c,d).

- (83) a. A pergunta poderia ser... eh a pergunta que, que antes **cv fez** a você. (s3)
- b. **Eu foi** rapinato in Rio. (s2)
- c. Eh... **cv Fui** lá com Nilva a sexta-feira. (s2)
- d. Agora, **cv cheguei** aqui e **gostei** de Salvador. (s2)

A seguir, mostramos os diferentes tipos de contextos em que os sujeitos nulos e plenos da fala de Roberto foram registrados:

a) Em contexto de perguntas, em que apenas os sujeitos nulos com referência de segunda pessoa (84a,b) foram observados. O sujeito pronominal exposto mostrado em (84c), entretanto, constituiu a maioria dos sujeitos registrados para a 2<sup>a</sup> pessoa.

- (84) a. Onde **cv morou** in Estados Unidos? (s1)  
 b. Por que **cv faz** este trabalho? (s3)  
 c. **Você sabe** cosa é uma crítica? (s2)

Parece que o informante já está consciente da restrição “evite V1”, que Kato e Duarte (2003) propuseram para o PB como uma restrição em PF de natureza rítmica. Segundo as autoras, o PB repele as construções V1 preenchendo a posição pré-verbal com adjunto ou com elemento discursivo. O Sujeito pronominal seria um constituinte usado para evitar o padrão V1.

b) Em contextos de estruturas encaixadas em que o nulo aparece em estrutura de correferência com o sujeito ou com o objeto da oração matriz, como mostram os exemplos em (86a,b,c) e (86d) respectivamente.

- (86) a. Ma você<sub>i</sub> é muito claro quando **cv<sub>i</sub> fala**. (s4)  
 b. Não. Porque eu<sub>i</sub> non busco italiano quando **cv<sub>i</sub> estou** fora da Itália. (s1)  
 c. Se uma mulher<sub>i</sub> está bonita, a primeira coisa que **cv<sub>i</sub> faz**, se **cv<sub>i</sub>** tem cabeça, se tem cabeça, se... se está, como se diz, se **cv<sub>i</sub>** está disponível a prostituir-se... (s2)  
 d. Eu<sub>i</sub> admiro/ tem uma admiração grandíssima per la mulher brasileira<sub>j</sub> porque **cv<sub>j</sub>** é muito independente. (s3)

Barbosa, Duarte e Kato (2005) mostram que, quando o antecedente do nulo tem função diferente daquela do sujeito como exemplificado em (86d), o PE apresenta em média 30% de sujeitos pronominais plenos; e o PB, 57%. Se o antecedente do nulo não se encontra numa oração adjacente, como em (87b) abaixo, então o PB atinge 75% de preenchimento.

c) Em contextos em que o antecedente do sujeito nulo encontra-se na sentença anterior, como em (87a), ou numa sentença não-adjacente como em (87b).

- (87) a. O menino<sub>i</sub> mora mora in Finlândia. **cv<sub>i</sub>** Trabalha e estudia lá.
- b. Esta pessoa<sub>i</sub> está condenada a non a non crescer. Porque trinta e três anios é pouco, non? **cv<sub>i</sub>** Pode aprender a escrever, a leger.

Quanto aos sujeitos preenchidos de 3ª pessoa, os dados mostram apenas alguns poucos casos em que o pronome é usado quando o antecedente do sujeito não se encontra na oração adjacente, como mostram os exemplos em (88).

- (88) a. E se va a vencer la derecha, a influência americana estará forte porque o líder de esta, de la derecha é B<sub>i</sub>, que é um homo muto rico e uno que non pensa ao povo, ma pensa a la indústria solamente. A ganhar, a ganhar, a ganhar. E **ele<sub>i</sub>**, non non gosta de de a escola, a escola privada, a estadual. Non gosta de hospital estadual. Non gosta de esta cosa aqui. (s3)
- b. E... esta pessoa<sub>i</sub> queria estudar ma, para estudar non pode estudar em uma escola porque non tem...

non tem eh... espaço. Non tem/ está está fechada já. Eh, e outra escola tem espaço ma **ele<sub>i</sub>** ele non pode estudar in esta escola<sub>j</sub> porque **cv<sub>j</sub>** está fora de la circunscrição. (s3)

Mas se o antecedente tem o traço [-animado], como mostrado em (88b), a sua retomada é feita apenas com o pronome nulo.

Para a segunda pessoa foram registrados apenas 2 casos de sujeito nulo contra 5 de sujeito pronominal pleno. Para a terceira e a primeira pessoas, por outro lado, é o sujeito nulo que predomina.

d) Em contextos em que o referente possui traço [-animado], como se pode ver em (89).

- (89) a. Uma cidade pequena, ma **cv é** genuína. Ancora **cv non é** modificada, non? (s1)
- b. Droga é proibida. In algum... estado **cv está** liberada. (s2)

e) Em contextos de referência arbitrária em que os sujeitos nulos aparecem em construções que têm o verbo na terceira pessoa do singular com o sujeito nulo associado ao clítico *se*, como ilustrado em (90a); ou em construções com a terceira pessoa do singular ou do plural como em (90b) e (90c) respectivamente. Além desses, foram encontrados alguns casos em que o sujeito arbitrário aparece preenchido com o pronome “você”, como exemplificado em (90 d).

- 90) a. **cv Se pode** circular da uma nação a outra nação sem problema.(s1)
- b. Lá em Portugal, **cv fala** muito estreito, muito... (s3)

- c. Aqui no Brasil tem uma colônia de italianos e lá **cv falam** o dialeto veneto.
- d. Se **você vai** na Itália, a diferença para o norte e o sul, tem uma diferença enorme. (s3)

Comparando dados do PB e do PE, uma língua do tipo italiano, com relação ao preenchimento do sujeito arbitrário nas duas línguas, Duarte (2000) mostra que enquanto no PB o preenchimento do sujeito pronominal atinge a marca de 66% contra o percentual de apenas 34% de nulos, o PE exibe um índice de 80% de nulos arbitrários. O estudo mostra ainda que, no PB, a forma pronominal preferida para a indeterminação do sujeito é o pronome “você”, seguido do pronome “eles” e da primeira pessoa do plural “a gente”. Essas formas representam 73% das ocorrências, enquanto que o clítico “se” aparece em apenas 8% das ocorrências. Em PE, ao contrário, o clítico “se” é a opção preferida; e o pronome “você”, a opção menos freqüente.

Dos sujeitos arbitrários encontrados nos dados de Roberto, a grande maioria (90%) aparece em construções que têm o verbo na terceira pessoa do singular com o sujeito nulo associado ao clítico “se”, como ilustrado em (90a), o que pode significar influência da sua L1.

Os dados em (82) mostram que Roberto tem uma gramática com concordância uni-pessoal, já que ele usa a mesma forma verbal não-marcada de terceira pessoa para as três pessoas do discurso. Esses dados parecem indicar que o estado inicial para a aquisição do PB é a gramática *default*, o que configuraria acesso direto à GU.

Entretanto, observando os contextos que apresentam sujeitos nulos e formas verbais distintas para a primeira e terceira pessoas como mostram os exemplos em (86b,c,d) e (87), poderíamos sugerir que Roberto está usando também a gramática da sua L1, o italiano. O uso do nulo em

contextos com referente [-animado], mostrado em (89), e em contexto de referência arbitrária, como em (90), viriam confirmar, mais uma vez, que o nulo presente nos dados é também do italiano. O que os dados parecem indicar é que Roberto pode estar fazendo “code-switching” entre o nulo *default* e o nulo italiano<sup>61</sup>.

Quanto aos sujeitos pronominais expressos presentes nos dados, observou-se que o uso de pronomes do tipo encontrado em (82b,c), (83b), (84c) e (88) não indica ênfase ou contraste, o que nos levaria a sugerir que esses pronomes são do PB.

O que se pode concluir a partir dos resultados da análise dos dados de Emily e de Roberto é que falantes de diferentes L1s aprendendo uma mesma L2 podem ter comportamentos diferentes, o que é consistente com a hipótese de que a L1 pode ser um dos componentes de  $S_0$ .

#### 4.2.2.2 Fase intermediária

Na fase intermediária, temos Monica, falante bilíngüe inglês/espanhol e Sérgio, falante bilíngüe italiano/inglês. A análise quantitativa dos dados desses aprendizes mostrou que Monica que é falante nativa do inglês foi quem apresentou maior percentual de sujeitos nulos. Por isto, levantamos a hipótese de que Monica estaria se valendo da gramática da sua L2, o espanhol, já que sua L1 é uma língua [-sujeito nulo]. Os dados mostram também que Monica parece estar fazendo “code-switching” entre o léxico do inglês (“roomates”, “maybe”, “adopted”, “younger”, “monkey”, “night club”, “better”) e do espanhol (artigo: “la”; pronome: “mi”; “algunas”, “enamorados”, “solo”).

---

<sup>61</sup> “Code-switching” é entendido como o uso de duas ou mais línguas na mesma situação de conversação. Pode ocorrer nos atos de fala de vários indivíduos durante uma conversação, nas elocuições dentro de um único ato de fala, e ainda dentro de uma simples elocução (Milroy e Muysken, 1995). A maioria dos falantes bilíngües faz code-switching em situação normal de discurso e essa alternância de códigos é baseada em regras (Poplack, 1980).

Vejamos, portanto, como estão distribuídos os sujeitos plenos e nulos em suas produções.

### Dados de Monica

Embora Monica já esteja usando a gramática do PB, os dados em (91) mostram que, ainda assim, ela usa a forma verbal não-marcada de terceira pessoa para as três pessoas do discurso em algumas de suas produções.

- (91) a. **cv Gosta** esse trabalho? (s3)
- b. **Você tem** filhos?
- c. E: Por que você veio pro Brasil?  
I: Porque Brasil é bonita, eh... la clima é bonita, é quente.**cv Gosta** comida aqui e la música e gostaria aprender línguas. (s1)
- d. A noite **cv faz? eu faz?** muita tarefa.
- e. Aqui solo moro com a mãe e... ela, **ela gosta** dormir e...**cv gosta** dormir e... televisão. (s2)

Quanto aos sujeitos usados para se referir à 2ª pessoa indireta do discurso, exemplificados em (92), ao contrário do que ocorreu nos dados de Emily em que não se verificou uma única instância de nulo, os dados de Monica mostram que o sujeito nulo foi usado em pelo menos 50% das frases. O contexto, no entanto, é o mesmo para as duas informantes, isto é, o contexto de perguntas.

- (92) a. **cv tem** fotos? (s3)

b. Quantos filhos **você tem?** (s3)

Em relação aos sujeitos com referência de terceira pessoa, vimos que nos dados de Emily foram usados apenas sujeitos pronominais expressos. Nos dados de Monica, pelo menos uma instância de sujeito nulo, em (93d), foi registrada. As demais consistiram de sujeitos pronominais expressos, como em (93a,b,c).

- (93) a. **Ela não trabalha** mais. (s2)
- b. Ontem à noite, a sobrinha, **ela tem** onze anos, **ela fala** com mim. (s2)
- c. De interior, e **ele tem** dez irmãos. E quando **ele** han... **mo/mora** aqui, ah... não quero filhos. **Ele** só **tem** um filho, agora.
- d. Aqui solo moro com a mãe e... ela, ela gosta dormir e... **cv gosta** dormir e... televisão. (s2)

Para os sujeitos de verbos com referência de primeira pessoa, os dados de Monica mostram que predominam os sujeitos nulos tanto para os verbos marcados em pessoa, como se pode ver em (94b), quanto para aqueles não-marcados, como em (94a). Estas últimas são formas uni-pessoais que mostram ação do “default”. Para os sujeitos de verbos com referência de 1<sup>a</sup> pessoa do plural, apenas pronomes nulos foram registrados, como mostram os exemplos em (94c,d).

- (94) a. Porque **cv não come** muito, **cv não cozinha** muito. **cv Come** a escola um pouco. (s3)
- b. Penso que ah... **cv vou** a São Paulo por uma semana, mas não sei. Porque **cv não tenho** dinheiro para São Paulo outra semana. (s2)

- c. Hoje **cv jogamos**. (s2)
- d. Depois de churrasco **cv fomos** à igreja com outras amigas à noite. (s3)

Quanto aos sujeitos de referência arbitrária, apenas duas ocorrências foram registradas nos dados. Os exemplos em (95a) e (95b) mostram o uso do nulo em construções com verbo na terceira pessoa do singular e com o sujeito nulo associado ao clítico *se*, respectivamente.

- (95) a. Direito? Oh! Lá eh... **cv fala** advogados. (s2)
- b. Como se se/ ah... como... que és esta palavra? Como **se escreve** eh... esta palavra? (s2)

Enquanto nos dados de Emily predominam os sujeitos pronominais lexicais, nos dados de Monica a predominância é do sujeito nulo (exceto para a terceira pessoa do singular que mostra uma única ocorrência de nulo) que atinge a marca total de 76% (95/125), quando comparado ao sujeito pleno. Além disso, os sujeitos nulos predominam ainda em todas as sessões de gravação.

Os sujeitos nulos encontrados nos dados de Monica são também de dois tipos: o nulo usado com as formas uni-pessoais, e o nulo do espanhol, o que pode indicar que na sua fala também há um “code-switching”: do nulo *default* e do nulo do espanhol.

### **Dados de Sergio**

Como nos dados de Monica, a 3ª pessoa verbal não-marcada é usada também indistintamente para as três pessoas do discurso nos

dados de Sergio, como mostram os exemplos em (96). Entretanto, exceto pelos exemplos em (96c,d,e), todos os outros casos de forma uni-pessoal aparecem apenas com o verbo “ter”, com sujeito nulo ou preenchido como em (96a,b).

- (96) a. Ma, aqui não conheço a rua. **cv tem** medo de me perdi na favela. (s10)
- b. E **eu** não **tem** pessoa paciente de escutar-me come você está fazendo. (s5)
- c. Eu gosto de ensinar na universidade ma, infelizmente, na Itália **cv não ensina** na universidade. (s11)
- d. **Eu fala** francês com ela também. (s1)
- e. Esta manhã eu falei poquito português, ma **eu fala** inglês português mis misturado. (s 1)
- f. Que **cv ensina**? Inglês? (s2)
- g. Ela me di... me disse que **cv tem** uma operação cirúrgica, ah... cosmética, na faça. (s9)

Entre os sujeitos nulos com referência de 2<sup>a</sup> pessoa, a grande maioria aparece em frases interrogativas, como em (97a). Foram registrados alguns casos de nulo em contextos encaixados, como se pode ver em (97b), mas, como mostra o exemplo em (97c), é o sujeito pleno que prevalece.

- (97) a. Quanto filho **cv tem**? (s2)
- b. Eu gostaria que vês... **cv visse** um quadro que gosto. (s3)

- c. **Você** me **disse** outra vez que **você** estava mudando o carro, estava vendendo... **Você já vendeu** o carro? (s12)

Em contextos do tipo de (97a), a presença de um pronome lexical é obrigatória no PB moderno (DUARTE, 1995). O preenchimento de *Spec* de CP seria o mais forte condicionamento ao uso do sujeito pleno no PB<sup>62</sup>. Nesse caso, o nulo pode ser da L1 de Sergio. Por outro lado, o pronome pleno em (97c) pode indicar que Sergio já está usando a gramática do PB que mostra sujeito pronominal pleno até mesmo em estruturas de correferência, contextos que não permitem sujeitos preenchidos em Italiano (CALABRESE, 1986).

Com relação aos sujeitos de verbos com referência de 3<sup>a</sup> pessoa, predominam também os sujeitos pronominais lexicais. Os nulos foram registrados em orações independentes, como em (98a); em orações encaixadas com sujeitos correferentes, como mostra o exemplo em (98b); ou não-correferentes, como se pode ver em (98c).

- (98) a. Ela fundou o Departamento de Italiano. **cv** é mais velha agora. Eh... um pouquinho, pouquinho... **cv repete** sempre a mesma coisa. (s5)
- b. Uma professora de italiano deu uma festa por seu (...) porque **cv está** admitida como ordinária, como professora ordinária na universidade, so... (s7)
- c. Economicamente ele é mais claro. Ele apoia intervento de FMI. So, eu<sub>i</sub> acho que **cv<sub>j</sub> é** mais confiável. (s12)
- d. **Ele** pode fazer porque **ele** tem uma maioria, a maioria na câmara. **Ele** tem o controlo do todos os jornais e televisões. (s 11)

<sup>62</sup> Duarte, (1995), confirma a importância da presença de elemento em *Spec* CP no processo de perda do sujeito nulo no PB. Os dados da sua pesquisa mostram, para as interrogativas diretas, que apenas dois casos de ocorrência de nulos (produzidos pelos falantes mais velhos) são encontrados em 25 dados.

e. In fate eu tive esta impression. **Ele, ele** é muito inteligente. **Ele** sabe que qualquer **ele** diz, não é muito importante. (s18)

O nulo em (98c) é uma ocorrência estranha ao PB, que requer adjacência do antecedente (BARBOSA, DUARTE E KATO, 2005), ao contrário do PE e, provavelmente do italiano, que não exige tal adjacência. Logo, aqui, tal nulo pode ser devido ao uso da L1. Esse não é o caso de (98d,e) que mostram o pronome pleno numa estrutura com sujeitos correferentes, e até mesmo com sujeitos duplos em (98e). Portanto, aqui pode ser o uso do PB.

Para a primeira pessoa do discurso, mais uma vez, a predominância é de sujeitos pronominais plenos. Encontramos nos dados de Sérgio, como exemplificado em (99), sujeitos nulos em contextos não permitidos no PB, pelo menos na fala da geração mais jovem, como atestado nos dados de Duarte (1995).

- (99) a. É a coisa que **cv gosto** mais! (s1)
- b. Sim. Ma esta manhã, esta semana **cv não posso** porque **cv vou** alugar apartamento. (s2)
- c. Que **cv posso** dizer? (s4)

Os contextos onde *Spec CP* está preenchido, como na oração relativa em (99a) e na interrogativa direta em (99c), ou onde se tem adjuntos em adjunção a IP como em (99b), são contextos que reprimem o pronome nulo no PB (DUARTE, 1995).

Quanto aos sujeitos pronominais plenos de primeira pessoa, encontramos o seguinte:

- (100) a. **Eu eu** agora vou voltar a roupa na lavanderia. Porque ela lavava com água fria. (s13)
- b. Ma eu comprei porque é muito interessante. Porque **eu** quando vou para a Itália, **eu** vou parar no Lisboa, porque (...). (s13)
- c. Não, porque... **eu** já perdo, gasto mais tempo no internet. Se **eu** tive a TV italiana, inglesa, **eu** ficaria mais tempo... Non, **eu** prefiro alugar às vezes DVD que **eu** posso ver com computador. Na Itália **eu** tem. **Eu** tenho na Itália [TV a cabo]. (s12)

O exemplo (100a) mostra o uso de sujeito duplo através da reduplicação do pronome; (100b) que também exhibe o duplo sujeito mostra que o pronome pleno é correferente com o sujeito da oração adjacente; e, finalmente, (100c) mostra o uso do pronome pleno numa seqüência de orações independentes e contextos encaixados. Considerando que o uso de pronomes lexicais em contextos do tipo mostrado em (100) é incompatível com uma língua *pro-drop* do tipo do italiano, podemos sugerir que, aqui, Sergio está usando o PB.

Com relação aos sujeitos de referência arbitrária, a maioria dos sujeitos nulos aparece em construções com o verbo na terceira pessoa do singular, e com o sujeito nulo associado ao clítico *se*, como em (101a). Além desses, alguns aparecem em estrutura de correferência com o pronome *você* como em (101b) ou ainda em construções com a 3ª pessoa do singular em que o clítico *se* não aparece, como em (101c), ou seja, o nulo arbitrário do tipo também encontrado no PB.

- (101) a. Não **cv se pode** falar de educação particular in Itália porque existe só educação pública. (s4)
- b. Que **cv<sub>i</sub> faz** quando você<sub>i</sub> é 60 ano idade? Nada! (s2)
- c. I: Ma você há de comprar o *decoder*.

E: É. O decodificador eh... eu comprei.

I: Ok. Ma **cv pode** também alu... alugar, eu acho.  
(s7)

Na seção 4.2.2 sugerimos que os sujeitos nulos que aparecem nos dados de Sergio poderiam ser de dois tipos: o nulo *default* com morfologia uni-pessoal ou o nulo do italiano.

Os dados em (96) mostram sujeitos nulos de verbos não-marcados em pessoa com referência de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas, o que, à primeira vista, parece indicar que Sergio tem morfologia flexional uni-pessoal. Entretanto, como dissemos anteriormente, a forma uni-pessoal, com exceção dos exemplos em (96c,d,e), aparece apenas com o verbo *ter*. Este verbo parece ter uma certa resistência à concordância, provavelmente porque atua como impessoal. Nos demais exemplos apresentados, os sujeitos nulos ou plenos aparecem com verbos flexionados com formas distintas para a primeira e terceira pessoas do discurso, o que deve indicar, portanto, que Sergio não tem um sistema uni-pessoal, logo, não está usando o nulo *default* da GU.

A análise quantitativa dos dados de Sergio mostrou que ele usa mais os sujeitos pronominais plenos do que os nulos. A análise qualitativa, por outro lado, mostrou a presença do sujeito nulo em contextos em que no PB a presença de um pronome pleno é quase categórica, mas mostrou também a presença do sujeito pronominal expresso em contextos não permitidos no italiano. O que os dados parecem indicar é que Sergio está fazendo “code-switching” entre o sujeito nulo do italiano e o sujeito nulo do PB.

#### 4.2.2.3 Fase avançada

Na fase avançada, temos Mark que é falante nativo de inglês e tem o espanhol como L2; e Aldo que é falante nativo de italiano e tem o inglês, o francês e o espanhol como L2.

Como mostramos na seção 4.2.1, tanto nos dados de Mark quanto nos dados de Aldo, os sujeitos pronominais expressos constituem a grande maioria dos sujeitos encontrados. Além disso, os dados mostram que ambos os aprendizes já dominam a flexão verbal do PB, na medida em que são capazes de distinguir entre as formas de primeira e terceira pessoa.

Como já foi mencionado em 2, **O Objeto da Aquisição: o sujeito nulo brasileiro**, o PB deixou de ser uma língua de sujeito nulo do tipo italiano ou espanhol que têm concordância [+pronominal] e passou a ser considerada como língua de sujeito nulo parcial. Assim, enquanto o italiano e o espanhol exibem sujeitos nulos para todas as pessoas do discurso, no PB, só a 3ª pessoa pode licenciar sujeitos nulos, pois só ela ainda tem concordância [+pronominal]. As demais pessoas apresentam pronomes fracos que podem ser redobrados por um pronome forte<sup>63</sup>.

O que se espera, portanto, é que Mark e Aldo, em suas produções, possam mostrar alternância entre sujeito nulo e sujeito pronominal expresso para a 3ª pessoa do singular; e pronomes expressos na posição sujeito para as demais pessoas do discurso. Assim, Mark terá que aprender que, ao contrário do que ocorre na sua língua materna, a flexão de 3ª pessoa do PB é [+pronominal] e, conseqüentemente, pode licenciar sujeitos nulos; e Aldo terá que aprender que o PB tem um traço N

---

<sup>63</sup> Exceto no caso da primeira pessoa que pode aparecer nula em frases matrizes. Rodrigues (2002, 2004) mostra que os sujeitos nulos de primeira pessoa do PB comportam-se com se fossem tópicos. Para a autora, como no alemão, o sujeito nulo de primeira pessoa do PB pode ocorrer em posição inicial de sentença.

forte em T (exceto a terceira pessoa que é ainda pronominal), que desencadeia a projeção de *Spec TP*, diferentemente do italiano.

Vejamos, então, o que dizem os dados de Mark e Aldo.

### Dados de Mark

Das poucas instâncias de nulos registrados nos dados de Mark, quatro estão relacionadas aos sujeitos de verbos com referência de 3ª pessoa como mostrado em (102).

- (102) a. Minha família estava, estava planando. Não é planando. Eh... **cv estava...** ah... **cv achava**, não. **cv Pensava** que que eu ah... eu ah... vou estudar um universidade mais, mais caro. (s1)
- b. Durante esses dias meu pai ah... estava com doente. Com infecção? Então ele não sentia bem. **cv Não li/lia** o jornal então, ele não sabia. (s2)

Foram registrados ainda 2 casos de nulo arbitrário (103).

- (103) a. E: Capoeira? Com professor brasileiro lá em New Jersey?  
I: Com professor brasileiro. **cv** Fala pouco inglês na Nova Jersey. A Nova Jersey tem o mais o mais o maior o maior população brasi/ ah... português de nos Estados Unidos. (s1)
- b. Muito interessante. E todos os restaurantes /não são restaurantes, mas ah... **cv** pode comer na praia, na praia. (s3)

Os nulos restantes, que constituem a maioria, estão distribuídos entre os sujeitos de verbo com referência de 1ª pessoa do singular, exemplificados em (104), e aqueles com referência de 1ª pessoa do plural,

como mostrado em (105), que representam 42% (34/81) dos nulos encontrados nos dados de Mark.

- (104) a. Eu decidi que **cv não vou** a Porto Seguro. (s3)
- b. Eu moro ah... em Nova Jersey, bem perto da Nova York. [...] Então, ah... **cv sou** estudante de... ah... de matemáticas e também espanhol. (s1)
- c. Minha faculdade tem um programa no São Paulo, mas **cv não não queria** ficar no São Paulo. (s2)
- d. Normalmente se uma pessoa... ah... toma cursos no no país estrangeiro, é es no terceiro ano de faculdade. Normalmente. Mas **cv não estou** de pronto para terminar a a faculdade, porque **cv não estou** pagando/pagando muito para a faculdade, para uma escola pública, faculdade pública. (s2)
- (105) Esse fim de semana que vem ah... **cv temos** livre a fim de semana, então algumas pessoas do grupo ah... acha que que **cv vamos** a a/ ainda **cv estamos** decidindo, ah... para ir a a Porto Seguro ou ou a Mangue Seco. (s2)

A incidência de nulos com primeira pessoa do plural se explica, já que *nós e -mos* são mais usados na escrita, onde o sujeito preenchido é estilisticamente apagado.

Ao contrário do que mostram os dados de Emily, nos quais não foi verificado um único caso de sujeito nulo para a terceira pessoa, os dados de Mark mostram a presença de sujeitos nulos como exemplificado em (102), acima.

Nos dados de Mark há predominância de sujeitos plenos e morfologia flexional distinta para 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas, o que pode indicar que ele já está na gramática do PB.

Vejamos os contextos em que os sujeitos plenos aparecem.

Para a 1ª pessoa, os pronomes plenos aparecem tanto em posição inicial, quanto em estruturas de correferência, como mostram os exemplos em (106).

- (106) a. **Eu, eu estudei** espanhol muito tempo. Ah... seis, sete, sete anos, porque **eu comecei** na escola secundária. (s1)
- b. Outra outra semana ah... **eu eu vou** embora, pra... ah... primeiro pra São Paulo. Ah... **eu pas/passarei** duas dois dias, dois dias lá e depois o dia seis de agosto, **eu eu vou** pra os Estados Unidos. (s3)

Para a 2ª pessoa, apenas 3 ocorrências de sujeitos pronominais lexicais foram verificados. Não foram registrados sujeitos nulos com referência de 2ª pessoa.

- (107) a. Eu eu não não fiquei nas todas as lugares que, que **você** mencionou. (s1)
- b. Então, eu eu tomei outras class/cursos de ah... de literatura também. È mais aberto da da qualquer coisa que que **você** quer estudar. (s2)
- c. Pode ser três, mas tem que trabalhar muito mais cada semestre, eh... se **você** quer ah... ah... separar as classes e [...] (s2)

Das poucas ocorrências de sujeitos pronominais de terceira pessoa encontradas nos dados, apenas 4 exibem o pronominal nulo, como mostramos em (102) acima. Dez exibem o pronome expresso para terceira pessoa do singular (108) e 3 para a terceira pessoa do plural (109).

- (108) a. Então o mestre eh... de que é de Rio ah... ensinando eh... também **ele ele** ensina, **ele** dá aulas na/de capoeira na universidade. Só um dia por semana ah... **ele ele** vai na universidade ensinar da noite. (s1)
- b. Durante esses dias, meu pai ah... estava com doente. Com infecção? Então **ele** não sentia bem, não li/lia o jornal. Então **ele** não sabia. (s2)
- c. Meu amigo tem um apartamento na nas Villas. **Ela** tem/ **ela ela** morava nas/ perto das Villas. Eu esqueci o nome do bairro. Mas **ele** tem algumas amigos lá. (s2)
- d. O motorista do de do barco ah... co/conhece muitas pessoas na na área. Então **ele ele** ah... nos falou que: Vocês quer um festa? Vocês gostaria de dançar ah... forró? Eh... falamos: Sim, sim gostaria/gostaríamos. Então **ele ele** ah... fez um festa na cida/na... (s3)
- (109) a. Porque alguns alunos têm que trabalhar durante a escola. Então **eles** to/tomam ah... menos créditos e pode trabalhar. (s2)
- b. Então, essa noite, com três outras meninas, vamos a Pelourinho para encontrar uma academia de capoeira. **Elas elas** sabem. **Elas elas** conhecem uma academia (...) das academias que tem in Califórnia. (s3)

Considerando que a L1 de Mark é [-sujeito nulo], e que o PB só exhibe sujeito nulo para a 3<sup>a</sup> pessoa do singular, podemos dizer que os sujeitos nulos que aparecem em contextos de 1<sup>a</sup> pessoa em (104) são do espanhol, sua segunda língua. Isso pode significar, portanto, que o espanhol, sua L2, foi um dos componentes do seu estado inicial para a aquisição do PB, o que pode configurar acesso indireto à GU via L2. Os sujeitos pronominais expressos, por outro lado, podem indicar que Mark já está atuando na gramática do PB. O que os dados parecem indicar é que

Mark está fazendo um “code-switching” entre a gramática do espanhol e do PB.

### Dados de Aldo

Os sujeitos pronominais registrados nas produções de Aldo compreendem:

a) Sujeitos com referência de 2ª pessoa: foram registradas apenas 3 ocorrências de sujeitos nulos para a 2ª pessoa em todo o *corpus* (110). Houve predominância de sujeitos pronominais expressos (111).

(110) a. Ma **cv** se **lembra** italiano, han? Um pouco, han?  
(s2)

b. **cv Fumava** também? (s4)

(111) a. **Você** quer algo? (s1)

b. Porque **você** não faz o seu mestrado? (s1)

c. Uma professora me disse: Ah, **você** há quanto tempo **você** está aqui? (s2)

d. [...] e se **você** va a Napoli, se **você** conhece Napoli, pode acontecer que **você** está andando na rua, **você** va a perguntar uma uma notícia, uma uma informação e a pessoa entende que **você** é estrangeiro e: **Você** onde vem? (s2)

b) Sujeitos com referência de 3ª pessoa: os dados mostram, uma vez mais, a preferência pelo uso do sujeito pronominal pleno, como se pode ver em (112).

- (112) a. Porque eu, no Espírito Santo, eu tem um padre que vem do Espírito Santo. **Ele fala** brasileiro totalmente diferente, respeito aqui. **Ele fala** um brasileiro... **ele viveu** muito com os italianos. **Ele fala** um brasileiro que parece um pouco espanhol, um pouco italiano, um pouco português. (s1)
- b. **Ela** ficou bem preparada, com certeza, porque **ela** me explicou um pouco como funcionava o curso. (s5)
- c. Eu deixei dez reais a este pescador porque **ele** foi muito gentil comigo. (s4)
- d. Eu, quatro, cinco outubro eu vou a esta pousada<sub>i</sub>, muito bonita, se chama... (...). **Ela<sub>i</sub>** fica perto o mar, fica perto o mar. (s3)

O sujeito pronominal preenchido de terceira pessoa aparece tanto em contexto de orações independentes (112a) quanto em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes ou não, como mostram os exemplos em (112b) e (112c) respectivamente. Em (112d) temos um sujeito pronominal expresso para um referente [-animado], o que é incompatível com uma língua de sujeito nulo que não permite pronome expresso para esse tipo de entidade, da mesma forma que proíbe o uso de pronomes em estruturas com referentes esperados como (112b) (BARBOSA, DUARTE E KATO, 2005).

Dos 4 únicos casos de sujeitos nulos de terceira pessoa registrados nos dados, 2 aparecem em contextos que mostram correferência entre o sujeito nulo e o sujeito da oração matriz (113b). Os outros 2 aparecem em contexto de orações independentes em que o sujeito nulo mantém uma relação de correferência como sujeito da oração adjacente, como em (113a,c). Todos os casos são compatíveis com o PB.

- (113) a. Eu conheci esta pessoa que se chama (...). É uma amiga egípcia. Ela estava partindo. Ela estava partindo? **cv** Estava partindo para o Brasil. (s1)
- b. Ele me disse que ele está ficando louco porque **cv** não não/tem tem dificuldade a buscar pessoas qualificados para os trabalhos. (s3)
- c. Pino. É. Ele, ele falou muito comigo e me disse que o problema é isso. **cv** Tinha dificuldade a procurar pessoas qualificadas. (s3)

c) Sujeitos nulos com referência de primeira pessoa: comparado com a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas, o maior percentual de nulos aparece no contexto de 1<sup>a</sup> pessoa. Ainda assim, a preferência de Aldo é pelo sujeito pronominal expresso que representa pelo menos 2/3 dos sujeitos de 1<sup>a</sup> pessoa. Foram observados sujeitos nulos tanto em contextos iniciais, como mostrados em (114), quanto em contextos encaixados, conforme exemplificado em (115).

- (114) Eu tenho ar condicionado mas não agüento. **cv Não posso** dormir com ar condicionado. **cv** Me me me **acordo** com dor na cabeça... **cv Não gosto**. (s3)
- (115) Eu, eu acho que os dez por cento das pessoas que **cv conheci** tem uma família com pai e mãe. (s2)

O sujeito nulo em (115) é do mesmo tipo do nulo também produzido por Sergio. Contextos que têm o *Spec CP* preenchido, como na oração relativa em (115), são contextos que reprimem o pronome nulo no PB (DUARTE, 1995). Logo, aqui é o nulo do italiano.

Outro contexto que mostra o sujeito nulo na fala de Aldo está exemplificado em (116) abaixo, e diz respeito ao sujeito nulo encontrado em orações interrogativas. Houve apenas uma ocorrência de nulo para esse tipo de dado.

(116) E... ontem, o que **cv** fiz ontem? (s3)

Segundo Figueiredo Silva (1996), o sujeito nulo em contexto de *Wh* é impossível no PB. Para ela, o que excluiria o nulo do tipo encontrado em (116) seria a concorrência do operador nulo e do sintagma QU- pela mesma posição, que para ela é o *Spec CP*.

Finalmente, temos em (117) uma seqüência de sujeitos nulos contrastando com (118) em que o sujeito é representado pelo pronome lexical, independentemente de o verbo apresentar flexão distintiva de primeira pessoa ou desinência zero.

(117) Ta ótimo. Eh... **cv** peço desculpa, ma é porque... hoje é um dia um pouco intenso porque **cv** tenho preparar o ensaio para a tarde com os meninos. E **cv** tinha que mandar alguma... algum documentos na Itália, e depois... e agora... **cv** tem um pouco de pressa com a tese, com a dissertação. **cv** Estou um pouco atrasado. **cv** Estou demorando e... o tempo falta. (s3)

(118) A primeira pergunta que você me fez a primeira vez foi – como **eu** estou aprendendo o português. Eu acho com a música porque **eu** gosto muito a música. **Eu** te disse que **eu** toco, toco piano. **Eu** toco piano ouvido. **Eu** nunca peguei lição. Não toco piano muito bem. **Eu** gosto tocar como... **Eu** peço desculpas porque **eu** fiz uma digressão muito grande. **Eu** não respondi a sua pergunta. (s2)

d) Sujeitos nulos de referência arbitrária: a maioria dos nulos está associada ao clítico *se*, em construções com verbo na 3ª pessoa do singular como *se* pode ver em (109).

(119) **cv** Não *se* contratava em ouro. **cv** *Se* contratava em dólar. (s4)

O que os dados de Aldo parecem mostrar é que, embora ele já esteja produzindo os sujeitos pronominais plenos e nulos do PB, é possível que ainda esteja usando o nulo do italiano. O uso de sujeitos nulos em contextos de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas, e contexto de *Wh* vistos acima, pode indicar que Aldo parece estar, nesse momento, operando com o italiano. Já o preenchimento do sujeito de terceira pessoa para um referente [-animado] em (112d), e em contextos com sujeitos correferentes, mostrados em (112a,b), pode indicar que esse informante já está na gramática do PB.

### 4.3 Uso de clíticos

Além dos sujeitos nulos registrados nos dados dos falantes de italiano, foi observado um outro fenômeno, associado ao parâmetro do sujeito nulo, conhecido como *clitic climbing* ou “subida” de clítico.

Kayne (1989) propôs que a variação interlingüística relacionada à subida de clítico (*clitic climbing*) está intimamente ligada a uma outra diferença que distingue entre o italiano e o francês: a possibilidade de sujeitos nulos. O italiano permite sujeitos nulos. O francês não.

De acordo com a análise de Kayne, a relação entre a possibilidade de subida de clítico e o licenciamento do sujeito nulo é vista da seguinte forma. Ele postula, para o parâmetro do sujeito nulo, a existência de dois valores que vão distinguir as línguas com INFL “forte” daquelas com INFL “fraco”. O italiano seleciona o valor “forte”, e o francês, o valor “fraco”. Segundo o autor, INFL “forte” possui duas propriedades: a) licencia sujeitos nulos no seu especificador, e b) L-marca o seu complemento VP. Assim, a subida de clítico é permitida apenas em línguas com INFL “forte” capaz de licenciar sujeitos nulos como o italiano, por exemplo, mas não o é para o francês.

- (120) a. \*Jean les veut voir. (KAYNE, 1989:239)  
 b. Gianni li vuole vedere.  
 ‘João os quer ver’

Existem, portanto, duas possibilidades para a posição que um pronome clítico pode ocupar em italiano: o pronome pode aparecer em posição pré-verbal (próclise), quando a forma verbal com a qual ocorre é finita, como exemplificado em (121); ou pós-verbal (ênclise), quando a forma verbal é não-finita (infinitivo, gerúndio e particípio passado). A ênclise aparece também com a forma verbal imperativa. No exemplo em (122), a ênclise aparece junto a uma forma verbal infinitiva.

- (121) **Lo** voglio vedere.  
 1Sg M quero ver
- (122) Voglio vedere + **lo**  
 Quero ver 1Sg M

No PB, predomina a próclise (123a). Além disso, o clítico se liga ao verbo principal (123b,c) e não ao verbo auxiliar em estruturas com particípio passado ou gerúndio, como acontece em italiano. Outro aspecto que distingue o PB do Italiano é o quase desaparecimento do clítico *o/a* (CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1993; NUNES, 1993). Consequentemente, o paradigma dos clíticos ficou reduzido às formas *me*, *te*, *se*, *lhe*<sup>64,65</sup> que podem ser usadas como objeto direto ou indireto.

- (123) a. Pedro **me viu**.  
 b. Pedro estava **me vendo**.

<sup>64</sup> Se considerarmos que pelo menos na terceira pessoa o *lhe* não é mais usado, podemos dizer que o paradigma dos clíticos fica reduzido às formas (*me*, *te*, *se*).

<sup>65</sup> Vide Kato, 1993, para quem o PB dispõe do clítico nulo (*me-te-∅*)

c. Pedro tinha **me visto**.

Para Abaurre e Galves (1996), os clíticos do PB não são clíticos sintáticos, na medida em que não há cliticização ao nódulo Flexão. Conforme as autoras, os clíticos do PB se comportam como pronomes deslocados. Atribuem essa mudança a uma outra ocorrida na sintaxe dessa língua: o enfraquecimento da concordância. Considerando, por um lado, que, para se moverem como núcleos, os clíticos precisam de uma posição de concordância na oração, e considerando, por outro lado, “fraca” a concordância do PB, as autoras explicam o desaparecimento dos clíticos núcleos nessa língua.

Os exemplos em (124) e (125), a seguir, mostram casos de subida de clítico e de ausência de subida de clítico nas produções dos falantes de italiano.

**+Subida de clítico**

- (124) a. Então, ela ela **me estava falando** de de de esto viagem e... (Aldo, s1)
- b. Conhece professor M., G.? **Me está entrevistando**. Sou já famoso. (Sergio, s2)
- c. Você entende se eu digo *Barra?* Você **me pode dizer** *Barra?* (Aldo, s6)

**-Subida de clítico**

- (125) Eu vou **me** aposentar para não ensinar no ensino médio. (Sergio, s11)

O clítico “me” aparece junto ao verbo flexionado, ao contrário do PB em (123b,c), numa estrutura com o gerúndio (124a,b), ou com o infinitivo (124c). Em (125), o clítico aparece em próclise ao verbo principal, como no PB. Em (126) temos casos de ênclise.

### ***Ênclise a infinitivo***

- (126) a. Estou tentando de **ajudar-la**. (Aldo, s2)
- b. Aqui, quando quando eu pergunto quais são suas origens a uma pessoa, ninguém é capaz de **responder-me** um jeito preciso. (Aldo, s4)

Os dados em (124) e (126) mostram que Sergio e Aldo, falantes nativos do italiano, embora já estejam usando a gramática do PB, ainda usam a sua gramática do italiano no que diz respeito à posição do clítico, o que vêm corroborar a hipótese da manutenção da gramática da sua L1 na aquisição do PB. Isso parece corroborar a observação de Hershensohn (2000) de que na aquisição de L2, as propriedades de um parâmetro podem não aparecer juntas, o que mostra que a aprendizagem de L2 é diferente. Podemos dizer, contudo, que há aí um fenômeno de “code-switching entre as duas gramáticas. Aldo e Sergio produzem não só os clíticos do italiano, mas também construções sem subida de clíticos, como em (125), e os pronominais do PB, como mostram os exemplos em (127).

### ***Pronome não-clítico do PB***

- (127) a. Lá eu conheço **ela**, só que eu conheço a família. (Sergio, s13)
- b. Eu conheci **ele**. (Aldo, s6)

- c. Eu não entendo eu não entendo **eles** e eles não entende/ não enten/ não me entendem muito bem. (Aldo, s6)

Em (127a,b,c) aparecem os pronomes tônicos no lugar do clítico de 3<sup>a</sup> pessoa, o que vem corroborar a hipótese do seu desaparecimento na gramática do PB.

Como no contexto normal de sentenças declarativas o PB preenche muito o sujeito referencial, fica difícil afirmar, com certeza, se o aprendiz está na L1, na GU *default* ou já em L2. Resolvemos verificar, então, a produção dos sujeitos no contexto de respostas curtas onde o PB ainda é quase [+sujeito nulo].

#### 4.4 Respostas a perguntas sim/não

Kato e Tarallo (1992) mostram que os padrões sintáticos das respostas curtas são um lugar de “trigger” para a aquisição, pois mostram, entre outras coisas, se a língua é de sujeito nulo ou não, se é de objeto nulo ou não, se tem movimento de V-para-I, etc.

Assim, no que se refere às respostas curtas do inglês (língua de sujeito não-nulo), a presença do pronome sujeito é categórica, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (128) a. Did you see Mary?  
Yes, **I** did.  
\*Yes, did.
- b. Have you seen Mary?  
Yes, **I** have.  
\*Yes, have.

Kato e Tarallo mostram que a presença dos argumentos lexicais do verbo, em respostas curtas, varia de língua pra língua. No inglês, se a forma sentencial da resposta exhibe apenas o auxiliar, como em (128), há elipse de VP, mas se o verbo for usado, como em (129), há uma obrigatoriedade da presença dos seus argumentos (sujeito e objeto). No francês, como a forma sentencial não pode ser elíptica, a presença do sujeito e do objeto em (130) é obrigatória. O italiano apresenta sujeito elíptico, mas exige a presença do clítico objeto como em (131). No Japonês, o sujeito e o objeto são categoricamente nulos, como pode ser observado em (132). No português do Brasil, o pronome sujeito pode estar presente, mas o objeto, na maioria das vezes, encontra-se ausente como em (133). Os exemplos abaixo são de Kato e Tarallo (1992, p. 260).

- (129) Have you seen John?  
Yes, I have.  
Yes, I have seen him.
- (130) Est-ce que tu as vu Jean?  
Oui, je l'ai vu.
- (131) Hai visto Gianni?  
Sì, lo ho visto.
- (132) Jun-o mimashita-ka?  
Hai, mimashita.
- (133) Você viu o João?  
Sim, (eu) vi.

Para os autores, portanto, a obrigatoriedade da presença do pronome objeto em respostas curtas no italiano e no francês, é devida ao fato de que essas línguas possuem um sistema rico de clíticos. Quando o verbo sobe para I, a ele se cliticizam os seus argumentos. Dessa forma, o verbo com seus clíticos aparecem como núcleo da resposta curta como mostrado em (130) para o francês, e em (131) para o italiano. Visto que o

português do Brasil possui um sistema empobrecido de clíticos, é possível a resposta breve ter como núcleo apenas o verbo<sup>66</sup>, como acontece no japonês, língua que não tem clíticos.

No inglês, como mostram Kato e Tarallo, não há subida do verbo de V para I. Isso explica porque a resposta breve (\*Yes, I like) é agramatical. O verbo em inglês não pode ocupar a posição de núcleo. Como só os auxiliares e os modais têm esse movimento, são encontrados na posição de núcleo, como mostrado em (129).

Quanto ao PB, Kato e Tarallo (1992) mostram que os dados de sua pesquisa atestam o caráter quase que categórico da ausência do sujeito nas respostas curtas: 96,6% de nulos contra 3,4% de sujeito expresso (p. 273).

De Oliveira (1996), no entanto, analisando dados de crianças adquirindo o PB como língua materna, verificou que o sujeito nulo não se apresenta de forma categórica nas respostas curtas. Embora tenha sido encontrado um maior número de ocorrências do emprego apenas do verbo nestes contextos, exatamente como ocorre na fala do adulto, foi detectada também a presença do sujeito lexicalmente visível, prova de que o PB está efetivamente perdendo o sujeito nulo lexical, conforme pesquisa de Duarte (1993, 1995). Segundo De Oliveira, as respostas afirmativas com sujeito foneticamente realizados se comportam como frases declarativas na medida em que retomam toda, ou quase toda, a estrutura da interrogativa.

Kato (1995a), estudando a aquisição de respostas curtas no PB, mostra que na fala da criança, a flexão finita aparece primeiro em contextos de respostas curtas. As primeiras ocorrências de verbos finitos, entretanto, apresentam violação de concordância e apresentam sujeito nulo, exceto nos casos em que a repetição da forma verbal encontrada na

---

<sup>66</sup> Uma língua que foge à regra é o PE, que tem clíticos e exibe um padrão igual ao PB e o japonês.

pergunta esteja de acordo com a resposta esperada. Veja os exemplos em (134) retirados de (KATO, 1995a, p. 129).

- (134) a. M: Vamos ver se a gente acha a cabeça?  
R: Vão.
- b. M: Você quer?  
R: Qué.
- c. M: Ah, cê vai por na caixinha?  
R: Vai.
- d. M: Onde cê vai? Vai na escola?  
R: Vai.

Kato (1995a) observou que uma segunda fase de aquisição é aquela em que a primeira pessoa é usada em respostas a perguntas feitas em terceira, como em (135) (op. cit.: 132).

- (135) a. M: Vai pô na boneca?  
R: Vô.
- b. M: Cê conta?  
R: Conto.

A autora mostra ainda que

a consciência da flexão finita como um elemento cumulativo da concordância, entretanto, parece ser um pouco posterior, pois a co-ocorrência do pronome com o morfema de concordância não aparece de imediato (KATO, 1995a, p.132).

- (136) a. R: Eu vou por, vou por aqui.
- b. R: Eu vou jogá.
- c. R: Agora eu vou feçá.

Magalhães e Santos (2004) defendem a tese de que as respostas verbais usadas por crianças adquirindo o PE e o PB têm o mesmo estatuto das respostas verbais dos adultos. Mostram, por exemplo, que as respostas verbais em estágios iniciais de aquisição não podem ser consideradas como meras repetições do material encontrado na fala do adulto.

- (137) \*MAE:        queres andar no cavalinho?  
      \*INM:        que(ro). PE (1;5.9)

Argumentam que as respostas curtas são um dos contextos de manutenção do sujeito nulo no PB, mas não são um contexto categórico de omissão do sujeito. Mostram, por exemplo, que a realização do pronome pleno em respostas é possível quando este tem interpretação contrastiva como mostrado em (138).

- (138) P:    Ele vai comer a sopa?  
      R: a. Vai. (interpretação neutra)  
      b. Ele vai. (“Ele vai, os outros não sei.”)

Da mesma forma, as autoras mostram que o pronome pleno pode estar presente também na fala da criança, como exemplificado em (139), o que indica que as respostas verbais não se constituem como contexto categórico de sujeito nulo.

- (139) \*MÃE:       (vo)cê vai viaja(r)?  
      \*RAQ:        eu vou viaja(r). PB (2;0.5)

As autoras, entretanto, não descartam a possibilidade de que os contextos de respostas verbais possam servir de “trigger” para uma criança que está adquirindo o PB descobrir que esta língua é de sujeito nulo. Analisando dados de aquisição de uma criança brasileira, as autoras mostram que de 19 respostas verbais produzidas pela criança, apenas 4 exibiram sujeitos pronominais preenchidos.

Vejamos, então, como os falantes de italiano e os falantes de inglês comportam-se em relação às respostas curtas.

Em primeiro lugar, mostramos os três tipos de respostas curtas presentes nos dados dos aprendizes; em seguida, descrevemos o desenvolvimento de cada sujeito com relação às respostas curtas, mostrando o tipo de resposta que predomina nos dados de cada um, de acordo com a fase em que se encontram.

(A) Concordância uni-pessoal

- (140) a. E: Você gosta de barulho?  
I: Não, **eu** não **gosta** barulho. (Sergio, s1)
- b. E: Você conhece o Sul do Brasil?  
I: **cv** Non **conhece**. (Roberto, s2)
- c. E: E você gosta?  
I: Sim, **cv gosta** muito. (Monica, s2)
- d. E: Você vai estudar na Espanha?  
I: **cv vai** estudar / eu vou estudar. (Mark, s2)

- e. E: E você entende eles?  
I: Sim, sim. Às veze eu **eu entende**. (Emily, s2)

Em (140), temos casos de concordância uni-pessoal em que a forma verbal da pergunta é repetida na resposta.

#### (B) Concordância sem alternância

- (141) a. E: Você concorda, ou você não percebeu isso?  
I: Não. **cv** Não percebeu. (Sergio, s2)
- b. E: Você foi até lá também?  
I: **Eu** foi lá, si, si. (Aldo, s3)
- c. E: Não gostou muito?  
I: Não! **eu** gostou, mas não muitas coisas.  
(Emily, s3)
- d. E: Você gostou do Aeroclube? ?  
I: Si, si. **cv** Gostou muito. (Monica, s1)

Os dados em (141) mostram que os verbos apresentam concordância, mas as mesmas formas verbais da pergunta aparecem nas respostas, o que indica que não houve alternância de pessoa verbal. Ou seja, as perguntas feitas em 3<sup>a</sup> pessoa não foram respondidas com a 1<sup>a</sup> pessoa verbal.

#### (C) Alternância com concordância

- (142) a. E: Mas, você gosta?  
I: Provavelmente, **eu** gosto. (Sergio, s3)
- (143) a. E: Você conhece? (o português de Portugal)  
I: **Eu** conheço um pouquinho. (Aldo, s1)
- b. E: Você visitou a biblioteca da UFBA?  
I: Sim, **cv** visitei. (Aldo, s3)

- (144) a. E: Você gosta do mato, do campo?  
I: Não. **cv** Não gosto. (Roberto, s1)
- b. E: Você foi a alguma festa dançar?  
I: Ah... **cv** não fui. Não. (Monica, s3)
- c. E: E espanhol, você fala espanhol?  
I: **cv** Falo. (Mark, s1)

Os dados em (142-144) mostram que as perguntas feitas com a 3ª pessoa são respondidas com a 1ª, o que está de acordo com a gramática do PB.

Mostraremos, a seguir, o tipo de resposta curta predominante nos dados dos sujeitos: em fase inicial de aquisição (Emily e Roberto); em fase intermediária (Monica e Sergio); em fase avançada (Mark e Aldo). O Quadro 7, abaixo, traz um resumo dos tipos de respostas curtas encontradas nos dados.

**QUADRO 7 – Sujeitos pronominais em respostas**

Sujeitos nulos e plenos no contexto de respostas curtas						
Sujeitos	Concordância uni-pessoal		Concordância sem alternância		Alternância com concordância	
	Nulos	Plenos	nulos	Plenos	nulos	Plenos
Emily		03		01		
Roberto	02				06	
Mônica	03		05		08	
Sergio	03	02	02	01		01
Mark	01				13	02
Aldo				01	01	05

Emily, na primeira sessão de gravação, usa apenas as partículas *sim* – para respostas afirmativas – e *não* – para responder negativamente;

ou seja, não há um único contexto que ateste a presença de verbo, este que só passa a aparecer a partir da segunda sessão. Nas respostas com verbo, entretanto, ela repete a forma verbal encontrada na pergunta e usa apenas o sujeito pronominal pleno, como mostram os exemplos em (140e) e (141c). Não há casos de nulos nesses dados.

Nos dados de Roberto, predominam as respostas curtas que mostram concordância com alternância de pessoa, como exemplificado em (144a). Aparecem, também, respostas com concordância uni-pessoal e apenas sujeitos nulos. Ele usa, em suas respostas, a mesma forma verbal da pergunta (140b). Não há ocorrência de sujeitos plenos nos dados.

Nos dados de Monica, aparecem respostas curtas com concordância / sem alternância, como se pode ver em (141d), sendo que todas apresentam sujeitos nulos. Mas a predominância é de respostas com alternância de pessoa que aparecem nos dados também com sujeitos nulos. Não houve um só caso de sujeito pronominal preenchido no contexto de respostas curtas nos dados de Monica, diferentemente do que ocorreu nos dados de Emily, nos quais há uma presença maciça de pronomes preenchidos.

Nos dados de Sergio, predominam as respostas curtas com concordância uni-pessoal, em que a forma verbal da pergunta é repetida na resposta como mostra o exemplo em (140a) e o uso de sujeitos nulos é quase categórico. Apenas 1 caso de resposta curta com alternância de pessoa entre pergunta e resposta foi registrado e está exemplificado em (142a).

Nos dados de Mark, observamos apenas um caso de concordância uni-pessoal exemplificado em (140d). As demais respostas curtas mostram alternância de pessoa, como se pode ver no exemplo em (144c). Em ambos os tipos de respostas, predominam os sujeitos nulos, tendo sido registrados apenas 2 casos de pronomes plenos.

Nos dados de Aldo, foi verificado apenas um caso de ausência de alternância de pessoa (cf. (141b)). Todos os outros são casos de concordância com alternância como exemplificado em (143a, 143b), em que predominam os sujeitos pronominais preenchidos. Na verdade, apenas um caso de nulo foi registrado.

## 4.5 Generalização da análise dos dados

Nesta seção, objetivamos responder duas das três questões de pesquisa colocadas na Introdução e repetidas aqui. Para responder às questões (A) e (B) utilizaremos dados da aquisição do PB como L1 e L2 e também os dados da presente pesquisa. A questão (C) será tratada no Capítulo de Discussão dos Resultados.

- (A) Nas fases iniciais da aquisição do PB como L2, o desenvolvimento dos sujeitos pode ser comparado ao de crianças quando da aquisição do sujeito nulo no PB como L1?
- (B) Há diferenças no processo de aquisição que são determinadas pela L1 dos sujeitos? Com relação ao parâmetro *pro-drop*, que traços da L1 dos sujeitos estão presentes na interlíngua (IL) dos aprendizes?
- (C) Os dados dessa pesquisa endossam quais teorias sobre aquisição de L2? Se há acesso à GU qual é a forma desse acesso usada pelos sujeitos?

### 4.5.1 Estudos sobre a aquisição do sujeito nulo do PB

Simões (1997) desenvolveu um estudo sobre a aquisição do PB como língua materna, em que examina as propriedades do sujeito nulo nas

produções espontâneas de uma criança brasileira com idade entre 2;4 e 3;0. Mostramos, a seguir, de forma resumida, os resultados desse estudo.

Nesse estudo, Simões compara os dados de André, o sujeito de sua pesquisa, com os dados de outras crianças, na mesma faixa etária, adquirindo diferentes L1, com relação ao uso de sujeitos nulos e plenos. Os resultados encontrados mostram que as crianças usam percentuais muito altos de sujeitos nulos em línguas *pro-drop* prototípicas como o italiano e o PE; e que esses mesmos percentuais continuam até a idade adulta. Ao contrário do que acontece nas línguas *pro-drop*, o percentual de sujeitos nulos encontrados em crianças falantes de línguas não-*pro-drop* é mais baixo. O mesmo foi verificado para a criança falante do PB, cujo percentual de nulos se aproxima mais daquele de crianças falantes de uma língua não-*pro-drop*.

A autora examina também o número de sujeitos pronominais lexicais encontrados entre o número total de sujeitos preenchidos e mostra que o percentual de 80% de sujeitos pronominais lexicais de André está mais próximo daquele encontrado em crianças falantes de inglês – em que a incidência de uso do pronome é bastante alta (86%) – do que do percentual de 35% encontrado para crianças falantes de italiano.

Comparando, ainda, os dados de André com os dados do PB em falantes adultos, Simões afirma que há uma diferença acentuada em termos percentuais entre os dados desse informante que mostram 55,5% de nulos, e os dados dos falantes adultos que, de acordo com Duarte (1995), exibem o percentual de 29% de nulos no PB. Embora, em termos percentuais, André apresente um número mais alto de nulos do que os falantes adultos, a autora mostra que a distribuição desses pronominais nulos entre as três pessoas gramaticais é semelhante à distribuição atestada em Duarte (1995). A criança apresenta um maior percentual de sujeitos nulos para a 3<sup>a</sup>. pessoa, seguida da 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas.

A partir de uma análise qualitativa dos dados, Simões (op.cit.) sugere que o uso do sujeito nulo pela criança que está adquirindo o PB sofre, desde as fases iniciais de aquisição, as mesmas restrições impostas ao uso do nulo na gramática do adulto. Para a autora, portanto, embora o índice de nulos na fala de André seja maior do que aquele registrado nas produções de falantes adultos, a distribuição dos sujeitos nulos por pessoa e tipo de construção pode ser comparada à do adulto.

Outro trabalho que trata da aquisição do sujeito nulo em língua materna é apresentado por Magalhães (2006). A autora analisa o sujeito nulo em fases iniciais de aquisição, nas produções de duas crianças brasileiras e duas crianças portuguesas com idade entre 1;9 e 3;0. Mostramos, a seguir, um resumo dos resultados encontrados.

Magalhães (op.cit.) mostra que a aquisição do sujeito por crianças brasileiras, compreende dois estágios: num primeiro estágio, as crianças usam mais sujeitos nulos, o que é incompatível com a gramática-alvo; num segundo estágio, as crianças dão preferência aos pronomes lexicais em substituição aos nulos referenciais, mostrando, em suas produções, percentuais mais próximos daqueles encontrados na gramática do adulto.

As crianças portuguesas, por outro lado, apresentam uma produção de sujeitos nulos, bastante significativa. Segundo a autora, embora haja oscilações entre as sessões, os índices de sujeitos nulos encontrados nos dados dessas crianças estão em conformidade com aqueles observados para a gramática-alvo, desde o início. Ao contrário dos resultados encontrados para as crianças brasileiras que apresentam uma queda significativa entre a primeira e a última sessão na produção de sujeitos nulos, nas produções das crianças portuguesas os altos índices de nulos se mantêm estáveis por todas as sessões, o que a autora considera como um resultado esperado para uma língua de sujeito nulo como o PE.

Assim, enquanto as crianças portuguesas exibem percentuais de nulos acima dos 65% em quase todas as sessões, as crianças brasileiras, ao contrário, começam com percentuais altos (acima de 70% ou 80%) que vão caindo até alcançarem índices abaixo de 40%.

Com relação ao uso dos pronomes lexicais, enquanto foi verificado um percentual mínimo nos dados das crianças portuguesas, 10% para João (POR) e 21% para Raquel (POR), nos dados das crianças brasileiras, verificou-se um alto percentual de pronomes, equivalente ao dobro daquele verificado para as crianças portuguesas.

Magalhães analisou também a concordância sujeito-verbo presente nos dados. Verificou que a ausência de concordância sujeito-verbo está relacionada, principalmente, ao uso da terceira pessoa em auto-referência (3sg/1sg) tanto para as crianças portuguesas quanto para as brasileiras. No entanto, a autora considera o uso das formas de terceira pessoa pouco significativo, em se tratando das crianças portuguesas, uma vez que a maioria dos contextos de 3sg/1sg consiste das formas “que(r)” ou “quer”. Para as crianças brasileiras, por outro lado, Magalhães mostra que, entre a idade de 2;4 e 2;9, a forma verbal de 3ª.pessoa usada com referência de 1ª. pessoa é encontrada nos dados dessas crianças com verbos diversos: “gosta”, “vai”, “brinca”, “tenta”, entre outros.

Resumindo, os dados de sua pesquisa mostram que: a) tanto as crianças portuguesas quanto as crianças brasileiras usam mais sujeitos nulos de terceira pessoa do singular, com exceção de Raquel (BRA) que mostrou uma preferência também pela primeira pessoa; b) a ausência de concordância sujeito-verbo sempre envolve a terceira pessoa do singular nas produções das crianças brasileiras, bem como nas produções das crianças portuguesas; c) a criança brasileira apresenta dois estágios na produção de sujeitos nulos: um em que produz sujeitos nulos em percentuais maiores que os encontrados para os adultos, e outro em que

os resultados já refletem a gramática da língua-alvo; d) a criança portuguesa, por outro lado, apresenta, desde o início da aquisição, uma produção alta de sujeitos nulos, que se mantém constante por todo o período analisado.

#### **4.5.2 Similaridades entre aquisição de L1 e L2**

Vimos, na seção anterior, um estudo que trata da aquisição do sujeito nulo do PB por uma criança brasileira em fase inicial de aquisição (SIMÕES, 1997) e outro que compara o sujeito nulo em crianças adquirindo o PB, com o nulo produzido por crianças adquirindo o PE, todas também em fase inicial de aquisição (MAGALHÃES, 2006).

Simões, (1997), observa que em línguas *pro-drop* prototípicas como o italiano e o PE as crianças começam com percentuais muito altos de sujeitos nulos, ao contrário do que acontece nas línguas *não-pro-drop*, como o francês e o inglês, em que o percentual de sujeitos nulos produzidos por crianças em fase inicial de aquisição é mais baixo, o mesmo tendo sido observado para o PB.

Comportamento semelhante foi verificado para os sujeitos da nossa pesquisa, adquirindo o PB como L2. Os falantes de italiano começam com um percentual bastante alto de sujeitos nulo (75%), comparado aos falantes de inglês que em fase inicial de aquisição apresentam apenas 8% de nulos.

Outro dado que mostra a semelhança entre a aquisição do PB como L2 e a aquisição do PB como L1 é o percentual de nulos encontrado nas gramáticas atingidas. Magalhães (2006) mostra que crianças brasileiras começam com percentuais altos de sujeitos nulos (acima de 70% ou 80%) que vão caindo até chegarem a índices menores que 40%, mais próximos daqueles encontrados na gramática do adulto. Também, os

sujeitos aqui estudados, conseguem chegar a índices próximos daqueles encontrados para o sujeito nulo do PB. Retomando os resultados do Quadro 5 na seção 4.2.1, podemos dizer que o índice de 35% (falantes de inglês) e de 31% (falantes de italiano) de sujeitos nulos encontrados na fase final de aquisição dos aprendizes (informantes deste estudo) se assemelha aos índices de menos de 40% atestados em Magalhães (2006).

Analisando as formas verbais presentes nos dados das crianças brasileiras, Magalhães (op.cit.) verificou que o uso da forma de terceira pessoa verbal com referência de primeira pessoa do discurso foi predominante no primeiro estágio de aquisição. A autora mostra que entre a idade de 2;4 e 2;9 a forma verbal de 3<sup>a</sup>.pessoa usada com referência de 1<sup>a</sup>. pessoa é encontrada nos dados dessas crianças com vários verbos.

Esse é mais um aspecto que devemos considerar quando comparamos o sujeito nulo do PB na aquisição de L1 e L2 pois, como vimos na seção 4.2.2.1, a concordância uni-pessoal, representada pela terceira pessoa, é também a que predomina na fase inicial de aquisição do PB, pelo menos no que se refere ao falante de inglês. Devemos acrescentar que, embora o falante de italiano use concordância uni-pessoal, são poucas as ocorrências verificadas em seus dados, possivelmente pela proximidade da gramática do italiano com a gramática do PB, o que não significa, no entanto, que ele não tenha começado com concordância uni-pessoal.

Dessa forma, os dados parecem sugerir que, nas fases iniciais da aquisição do PB como L2, o desenvolvimento dos sujeitos pode ser comparado ao de crianças quando da aquisição do sujeito nulo do PB como L1.

### 4.5.3 A influência da L1 no processo de aquisição de L2

Em Xavier (1999), analisamos os estágios iniciais de um adulto falante bilíngüe chinês/inglês aprendendo o português brasileiro como segunda língua. O fenômeno sintático estudado foi o parâmetro do sujeito nulo. Verificamos que o inglês não constituiu o estado inicial do aprendiz, uma vez que essa língua não permite sujeitos nulos. Não foi possível decidir, no entanto, se o aprendiz utilizou a GU como opção *default* ou a sua L1, o chinês, uma vez que assumimos que o *pro-drop* chinês era o próprio *default*.

Vejamos como se deu a aquisição do sujeito nulo do PB por Johnny.

Em chinês, tanto o sujeito quanto o objeto podem estar ausentes em sentenças com tempo. O exemplo repetido aqui como (145) mostra que ambas as respostas em (146) podem ter tanto o pronome sujeito quanto o pronome objeto elididos.

(145) Zhangsan kanjian Lisi le ma?      Huang (1989)  
 Zhangsan see Lisi ASP Q  
 Did Zhangsan see Lisi?  
 Zhangsan viu Lisi?

(146) a.(ta) kanjian (ta) le.  
 (he) see (he) Perf  
 He saw him.  
 (ele) viu (ele)

b.Wo xiang (ta) kanjian (ta) le.  
 I think (he) see (he) Perf  
 I think he saw him.  
 Eu acho que (ele) viu (ele).

Contando apenas com uma forma verbal, a de terceira pessoa não-marcada, o chinês identifica o sujeito nulo através da correferência

deste com um elemento nominal na posição A ou A' que o comanda. Assim, o sujeito nulo de uma oração encaixada pode encontrar o seu antecedente no sujeito da frase matriz ou, ainda, fora da sentença.

Quanto ao PB, vimos que a terceira pessoa é a única que ainda apresenta *Agr* pronominal e, portanto, a referência do sujeito nulo pode ser dada por um SN em posição A ou A' como no chinês, ou ainda por um PRO em posição A' (KATO, 1999a).

Encontramos, a partir dos resultados da análise da fala de Johnny, duas fases de desenvolvimento: na primeira fase, a característica principal foi a presença da forma verbal não-marcada de terceira pessoa. Ele usou o nulo *default* para as três pessoas do discurso, exceto com verbos de alta recorrência formular; na segunda fase, Johnny passou a apresentar um sistema flexional de concordância, em que, estando o sujeito pronominal na primeira pessoa, o verbo também é flexionado na primeira pessoa.

(147) Mas eu só foi em Barra, **cv fica** em Barra e aí...

(148) **Eu** não **conheço** Salvador muito.

A nossa hipótese de que o *pro-drop* chinês é o valor *default* da GU, e de que, nesse caso, a GU e a L1 se confundiriam, confirmou-se. Como mostrado em (147), Johnny apresentou, inicialmente, o sujeito nulo com a forma indistinta de terceira pessoa não-marcada para a primeira pessoa do discurso. Assim, não foi possível dizer se o seu S<sub>0</sub> foi o valor *default* da GU ou o valor *default* da sua L1<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> Fonseca (2005) analisa os dados de Johnny - informante que entrevistei para desenvolver o trabalho em Xavier (1999) - e os mesmos dados dos falantes de inglês que entrevistei para este trabalho e mostra que na aquisição do parâmetro da negação do PB por esses falantes houve acesso direto à GU pela presença do *default* com negação em XP para o falante de chinês; e acesso indireto à GU no caso dos falantes de inglês.

No que se refere aos falantes nativos de Inglês, sugerimos na Introdução que, se fosse observada, inicialmente, a presença obrigatória de sujeitos pronominais preenchidos em orações com tempo finito em suas produções, poderíamos considerar que tais falantes estariam transferindo para o PB (tipo particular de língua de sujeito nulo) o valor do parâmetro de sua L1 [-sujeito nulo]. Não é isso que parece ocorrer.

A análise dos dados no item 4.2.2.1 mostrou que a falante de inglês começa a adquirir o PB usando flexão verbal uni-pessoal, que aparece com sujeitos pronominais plenos e nulos, como mostram os exemplos em (149). Isso indica que é a gramática *default* que está na base da aquisição do PB quando a L2 é o inglês.

- (149) a. E: E você aprendeu francês lá na Suíça.  
I: A Suisse e a escola quando **eu mora** a Tennessee. A escola **eu aprende** francês para continue. Mas para 2 anos **cv** não **aprende** francês.
- b. Quando eu um baby **eu fala** alemão e francês e inglês, mas agora eu falo francês.

Além do sujeito nulo referencial visto acima, verificou-se também o uso de sujeitos nulos expletivos de construção impessoal, como exemplificado em (150), o que é incompatível com uma língua [-sujeito nulo] como o inglês. Portanto, se o inglês estivesse na base de aquisição do PB, não se esperaria encontrar sujeitos nulos.

- (150) a. **cv É** difícil porque eu não tenho um carro.
- b. Aqui **cv tem** han... um outra tipo, um outro jeito de vida.

A partir da análise das respostas curtas encontradas nos dados da falante de inglês pudemos observar o seguinte: embora a presença de sujeito pronominal pleno nos dados aqui analisados possa parecer, à primeira vista, evidência a favor da hipótese de que a L1 é o estado inicial para a aquisição de L2 (Schwartz e SPROUSE, 1996), a presença, nos dados, de formas verbais uni-pessoais parece sugerir que é a gramática *default* da GU e não a L1, o inglês, que está na base da aquisição do PB.

Os dados da falante de inglês mostram evidências de que, na gramática do PB em fase inicial de aquisição, apenas as formas verbais não-marcadas de 3ª pessoa são usadas em respostas, como mostram os exemplos repetidos, aqui, como (151):

- (151) a. E: Me fale do curso. Você tá gostando?  
I: **Eu gosta**, mas...
- b. E: E você entende eles?  
I: Sim, sim. Às veze eu **eu entende**.

Quanto aos falantes de italiano, sugerimos que, se eles apresentassem inicialmente sujeitos pronominais nulos em orações com tempo finito e sujeitos pronominais expressos apenas para os casos de ênfase ou contraste, poderíamos afirmar que o estágio inicial da aquisição do PB para esses aprendizes seria o estágio final da aquisição do italiano, ou seja, a gramática da sua L1. Se, no entanto, fosse verificada alternância entre sujeito pronominal nulo e preenchido, sem ênfase, nas produções dos falantes de italiano, a nossa hipótese seria a de que esses aprendizes estariam utilizando a GU, através da hipótese do sujeito nulo como opção *default*.

Retomando os resultados da análise dos dados em 4.2.2, fica claro que os falantes nativos de italiano usam tanto o sujeito nulo do

italiano quanto o nulo *default*. O uso do nulo em contextos que no PB exigem a presença de um pronome expresso, que repetimos aqui em (152), (153) e (154), mostra que esses aprendizes estão usando o sujeito nulo do italiano.

- (152) a. Por que **cv** faz este trabalho?  
 b. É, mas **ela<sub>i</sub>** está está está descansando. Eu; penso que **cv<sub>i</sub>** está descansando porque agora cv tem a l'aula de dança afro-brasileira.
- (153) a. Eu gostaria que vês... **cv** visse um quadro que gosto.  
 b. Quantos filhos **cv** tem?
- (154) a. E... ontem, o que **cv** fez ontem?  
 b. Se **cv** tenho que escrever, não é problema. O problema é quando **cv** tenho que falar eh... rapidinho.

Por outro lado, o nulo *default* com morfologia verbal uni-pessoal que aparece nas produções desses falantes em fase inicial e intermediária de aquisição, como se pode ver nos exemplos repetidos, aqui, como (155), mostram que é a gramática *default* que está na base da aquisição do PB.

- (155) a. Eu non conosco bem o Brasil, porque **cv no conhece** bem o Brasil. **Eu conhece** eh... Rio, Salvador e Aracaju.  
 b. Eu gosto de ensinar na universidade ma, infelizmente, na Itália **cv não ensina** na universidade.

Da mesma forma, com as respostas curtas presentes nos dados dos falantes de italiano, tentamos mostrar que as instâncias de formas verbais uni-pessoais encontradas nos dados aqui analisados indicam que a gramática *default* está na base de aquisição do PB. O uso de sujeitos

nulos ou plenos e flexão verbal uni-pessoal em respostas curtas está repetido, aqui, em (156).

- (156) a. E: Você conhece o sul do Brasil?  
I: **cv** Non **conhece**.
- b. E: Você gosta de barulho?  
I: Não, **eu** não **gosta** barulho.

O que se pode concluir, a partir dos tipos de nulo mostrados nos dados dos falantes de italiano, em fase inicial de aquisição, é que eles estão usando a gramática *default* da GU, ao mesmo tempo em que fazem um “code-switching” entre o nulo do italiano e o nulo *default*.

#### 4.5.4 Acesso aos parâmetros da GU

Na Introdução, apresentamos duas hipóteses para o acesso aos parâmetros da GU por falantes de inglês e italiano, em fase intermediária e avançada de aquisição do PB como L2, que repetimos aqui para maior clareza:

- (a) Se os falantes de inglês e Italiano, em fase não-inicial de aquisição, exibirem sujeito nulo em alternância com sujeito pronominal pleno, e se usarem morfologia verbal distinta para a primeira e terceira pessoas do discurso em suas produções, a nossa hipótese é que os parâmetros da GU continuam acessíveis aos aprendizes de L2.
- (b) Se, por outro lado, forem verificados apenas sujeitos pronominais preenchidos nas produções dos falantes de

Inglês e sujeitos predominantemente nulos nas produções dos falantes de italiano, e se houver predominância de morfologia verbal uni-pessoal nas produções de ambos os grupos de aprendizes, a nossa hipótese é que a aquisição de novos valores paramétricos é impossível para o aprendiz de L2.

No estudo de Xavier (1999) sobre a aquisição do PB como L2, mencionado na seção anterior, sugerimos que Johnny, após algum tempo de exposição ao PB, iria reestruturar a gramática de sua L2, passando a apresentar, de sua língua meta, a flexão verbal para mais de uma pessoa gramatical. Dessa forma, ele passaria de um paradigma de formas de tratamento (uni-pessoais), para um de pronomes pessoais. Os resultados desse estudo confirmaram essa hipótese: Johnny apresentou, em suas produções, concordância uni-pessoal para 75% (15/20) dos verbos numa primeira fase de aquisição. Já numa segunda fase, esse percentual caiu para 21%, o que levou a um percentual de 79% (87/110) de flexão correta para as três pessoas do discurso.

Os dados dos falantes de italiano e inglês em fase intermediária de aquisição mostram evidências do uso de morfologia verbal bipessoal, e alternância entre sujeitos plenos e nulos, o que indica que esses aprendizes já estão começando a usar a gramática do PB, como se pode ver nos exemplos em (157).

- (157) a. **Eu moro** na Los Angeles para escola.  
b. Mas **ele mora** em Pelourinho.  
c. Não, porque **ela** me disse que **cv** tem uma operação cirúrgica.

- c. Economicamente, **ele** é mais claro. **Ele** apoia intervento de FMI.

Quanto aos aprendizes em fase avançada de aquisição vimos, no item 4.2.2.3, que já dominam a flexão verbal do PB, uma vez que são capazes de usar corretamente as formas verbais de 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoa em suas produções. Além disso, o preenchimento do sujeito com pronome expresso que atinge a marca percentual de 65% nos dados do falante de inglês, e de 69% nos dados do falante de italiano, como mostramos na seção 4.2.1, vem corroborar a hipótese de que o acesso aos parâmetros da GU continua disponível para a aquisição de L2.

Ainda outro dado que vem corroborar essa hipótese, é o uso de clíticos registrados nos dados dos falantes de italiano. Os exemplos repetidos aqui como (158) e (159) mostram que esses falantes, em fases intermediária e avançada de aquisição, são capazes de mudar a posição dos clíticos do italiano (158) para a posição do PB (159).

- (158) a. Eu não sei se eu vou **aposentar-me** por pouquinho antes.  
b. Estou tentando de **ajudar-la**.
- (159) a. Eu vou **me aposentar** para não ensinar no ensino médio.  
b. Lá eu **conheço ela**, só que eu conheço a família.

Em 2, **O Objeto da Aquisição: o sujeito nulo brasileiro**, colocamos duas perguntas que retomamos abaixo. Tentaremos responder essas perguntas com base nos resultados a que chegamos após a análise das produções de falantes de inglês e de falantes de italiano adquirindo o PB como L2.

- A) O que constitui o conhecimento de uma L2? Ou de alguma propriedade específica de L2?
- B) Como chegar a uma competência bilíngüe em relação a essa propriedade?

A primeira questão está relacionada ao objeto de estudo desta pesquisa, isto é, o sujeito nulo do PB. A segunda questão refere-se às teorias de aquisição que podem levar ao conhecimento desse objeto.

Em 2.9, afirmamos que, ao contrário do sujeito nulo do italiano que é identificado através da concordância, os sujeitos nulos do PB compreendem os nulos expletivos ou não-argumentais, que não precisam ser identificados; o nulo referencial de 3<sup>a</sup>. pessoa, que é identificado pela concordância +pronominal; e os nulos de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas em posição inicial de sentença matriz, que são casos de *topic-drop*.

O que os resultados mostram é que falantes de italiano e falantes de inglês são capazes de apresentar, em fase final de aquisição do PB, a maioria das propriedades que compõem o parâmetro do sujeito nulo dessa língua. Os aprendizes apresentam: maior preenchimento dos sujeitos referenciais (69% falantes de italiano, e 65% falantes de inglês); pronomes lexicais em estruturas com sujeitos correferentes, tanto em encaixadas como em independentes; algumas construções com sujeitos duplos; alguns casos de preenchimento do sujeito para referente [-animado]; e o não-preenchimento dos sujeitos expletivos.

Com relação à questão (B), sugerimos, no Capítulo em que tratamos da aquisição da linguagem, que os aprendizes deveriam chegar à gramática da L2, tendo acesso direto à GU através da gramática *default* ou acessando a GU indiretamente via L1. O que os dados mostraram é que os falantes de inglês e falantes de italiano atingem a gramática do PB, ou, mais especificamente, conseguem adquirir as propriedades do *pro-drop* da

língua alvo, começando com o nulo *default* da GU, o que pode indicar, portanto, acesso direto à GU.

Considerando, portanto, que tanto os falantes de inglês quanto os falantes de italiano, em fase inicial de aquisição, começam com gramática *default* da GU, mas que em fase final de aquisição são capazes de mostrar em suas produções as propriedades do *pro-drop* do PB, podemos dizer que tanto para os falantes de italiano, quanto para os falantes de inglês, o processo de aquisição foi o mesmo. Não podemos negar, no entanto, a presença, nos dados, de alguns aspectos da L1 dos falantes de italiano como, por exemplo, a ocorrência de alguns clíticos e a ocorrência de um número reduzido de pronominais nulos em contextos não-permitidos no PB. Mas, como já sugerimos anteriormente, esse tipo de influência mostra apenas que os falantes de italiano fazem, inicialmente, um “code-switching entre o nulo do italiano e o nulo *default* e, posteriormente, entre o nulo do italiano e o nulo do PB.

Em Xavier (1999), quando analisamos a aquisição do sujeito nulo do PB por um falante bilíngüe com o chinês como L1 e o inglês como L2, mostramos que não era o inglês que estava na base da aquisição do PB, já que foram verificados sujeitos nulos nos dados. Como indicamos acima, não foi possível, entretanto, dizer se o seu estado inicial para a aquisição do PB foi o valor *default* da GU ou o valor *default* da sua L1, uma vez que postulamos que o *pro-drop* chinês era o próprio *default*.

A partir dos resultados encontrados nos dados dos falantes de italiano, e nos dados dos falantes de inglês adquirindo o PB como L2, mostramos que esses aprendizes começam com a gramática *default* da GU, usando sujeitos nulos ou preenchidos, mais a forma de terceira pessoa verbal não-marcada para todas as pessoas do discurso. Assim, considerando que o inglês é um língua [-sujeito nulo] e que, no italiano, o sujeito nulo é identificado pela concordância, podemos sugerir que o nulo

com concordância uni-pessoal, encontrado nos dados desses aprendizes não é o da L1, o italiano, mas o nulo *default* da GU. Sendo assim, é possível que se possa pensar que o nulo uni-pessoal encontrado nos dados de Johnny, o falante de chinês, é o nulo *default* da GU e não da sua L1.

No próximo Capítulo, procederemos à discussão dos resultados, e responderemos à terceira pergunta de nosso trabalho.

## 5 Discussão dos Resultados

### 5.1 Introdução

Neste Capítulo, procedemos à discussão dos resultados encontrados nos dados de aquisição do PB como L2, de falantes de inglês e italiano, em situação de imersão total. Começamos o Capítulo, retomando alguns pontos da Hipótese do Bilingüismo Universal (ROEPER, 1999), que consideramos essenciais para a compreensão do processo de aquisição de uma L2. Apresentamos, em seguida, uma síntese dos resultados encontrados nos dados dos sujeitos, enfatizando os aspectos que julgamos mais importantes para a compreensão do processo de aquisição do *pro-drop* do PB por esses aprendizes. Finalmente, discutimos os resultados alcançados no sentido de responder à questão (C) repetida abaixo, que ficou em aberto no capítulo anterior.

- (C) Os dados dessa pesquisa endossam quais teorias sobre aquisição de L2? Se há acesso à GU, qual é a forma desse acesso usada pelos sujeitos?

## 5.2 Testando a nossa hipótese

A seguir, discutiremos os resultados a partir da hipótese postulada na introdução, segundo a qual todos os sujeitos em fase de aquisição são bilíngües.

### 5.2.1. Roeper e a hipótese do bilingüismo universal

Retomando alguns aspectos da abordagem de Roeper (1999), em “*Universal Bilingualism*”, vimos o seguinte:

De acordo com sua teoria do Bilingüismo Universal, a criança teria duas gramáticas, uma com concordância e outra sem, que ele esquematiza da seguinte forma:

G1: Tense-Phrase = +/- Tense, +/- Agreement G2: Tense-Phrase = +/- Tense
---

Para o autor, a criança passa por três estágios de aquisição, a saber:

- 1) uma gramática mínima = MDG (*Minimal Defaut Grammar*) = G1
- 2) uma gramática mínima (G1) e outra mais explícita (G2)
- 3) rejeição da gramática mínima (G1) em favor da gramática mais explícita (G2)

Para o autor, portanto, a criança, em fase inicial de aquisição, começaria com a gramática *default*, que ele chama de MDG (*Minimal Default Grammar*) até que encontrasse, no *input*, evidência contrária à da marcação *default* da gramática anterior. Nesse caso, a criança passaria a usar, em um segundo estágio de aquisição, as duas gramáticas G1 e G2. O terceiro estágio seria caracterizado pelo abandono total da G1 em favor da G2. A G1, no entanto, embora descartada, deveria permanecer latente no conhecimento do aprendiz, podendo ser acessada quando da aquisição de uma nova língua.

Roeper (op.cit), não considera, portanto, os estágios de aquisição como o movimento de uma gramática para outra. Ao contrário, ao postular que todo indivíduo retém gramáticas incompatíveis, ele mostra que é possível à criança reter um estágio anterior quando ela muda para um estágio mais avançado. Para o autor, portanto, a criança retém duas gramáticas diferentes: uma que representa a MDG, definida como a mais econômica, gerada diretamente pela Gramática Universal, que ele chama de G2, e uma outra gramática, G1, que pode ser incompatível ou não com a MDG. Para Roeper, a Gramática Universal está disponível não apenas para projetar novas L2, mas também encontra-se dentro de uma dada língua, criando diferentes ilhas de variação gramatical, que permite ao falante o uso de nuances expressivas.

O interesse da proposta de Roeper, a teoria do Bilingüismo Universal, para o nosso estudo, como já mencionamos no Capítulo em que tratamos da Teoria Gerativa e a Aquisição da Linguagem, está relacionado ao fato de que sua teoria pode ser entendida não apenas como uma hipótese de acesso total com a G1 = MDG, mas também como uma hipótese de acesso indireto à GU com a G2 através da periferia marcada.

## 5.2.2 Resumo dos resultados

### 5.2.2.1 Variação entre flexão uni-pessoal/flexão com concordância

**QUADRO 8 - Uso de flexão uni-pessoal versus flexão c/ concordância**

Fases	Flexão uni-pessoal		Flexão c/concordância	
	Flt. Inglês	Flt. Italiano	Flt. Inglês	Flt. italiano
Inicial	34 (51%)	08(6%)	33(49%)	126 (94%)
intermediária	17 (20%)	03(2%)	68 (80%)	154 (98%)
Avançada	-----	-----	147 (100%)	260 (100%)

O Quadro 8 mostra que na gramática do PB em aquisição: a) os falantes de inglês e italiano usam formas uni-pessoais nas fases inicial e intermediária de aquisição, mas na fase final, as formas verbais que aparecem mostram concordância entre a pessoa do verbo e a pessoa do discurso. b) os falantes de italiano mostram um percentual mais alto de flexão verbal com concordância tanto na fase inicial (94%), quanto na fase intermediária (98%), ao contrário dos falantes de inglês para quem, na fase inicial as formas uni-pessoais representam (51%), embora esse percentual caia para (20%) na fase intermediária; c) na fase final de aquisição, tanto os falantes de inglês, quanto os de italiano mostram ter adquirido a concordância do PB, mas o sujeito nulo remanescente predomina nos dados dos falantes de italiano.

### 5.2.2.2 Comparação de nulos e plenos da gramática atingida em L2, com dados dos falantes do PB.

Comparando os sujeitos plenos e nulos presentes na interlíngua dos falantes de inglês e italiano na fase final de aquisição com dados do PB, em Duarte (1995), temos o seguinte quadro:

**QUADRO 9 - Ocorrência de sujeitos nulos e plenos na gramática atingida em L2**

Sujeitos	1ª. Pessoa		3ª. pessoa	
	nulo	pleno	nulo	pleno
Falante de inglês	41(23%)	136	04 (31%)	09
Falante de italiano	98(35%)	181	04 (12%)	29
Dados de Duarte (1995) p/ PB	138 (29%)	340	165 (39%)	254

Para a 1ª pessoa, enquanto o PB mostra um percentual de (29%) de sujeitos nulos, a gramática da interlíngua do falante de italiano exhibe a taxa de 35% (98/279) e a do falante de inglês, a taxa de 23% (41/177). Esses números mostram que ambas as gramáticas se aproximam da gramática do PB, com a diferença de 6 pontos percentuais a mais para o falante de italiano e 6 pontos a menos, para o falante de inglês. È possível que se possa atribuir essa diferença ao fato de ser o inglês uma língua [-sujeito nulo] e o italiano uma língua [+sujeito nulo].

No que se refere à 3ª pessoa, podemos dizer que a gramática da interlíngua do falante de inglês, pelo menos em termos quantitativos, é a que mais se aproxima da gramática do PB. Isso fica claro através do índice de nulos encontrados nas duas gramáticas: 31% (4/13) para a primeira e (39%) (DUARTE, 1995) para a última. Enquanto que para a gramática do falante de italiano, uma taxa de apenas 12% (4/33) de sujeitos nulos foi verificada.

A análise qualitativa, por outro lado, mostrou que o falante de italiano, em fase final de aquisição produziu sujeitos pronominais nulos e plenos que são conformes à gramática do PB. Como mostramos no Capítulo anterior, verificou-se a presença do pronome pleno de 3ª pessoa em contexto de orações independentes e em estruturas subordinadas com

sujeitos correferentes. Além disso, o sujeito pronominal expresso foi usado para a retomada de um referente [-animado], o que é incompatível com uma língua de sujeito nulo que não permite pronome expresso para esse tipo de entidade, da mesma forma que proíbe o uso de pronomes em estruturas com referentes esperados (BARBOSA, DUARTE E KATO, 2005).

Vimos, também, que os poucos casos de nulos de 3<sup>a</sup> pessoa registrados nos dados aparecem em contextos que mostram correferência entre o sujeito nulo e o sujeito da oração matriz ou em contextos de orações independentes em que o sujeito nulo mantém uma relação de correferência com o sujeito da oração adjacente. Logo, todos os casos são compatíveis com o PB.

### **5.2.2.3 Nulos de 3<sup>a</sup> pessoa na fase final**

Na fase final de aquisição do PB, o falante de inglês apresentou 31% (4/13) de nulos para a terceira pessoa e o falante de italiano apresentou 12% (4/33). Embora no PB a taxa de nulos de terceira pessoa atestada em Barbosa, Duarte e Kato, (2005) seja mais alta (44%) do que a taxa encontrada na interlíngua desses aprendizes, os nulos ocorrem nos mesmos contextos permitidos no PB, como vimos no item (4.2.2.3).

O trabalho de Barbosa, Duarte e Kato (2005) examinou apenas a 3<sup>a</sup>. pessoa, mas, nos nossos dados, verificou-se que o nulo é usado na 1<sup>a</sup>. pessoa com forma não paralela como no PB.

### **5.2.3. A fase S<sub>0</sub>**

- a. os falantes são todos bilíngües em S<sub>0</sub>
- b. o bilingüismo pode se dar:
  - b.1. entre *+pro-drop (default)* e *-pro-drop* quando L1 é inglês;

b.2. entre *+pro-drop (default)* e *+pro-drop (=italiano)* quando L1 é italiano.

b.3. entre *+pro-drop (=italiano)* e *semi pro-drop (=PB)*.

Mostramos, na seção 4.5.5 do Capítulo anterior, que Johnny, o falante de chinês, utilizou o *pro-drop default* no estágio inicial de aquisição do PB como L2. Mostramos, também, que a L1 de Johnny é o próprio *default*. Podemos dizer, portanto, que Johnny é o único que não apresentaria o tipo de bilingüismo encontrado nos sujeitos aqui analisados, já que o valor *default* da GU e o da sua L1 é o mesmo.

O bilingüismo se manifesta, ainda, em termos de “borrowing”, às vezes acompanhado de mistura lexical, como no caso do italiano (a) ou do inglês (b).

(a) “si”, “non”, “solo”, “eco”, “una”, “esto”, “cosa”, “película”, “estudia”, “possibile”, “adonde”, “io”, “perque”, “ancora”, “tiene”, “solamente”, “povera”, “pero”, “tejado”, rapinato”, “quince, decioito” (FIt);

(b) “communications”, “move to”, “tiempo”, “say”, “remember”, “persones”, “mio”, “rice”, “mi mãe”, “many times”, “manhana”, “sometimes”, “sand”, “bus” (FIn).

Considerando, que a Língua-I é composta por G1=MDG (gramática nuclear) e G2 (gramática da periferia marcada) e que a G1 permanece latente no conhecimento do falante se a gramática da L1 não é a MDG, podemos traçar os seguintes paralelos com as gramáticas do S<sub>0</sub> dos sujeitos da nossa pesquisa.

Segundo Roeper (1999), podemos dizer que os sujeitos da presente pesquisa são todos bilíngües no estado inicial de aquisição do PB.

As gramáticas que compõem a Língua-I desses sujeitos, no entanto, variam de acordo com a fase de aquisição em que estes se encontram.

Assim, os falantes de inglês e de italiano, em fase inicial de aquisição, mostram, em suas produções, o uso de duas gramáticas: A G1 *default* representando o valor *default* do parâmetro *pro-drop* (sujeitos nulos e preenchidos + formas verbais unipessoais); e a G2 [-*pro-drop*] para os falantes de inglês, e [+*pro-drop*] para os falantes de italiano.

#### 5.2.4 As fases intermediária e avançada

Na fase intermediária de aquisição, tanto os falantes de italiano, quanto os de inglês mostram, como visto em Roeper (1999), competição entre a G1 (*pro-drop default*) e a G2.

Na fase avançada de aquisição, tanto os falantes de italiano quanto os falantes de inglês descartam o *pro-drop default* da G1 em favor do valor *semi-pro-drop* do PB. O falante de italiano apresenta uma gramática [+*pro-drop*] do tipo italiano e a gramática *semi-pro-drop* do PB. O falante de inglês apresenta também duas gramáticas: uma com o parâmetro *semi-pro-drop* do PB e outra com o *pro-drop* do tipo italiano, possivelmente pelo antecedente espanhol do sujeito.

A partir dos resultados obtidos com a análise dos dados dos sujeitos da presente pesquisa, podemos sugerir que houve **acesso direto à GU**, através do uso do valor *default* do parâmetro *pro-drop* = sujeitos nulos ou preenchidos + a forma verbal uni-pessoal de terceira pessoa, nas produções dos falantes de inglês e italiano. Parece ter ocorrido, também, **acesso indireto à GU**, via L1 nas produções dos sujeitos falantes de inglês e de italiano em fase não-inicial de aquisição. Esses resultados confirmariam, portanto, as hipóteses levantadas na Introdução, com relação ao S<sub>0</sub> dos aprendizes.

### 5.3 Considerações finais

O presente estudo se propôs analisar os estágios de aquisição por que passam aprendizes adultos de uma L2, em situação de imersão total, objetivando verificar se há acesso à GU e, em caso afirmativo, se o acesso se daria diretamente via gramática *default* ou indiretamente, via L1.

Mostramos, a seguir, uma síntese dos pontos principais que foram abordados nesse estudo.

#### 5.3.1 As teorias sobre o parâmetro *pro-drop*

Mostramos que as línguas *pro-drop* não são de um só tipo requerendo, portanto, possíveis sub-parametrizações (KATO, 2002; SIGURÐSSON, 1993). Assim, enquanto em línguas *pro-drop* do tipo italiano o sujeito nulo é identificado pela concordância, no PB, uma língua semi-*pro-drop*, a concordância é não-pronominal e, dessa forma, não é capaz de identificar o sujeito nulo. Dentre as teorias apresentadas sobre o sujeito nulo nas línguas naturais, adotamos a análise de Kato (1999a), segundo a qual o sujeito nulo das línguas *pro-drop* do tipo italiano, que possuem concordância pronominal, é o próprio morfema de concordância verbal e que no PB, uma língua de sujeito nulo parcial, os sujeitos nulos são licenciados apenas na terceira pessoa que ainda é pronominal.

Vimos, também, que os pronomes expressos do PB, assim como os do inglês e do francês estão no *Spec IP*, são pronomes fracos e podem ser duplicados por um pronome forte, e o sujeito nulo que ainda aparece no PB pode ter a sua referência a partir de um SN em posição A ou A',

como no chinês, ou a partir de um PRO em posição A', caso o sujeito seja controlado ou tenha uma leitura arbitrária (KATO, 1999a). A teoria de Kato (1999) sobre o *pro-drop* permitiu ter pistas claras de quando o falante estava no italiano e quando no PB, como no caso do pronome de terceira pessoa [-animado], só permitido para o PB, por este ter o sujeito em posição de Spec de IP, onde se posicionam os pronomes fracos, que podem ser + ou - animados.

### 5.3.2 As teorias de aquisição de L2

Com relação à aquisição de segunda língua, várias teorias foram apresentadas. Começamos mostrando as teorias que negam o acesso à GU por adultos aprendizes de L2. Tendo ultrapassado o período crítico para a aquisição de linguagem, esses aprendizes não mais possuem o dispositivo de aquisição de linguagem (LAD) disponível para a aquisição de língua materna e, por esse motivo, não têm acesso à GU. No que se refere às teorias que defendem que aprendizes de L2 têm acesso à GU, mostramos que há ainda muita controvérsia quanto à forma de acesso: alguns autores defendem que o acesso à GU acontece de forma indireta através da L1; outros defendem acesso direto à GU sem a intervenção da L1. Por outro lado, a teoria do bilingüismo universal (ROEPER, 1999) que postula que a criança retém duas gramáticas (uma com *Agr* e outra sem) foi a que melhor se adequou aos nossos dados.

Os dados de aquisição de L1 que usamos para a comparação com os dados de L2 do nosso estudo mostraram, como postulado por Roeper (op.cit.), a presença de duas gramáticas em competição na fase inicial de aquisição, uma das quais era a MDG.

A partir dessa comparação, pudemos mostrar que, também nos dados dos falantes de italiano e inglês em fase inicial de aquisição do PB

como L2, a MDG foi a opção encontrada por esses aprendizes, o que sugeriu acesso direto à GU via opção *default* do parâmetro *pro-drop*, confirmando a nossa hipótese de acesso direto à GU para aprendizes de L2.

Gildete Rocha Xavier

Português Brasileiro como Segunda Língua: *Um Estudo sobre o Sujeito Nulo*. Doutorado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B.; C. GALVES. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: A. CASTILHO; M. BASÍLIO (Eds.). **Gramática do português falado**. v.4. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p.273-319.
- BARBOSA, Pilar. **Null Subjects**. [Doctoral Dissertation]. MIT, 1995.
- BARBOSA, Pilar; M.E.L. DUARTE; M. A. KATO. Null Subjects in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**. v.4, n.2, p.11-52, 2005.
- BIRDSONG, D. Ultimate attainment in second language acquisition. **Language**, n.68, p.706-755, 1992.
- BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning? In: S. M. GASS; J. SCHACHTER (Eds.). **Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition**. Cambridge University Press, 1989. p.41-68.
- BLEY-VROMAN, R. The logical problem of foreign language learning. **Linguistics Analysis**. n.20, p.3-49, 1990.
- BORER, H.; Wexler, K. The maturation of syntax. In: T. ROEPER, e E. WILLIAMS, (Eds.). **Parameter Setting**. Dordrecht: Reidel Publishing, 1987. p.123-72.
- BURZIO, Luigi. **Italian Syntax**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.
- CALABRESE, A. Pronomina, In N. FUKUI, T. RAPOPORT; E. SAGEY (Eds.). **MIT Working Papers in Linguistics**. n.8, p.1-46, 1986.
- CARDINALETTI, A.; M. STARKE. **The Typology of Structural Deficiency**. Ms. University of Venice/University of Geneva, 1994.
- CHOMSKY, N. Review of B. F. Skinner's Verbal behavior. **Language**, n.5, p.26-58, 1959.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Conditions on transformations**. In: S. ANDERSON & P. KIPARSKY (Eds.). *A Festschrift for Morris Halle*, New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973. p.232-86.

CHOMSKY, N. **Rules and representations**. Oxford: Blackwell, 1980.

CHOMSKY, N. Principles and Parameters in syntactic theory. In: N. HORNSTEIN; D. LIGHTFOOT, (Eds.). **Explanation in Linguistics: the logical problem of language acquisition**. London: Longman, 1981. p.32-75.

CHOMSKY, N. **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. Cambridge: MIT Press, 1982.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. **Language and Problems of Knowledge: The Managua lectures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, N. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: I. LAKA; A. MAHAJAN (Eds.), *Functional Heads and Clause Structure*. **MIT Working Papers in Linguistics**. n.10, p.43-47,1989. Publicado também em: R. FREIDIN (Ed.). **Principles and parameters in comparative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p.475-54.

CHOMSKY, N. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: K. HALE; S. J. KEYSER (Eds.). **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p.1-52.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. **New Horizons in the Study of Language and Mind**. Cambridge, MA: CUP, 2000.

CLAHSEN, H. Parameterized grammatical theory and language acquisition: A study of the acquisition of verb placement and inflection by children and adults. In: S. FLYNN; W. O'NEIL. (Eds.). **Linguistic theory in second language acquisition**. Dordrecht: Kluwer, 1988. p.47-75.

CLAHSEN, H. **Constraints on parameter setting**. ms., 1989.

CLAHSEN, H. Constraints on parameter setting: a grammatical analysis of some acquisition stages in German child language. **Language Acquisition** n.1, p.361-91, 1990/1991.

CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. The availability of universal grammar to adult and child learners: A study of the acquisition of German word order. **Second language Research**, n.2, p.93-119, 1986.

CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. The paradox in L2 acquisition. **Second Language Research**. n.5, p.1-29, 1989.

CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. How adult second language learning differs from child first language development. **Behavioral and Brain Sciences**. v.19, n.4, p.721-723, 1996.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: I. ROBERTS & M. A. KATO (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.163-184.

CYRINO, S.; DUARTE, M.E.L.; KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: M. KATO; E. NEGRÃO (Eds.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p.55-74.

DE OLIVEIRA, M. **Frases Assertivas e sua Variação nas Línguas Românicas: seu papel na aquisição**. [Tese de Doutorado]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

DE OLIVEIRA, M. The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese. In: KATO; NEGRÃO (Eds.). **Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 37-54.

DEPREZ, V.; PIERCE, A. Negation and functional projections in early grammar. **Linguistic Inquiry**. n.24, p.25-67, 1993.

DUARTE, M. E. L. Do Pronome Nulo ao Sujeito Pleno: A Trajetória do Sujeito no Português do Brasil. In: M. A. KATO; I. ROBERTS, (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.107-25.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. [Tese de doutorado]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. The loss of the ‘Avoid Pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO; NEGRÃO (Eds.). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana. 2000. p.17-36.

ELLIS, R. **Understanding second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: Theoretical and Experimental Issues in Contemporary Research. **Behavioral and Brain Sciences**. n.19, p.677-758, 1996.

- EPSTEIN, S.; HORNSTEIN, N. **Working Minimalism**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1999.
- EUBANK, L. (Ed.). Point Counterpoint: Universal Grammar in the second language. [**Language Acquisition and Language Disorders 3**]. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- EUBANK, L. On the transfer of parametric values in L2 development. **Language Acquisition**. n.3, p.182-208, 1993/94.
- EUBANK, L. Optionality and the initial state in L2 development. In T. HOEKSTRA; B. SCHWARTZ (Eds.). **Language acquisition studies in generative grammar**. 1994. p.369-88.
- EUBANK, L. Negation in early German-English Interlanguage: more 'valueless features' in the L2 initial state. **Second Language Research** n.12, p.73-106, 1996.
- EVERETT, Daniel. Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy. S.I.L. and U. of Texas, Arlington. **Publications in Linguistics**. n.123, 1996.
- FELIX, S. **Cognition and language growth**. Dordrecht: Foris, 1987.
- FERREIRA, M. **Argumentos nulos em português brasileiro**. [Dissertação de Mestrado]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas**. Campinas: Editora. da Unicamp, 1996.
- FLYNN, S.; O'NEIL, W. (Eds.). **Linguistic theory in second language acquisition**. Dordrecht: Kluwer, 1988.
- FLYNN, S. **A parameter-setting model of L2 acquisition**. Dordrecht: Reidel, 1987.
- FLYNN, S. Government-binding: Parameter setting in second language acquisition. In: **Crosscurrents in second language acquisition and linguistic theories**. C. FERGUSON; T. HUEBNER (Eds.). Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- FLYNN, S. A parameter-setting approach to second language acquisition. In: W. RITCHIE; T. BHATIA (Eds.). **Handbook of language acquisition**. San Diego: Academic Press, 1996. p.121-58.
- FLYNN, S.; G. MARTOHARDJONO. Mapping from the initial state to the final state: the separation of universal principles and language-specific principles. In: B. LUST; M. SUÑER; J. WHITMAN (Eds.). **Syntactic theory and first language acquisition: cross-linguistic perspectives**. v.1:

- Heads, projections and learnability.** Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1994. p.319-35.
- FONSECA, H. D. C. **Aquisição da sintaxe da negação no português brasileiro como segunda língua (L2).** [Tese de Doutorado em Linguística]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro In: I. ROBERTS; M. KATO (Orgs.). **Português brasileiro: Uma viagem Diacrônica.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.387-408.
- GALVES, C. Tópicos e sujeitos, pronomes e concordância no português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos** n.34, p. 19-32, 1998.
- GREGG, K. The logical and developmental problems of second language acquisition. In: W. RITCHIE; T. BHATIA (Eds.). **Handbook of Second language acquisition.** San Diego: Academic Press, 1996. p.49-81.
- GRIMSHAW, J. Minimal projection and clause structure. In: B. LUST, M. SUÑER; J. WHITMAN (Eds.). **Syntactic theory and first language acquisition: Cross linguistics perspectives.** HILLSDALE, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, v.1, 1994. p.75-83.
- GUILFOYLE, Etienne; NOONAN, Marie. **Functional Categories and Language Acquisition.** Paper presented to Boston University Conference on Language Acquisition, 1988.
- HAEGEMAN, L. Understood subjects in English diaries. **Multilingua** 9, 157-99, 1990.
- HERSCHENSOHN, J. **The second time around: minimalism and L2 acquisition.** Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- HORNSTEIN, N. **Move! A Minimalist Theory of Construal.** Oxford: Blackwell Publishers, 2000.
- HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of the empty categories. **Linguistic Inquiry**, n.15, p.531-74, 1984.
- HUANG, C. T. James. Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In: O. JAEGGLI; K. SAFIR (Eds.). **The Null Subject Parameter.** Dordrecht: Kluwer, 1989. p.185-214.
- HYAMS, N. **Language acquisition and the theory of parameters.** Dordrecht: Foris, 1986.
- HYAMS, N. The theory of parameters and syntactic development. In: T. ROEPER; E. WILLIAMS, **Parameter Setting.** Dordrecht, Holland: Reidel publishing, 1987. p.1-22.

- HYAMS, N. The null parameter in language acquisition. In: K. SAFIR; S. JAEGGLI (Eds.). **The null subject parameter**. Dordrecht: Reidel, 1989. p.215-38.
- HYAMS, N. A reanalysis of null subject in child language. In: J. WEISSENBORN; H.GOODLUCK and T. ROEPER (Eds.). **Theoretical issues in language acquisition**. Hillsdale, N.J.:Lawrence Erlbaum, 1992. p.249-67.
- JAEGGLI, O. **Topics in Romance Syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.
- JAEGGLI, O.; SAFIR, K. The null subject parameter and parametric theory. In: \_\_\_\_\_ (Eds.). **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989. p.1-44.
- KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: W. J. ASHBY; M. MITHUN; G. PERISSINOTTO; E. RAPOSO (Eds.). **Linguistic Perspectives on the Romance Languages**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1993. p.225-35.
- KATO, M. Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n.29, p.119-36, 1995a.
- KATO, M. Sintaxe e aquisição na teoria de princípios e parâmetros. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. n.30 (4), p.57-73, 1995b.
- KATO, M. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. **PROBUS**, n.11 p.1-37, 1999a.
- KATO, M. Questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.36, p.11-16, 1999b.
- KATO, M. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: M. KATO; E. NEGRÃO. (Eds.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p.223-58.
- KATO, M. Nomes e pronomes. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.36, n.3, p.101-12, 2001.
- KATO, M. A evolução da noção de parâmetros. **D.E.L.T.A.**, v.18, n.2, p.309-37, 2002.
- KATO, M. Child L2 acquisition: an insider account. In: N. MÜLLER (Ed.). **Vulnerable domains in Multilingualism**. John Benjamins, 2003. p 271-93.
- KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: M. A. MARQUES; E. KOLLER; J. TEIXEIRA; A. S. LEMOS (Orgs.). **Ciências da**

- linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga, CEHUM: Universidade do Minho, p. 131-45, 2005.
- KATO, Mary A.; DUARTE, M.E.L. **Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese**. Trabalho apresentado no Encontro da NWAV32, Filadélfia, 2003.
- KATO, M.; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em português. In: M. SOFIA Z. de PASCHOAL; M. ANTONIETA; A. CELANI (Orgs.). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. Educ, São Paulo, 1992. p.259-77.
- KATO, M; NEGRÃO, E. VAILATI (Eds.) **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Iberoamericana. Frankfurt M.: Vervuert, 2000.
- KAYNE, R. Null Subjects and clitic climbing. In: O. JAEGGLI; K. SAFIR (Eds.). **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p.239-61.
- KAYNE, R. **Parameters and Universals**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2000.
- KRASHEN, S. Lateralization, language learning, and the critical period: some new evidence. **Language Learning**, n.23, p.63-74, 1973.
- LENNEBERG, E. **Biological Foundations of Language**. New York: Wiley, 1967.
- LICERAS, M.; DIAZ, L. Topic-drop versus pro-drop: null subjects and pronominal subjects in the Spanish L2 of Chinese, English, French, German and Japanese speakers. **Second Language Research**, n.15-1, p.1-40, 1999.
- LICERAS, J.; LAGUARDIA, B.; FERNANDEZ, Z.; FERNANDEZ, R.; DIAZ, L. Licensing and identification of null categories in Spanish nonnative grammars. In: J. LEMA; E. TREVIÑO (Eds.). **Theoretical Analyses on Romance Languages. Current Issues in Linguistic Theory**. n.157. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 263-82, 1998.
- MAGALHÃES, T. M. V. **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro**. [Tese de Doutorado]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- MAGALHÃES, T.; SANTOS, A. L. **As respostas verbais e a frequência de sujeito nulo na aquisição do português brasileiro e português europeu**. Texto apresentado no 1º. CILP, UFSC, 2004. [Letras de Hoje, a sair] .
- MEISEL, J. M. The acquisition of the syntax of negation in French and German: contrasting first and second language development. **Second language research**, v.13, n.3, p.227-63, 1997.

- MEISEL, J. M. Revisiting Universal Grammar. **D.E.L.T.A.**, v.16, n. Especial, p.129-40, 2000.
- MILROY, L; MUYSKEN, P. Introduction: code-switching and bilingualism research, in L. Milroy P. Muysken (Eds.), **One speaker two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. New York: Cambridge University Press. 1995.
- NEGRÃO, Esmeralda V.; Ana Lucia MÜLLER. As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas. **D.E.L.T.A.** v.12, n.1, p.125-52, 1996.
- NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: I. ROBERTS; M. A. KATO (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.207-22.
- OLARREA, A. **Pre and Postverbal Subject Positions in Spanish: A Minimalist Account**. Unpublished Ph.D. dissertation, University of Washington, 1996.
- ORDÓÑEZ, F. Post-verbal asymmetries in Spanish. **NLLT** n.16, p. 313-46, 1998.
- OUHALLA, J. **Functional Categories and Parametric Variation**. London: Routledge, 1991.
- OUHALLA, J. **Introducing Transformational Grammar. From Principles and Parameters to Minimalism**. London: Arnold, 1999.
- PAGOTTO, E. G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: I. ROBERTS; M. A. KATO (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.185-206.
- PHINNEY, M. The pro-drop parameter in second language acquisition. In: T. ROEPER; E. WILLIAMS. **Parameter setting**. Dordrecht: Reidel Publishing, 1987. p.221-38.
- PINKER, S. **Language learnability and language development**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.
- PINKER, S. **The language instinct**. New York: William Morrow and Co, 1994.
- PINKER, S. **Words and Rules: The Ingredients of Language**. New York: Basic Books, 1999.
- POEPEL, D.; WEXLER K. The full competence hypothesis of clause structure in early German. **Language**. v.69, n.1, p.1-33, 1993.

- POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in English and y termino en español: Toward a typology of code-switching. **Linguistics**, 18, p.581-618, 1980.
- RADFORD, A. **Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax: The nature of early child grammars of English**. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.
- RAPOSO, E. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.
- RIZZI, L. Null objects in Italian and the theory of *pro*. **Linguistic Inquiry** n.17, p.501-57, 1986.
- ROBERTS, Ian. **Verbs and diachronic syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- RODRIGUES, C. Loss of verbal morphology and referential subjects in Brazilian Portuguese. In: D. LIGHTFOOT (Ed.). **Syntactic Effects of Morphological Change**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.160-78.
- RODRIGUES, C. **Impoverished Morphology and A-movement out of Case-domains**. [Ph.D Dissertation], University of Maryland, College Park, 2004.
- ROEPER, T.; WILLIAMS, E. (Eds.). **Parameter Setting**. Dordrecht: Reidel, 1987.
- ROEPER T. On universal bilingualism. **Bilingualism: Language and cognition**. v.2, n.3, p.169-86, 1999.
- SCHACHTER, J. Testing a proposed universal. In: S GASS; J. SCHACHTER (Eds.). **Linguistic perspectives on second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press 1989. p.73-88.
- SCHWARTZ, B. and SPROUSE, R. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: A longitudinal study of (L1 Turkish) German inter-language. In: T. HOEKSTRA; B. SCHWARTZ (Eds.). **Language acquisition studies in generative grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p.317-68.
- SCHWARTZ, B. and SPROUSE, R. L2 cognitive states and Full Transfer/Full Access model. **Second Language Research**, n.12, p. 40-72, 1996.
- SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**. n.10, p.209-31, 1972.
- SIGURDSSON, H. A. Argument-drop in Old Icelandic. **Lingua**, n. 89, p.247-80, 1993.

- SIMÕES, L. **Sujeito nulo na aquisição do português brasileiro: um estudo de caso**. [Tese de Doutorado], PUCRS, 1997.
- SIMÕES, L. Null subjects in brazilian portuguese: developmental data from a case study. In: M. A. KATO; E. V. NEGRÃO (Orgs.). **Brazilian portuguese and null subject parameter**. Iberoamericana-Vervuert, Madrid, 2000. p.75-103.
- SMITH, N.; TSIMPLI, I. M. **The Mind of a Savant: Language Learning and Modularity**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.
- SNOW, C. Relevance of the notion of a critical period to language acquisition. In: BORNSTEIN, M.H. (Ed.). **Sensitive Periods in Development: Interdisciplinary Perspectives**. Hillsdale N.J.: Lawrence Erlbaum, 1987. p.183-210.
- SPEAS, M. Null arguments in a theory of economy of projection. In: Functional Projections, **UMOP** n.17, p.79-208, 1994.
- SORIANO, O. Strong Pronouns in Null-Subject Languages and the Avoid Pronoun Principle. In: P. BRANIGAN et al. (Eds.). **MIT Working Papers in Linguistics**. n.11, 1989. p.228-39.
- STROZER, J. **Language acquisition after puberty**. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o Português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: I. ROBERTS; M. A. KATO. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.69-105.
- TARALLO, F. Creole located in time and space, LSA Institute, CUNY, Nova Iorque, 1986, In: I. ROBERTS; M. KATO, (Orgs.). Tradução de . V. Cerqueira, Sobre a Alegada origem crioula do Português Brasileiro. In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1986. p.35-68.
- TARRALO, F. **Tempos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.
- TORIBIO, J. Dialectal variation in the licensing of null referential and expletive subjects. In: C. PARODI; C. QUICOLE; M. SALTARELLI; M. ZUBIZARRETA (Eds.). **Aspects of Romance linguistic**. Washington: Georgetown University Press, 1996. p. 409-32.
- TSIMPLI, I. M.; ROUSSOU, A. Parameter-resetting in L2. **UCL Working Papers in Linguistics**. n.3, p.149-69, 1991.
- VAINIKKA, A.; YOUNG-SCHOLTEN, M. Direct access to X'-theory: Evidence from Korean and Turkish adults learning German. In: T.HOEKSTRA; B. D. SCHWARTZ (Eds.). **Language acquisition studies in generative grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p.265-316.

VAINIKKA, A.; YOUNG-SCHOLTEN, M. Gradual development of L2 phrase structure. **Second Language Research**. n.12 p.7-39, 1996.

XAVIER, Gildete R. **Aquisição do português brasileiro por um falante chinês**. [Dissertação de Mestrado]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

WEXLER, K. Optional infinitives, head movement and the economy of derivations. In: D. LIGHTFOOT; N. HORNSTEIN (Eds.). **Verb movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p.305-50.

WHITE, L. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. **Language Learning**. n.35, p.47-61, 1985a.

WHITE, L. Is there a 'logical problem' of second language acquisition? **TESL Canada Journal/Revue TESL du Canada**. N.2 p.29-41, 1985b.

WHITE, L. Universal grammar and second language acquisition. [**Language Acquisition and Language Disorders 1**]. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1989.

WHITE, L. **Second language acquisition and universal grammar**. Cambridge University Press, 2003.

ZHANG, Shi Argument drop and *pro*. In: H. BORER (Org.) **Proceedings of the Seventh West Coast Conference on Formal Linguistics**. Stanford: The Center for the study of Language and Information. p.363-74, 1988.

ZOBL, H. Canonical typological structures and ergativity in English L2 acquisition. In: S. GASS; J. SCHACHTER (Eds.). **Linguistic perspectives on second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p.203-21.